

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER NO VALE DO MINHO

MELGAÇO MONÇÃO VALENÇA P. COURA

CERVEIRA CAMINHA MOLEDO ÁNCORA

Calvolima Imobiliária

VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA

Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

CIT CORREIOS

Discutido em Melgaço o desenvolvimento motor das crianças



pág. 8

Nova dinâmica arciprestal

pág. 9



Unidade Pastoral Bartolomeu dos Mártires: Párcos 'in solidum' Raúl Fernandes (à esquerda do bispo D. Anacleto) e César Maciel (à direita). Tomada de posse em Paderne, paróquia que ficou vaga com a morte do pároco Padre José Alberto Sousa

Primeira Gala de Natal: "Melgaço em Patins" teve assinalável êxito



pág. 26

DESEJAMOS A TODOS OS NOSSOS ASSINANTES, LEITORES, ANUNCIANTES E COLABORADORES UM ANO 2018 COM SAÚDE, TRABALHO, ALEGRIA E AS BÊNÇÃOS DE DEUS.



Unidade Pastoral Paulo VI: Pároco João Paulo Torres Vieira, à esquerda de D. Anacleto, e Vigário Paroquial Carlos Martins (à direita) com o pároco cessante de Roussas e S. Paio, Padre António Esteves, no dia 8 de Dezembro, na tomada de posse presidida pelo Bispo da Diocese

Doutor José Marques, Académico Correspondente da Academia Auriense e Mindoniense de San Rosendo

pág. 3

Fazer pausa nas redes sociais

pág. 4

Quem apanha o fio à meada na Catalunha?

pág. 6

Apresentação do novo livro de Alberto Pereira de Castro

pág. 7

O consumismo na época de Natal

pág. 12

O desporto em Melgaço em 1945

pág. 13

Dinâmica empresarial de Parada do Monte

págs. 14-15

Histórias de Vida "Lá de Riba"

pág. 16

O legado linguístico de Sistelo

pág. 17

Burocracia afasta os investidores

pág. 18

Itinerário cultural transfronteiriço

pág. 22

Saudoso encontro de amigos em S. Gregório

pág. 23

D. Lourenço Vicente morreu à 620 anos

pág. 28

Três crónicas de viagens:

Terra Santa págs. 24-25

Cuba pág. 30

Mongólia págs. 31-32

Espumante

Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em **LONDRES**

José Gonzalez Garcia e o Filatelismo Português



José Gonzalez Garcia (Pepe) nasceu em Tui, filho de um industrial da mesma nacionalidade que em Valença lançou nos princípios do século uma indústria relacionada com o calçado de borracha. Rapidamente prosperou construindo em Abril de 1930 outra fábrica, alpergatas LUSITANA, também conhecida por "Ictori", também "PINTA AMARELA" inaugurou em 1962 mais um pavilhão de 3 pisos e rés-do-chão em betão armado destinado a armazéns, refeitório e cantina para os operários que em 1974 eram cerca de 100, com capitais distribuídos por outras empresas. Tinha uma casa em Tui, uma vivenda em Vigo e uma outra casa em Lisboa utilizada para venda dos seus produtos. Era a fábrica "Pinta Amarela" dedicada a botas de borracha e que durante os anos de guerra calçou os nossos soldados que partiam para África. Pai de muitos filhos, a todos inculuiu a sua personalidade lutadora e a sua simpatia natural

que o fazia estimado e admirado por quantos o conheciam. Todos se guindaram na vida, havendo dois que lhe seguiram as pisadas, associados a outros industriais. Um deles, o José Carlos Gonzalez, grande antiquário em Tui, tem também uma importante colecção e é Presidente do Clube Filatélico local, continuando a expor com grande interesse e brilho nas diversas exposições feitas em Portugal e na Galiza sempre muito premiadas. O irmão, Joaquim, recentemente falecido, era também um grande entusiasta da Filatelia. A Colecção pai foi comprada por um grupo suíço. Dado o seu grande valor não havia por aqui quem pudesse abalançar-se a comprá-la.

Um dos aspectos que o tornou mundialmente conhecido no meio cultural foi o seu gosto pelo filatelismo de que se tornou expoente máximo nomeadamente com a sua colecção de selos portugueses (a mais importante) e que lhe valeu a conquista de inúmeros Primeiros Prémios. Na última exposição filatélica internacional (estamos a referir-nos à década de 70 do séc. XX), realizada em Londres, que foi a de mais alto nível técnico até então, a sua colecção conquistou o GRANDE PRÉMIO DE HONRA, o máximo que um filatelista pode conquistar numa competição filatélica internacional. Escreveu a esse propósito Hugo Fraccaroli, vice-Presidente da Casa Filatélica do Brasil, que nesta ocasião

"ouviu os maiores elogios dos mais competentes filatelistas do mundo". Em 1966, por ocasião da primeira LUBRAPEX, no Rio de Janeiro Gonzalez Garcia veio pessoalmente e expôs parte da sua colecção. Nesta altura não conquistou somente o PRÉMIO LUBRAPEX, mas principalmente todos os filatelistas brasileiros, "agindo e tratando a todos de maneira gentil e amável como normalmente age em qualquer parte do Mundo". (Boletim do Clube Filatélico de Portugal, Ano XXV, Junho de 1971, nº239). Contam-se ainda no seu enorme palmarés exposições no Luxemburgo, em Londres, onde conquistou o Grande Prémio da Classe de Honra (Campeonato do Mundo), em Bilbau, em 1970, onde ganhou o Grande Prémio, em New York (Medalha de Prata com Felicitações do Júri), na Áustria. Teve convites para Conferências em muitos países, nomeadamente na América pelo prestigioso Collectors Club com uma palestra ilustrada sobre os primeiros selos de Portugal, para expor em Praga (Budapeste) e integrou diversos Júris em Luanda, Lisboa, Funchal, etc. Em 30 de Junho de 1971, por ocasião da inauguração da primeira sede de um Clube de Filatelia em Vila Nova de Famalicão foi condecorado com a Medalha da Comenda do Infante D. Henrique, acto a que presidiu o então Ministro de Obras Públicas, Transportes

e Comunicações Engº Arantes de Oliveira, que patrocinara a entrega deste galardão junto do Presidente da República Portuguesa, sendo a primeira vez que tal facto ocorreu. A mesa era constituída pelo Ministro das Obras Públicas e Comunicações, que presidia, ladeado, à direita pelo senhor Engº Manuel Barata Gagliardini, Director dos Serviços Industriais dos Correios e Telecomunicações de Portugal, e pelo homenageado, José Gonzalez Garcia, e à esquerda pelo senhor Capitão Francisco Lemos da Silveira, Presidente da Federação Portuguesa de Filatelia e pelo senhor Dr. A.J. de Vascelos Carvalho, Presidente da Direcção do Clube Filatélico de Portugal. Usando da palavra e feito o elogio da praxe foi por aquele elemento do Governo imposta a condecoração, não sem antes salientar o facto curioso de que sendo o homenageado espanhol se apresente nas várias competições integrando as embaixadas portuguesas.

*

Nos últimos anos de sua vida, José Gonzalez Garcia esteve recolhido na sua casa de Oia (Convento) nunca mais tendo vindo a Valença, diz-se que desgostoso pela atitude dos operários que, após o 25 de Abril, se opuseram a que retirasse da fábrica uns moldes destinados a outra sua Fábrica na Galiza.

Infelizmente nunca cheguei a visitá-lo como era meu desejo, o que se deve ao facto de não ter com ele qualquer intimidade, pois os nossos contactos foram sempre formais. Mas não posso deixar de lembrar a sua figura simpática, o seu dinamismo pelas coisas da Filatelia chegando a ter um Clube na cidade de Tui. Devo esta homenagem a um Homem que sendo espanhol, soube também ser português, que durante muitos anos se passeou por Lisboa, pelos seus restaurantes de luxo, onde era carinhosamente conhecido por "Dom Pepe".

Alberto Pereira de Castro

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:

redacao@vozemelgaco.pt
director@vozemelgaco.pt
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozmelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes

João Martinho Silva – Melgaço
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:

Abílio Francisco Conde – Melgaço
Alberto Magno P. Castro – Valença
Alcídio Silva Figueiredo – Porto
Álvaro Carvalho – Braga
Ana Cristina Costa – Braga
António Costa Guimarães – Braga
António Jorge Tavares – Açores
Armanda Urze – Melgaço
Arménio Augusto de Melo – Braga
Armindo Vaz (Dr.) – Macau
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos
Gaspar Caldas – Melgaço
Helena Matos – Braga
José Afonso Marques – Orense
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) – Monção
Manuel Félix Igrejas – Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) – Braga
Manuel José Pereira – Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Brasil
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa
Maria Nadele Costa Lopes (Dra.) – Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria
P.º Manuel Domingues – Chaviães
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa
Ramiro Lima Cerqueira – Melgaço

Membro da:

AIC – Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Mais um ano a contar com os nossos amigos!

Em recente encontro sobre comunicação, vários jornalistas se interrogavam como era possível existir um jornal de uma pequena e desertificada terra do interior do país com a qualidade de «A Voz de Melgaço»!

Tentei explicar a génese do jornal e o facto de ele sempre ter procurado ser a voz dos melgacenses. A participação espontânea de tantos e diversificados como solícitos e abnegados colaboradores é uma das chaves, pois não poderíamos pagar-lhes fosse o que fosse, para além da nossa sentida e constante gratidão. Alguns ainda nos brindam com uma ajuda monetária, pois sabem bem quantas despesas acarreta a feitura, impressão, expedição do jornal pelos CTT, pagamento de IVA, de IRC, e de segurança social do único colaborador a recibos verdes, sem falar das despesas de telefone, internete, dado que as outras despesas de logística são custeadas pela casa de família onde a redacção funciona, em Braga.

O apelo aos nossos assinantes para fazerem directamente o pagamento da assinatura tem resultado, pois não são demasiados os que se atrasam. Todavia, muito jeito nos fariam os assinantes se procurassem ter a assinatura em dia e, sobretudo, nunca mais atrasada do que um ano. Aqui fica o nosso veemente apelo.

Quiseram ser generosos com o jornal: Dr. Joaquim Agostinho Rocha, de Braga, saldando 2018, Ana Louro, desde Paris, e pagando já adiantado até 2020 inclusive; Alcindo Henrique Barbosa, de Lisboa, 2018; Júlia Vieites, do Canadá, pagando 2017 e 2018; Guerreiro e Lima, de Braga, pagando já até 2021; António Alberto Afonso, do Montijo; Fernando Rei Pires, de França, adiantando já 2019, Major Alberto Magno Pereira de Castro, de Valença como benfeitor, Dr. Manuel Cajão, de Coimbra, 2018, mas que ficou agarrado à nossa terra e ao jornal desde que esteve como médico em Melgaço; Dr.a Mónica Costa Araújo, de Braga.

A todos desejamos um bom ano 2018, na paz, harmonia e concórdia familiar bem como nas relações com vizinhos e demais cidadãos.

E que não haja mais tragédia nos incêndios e que estes sejam reduzidos ao mínimo. E que haja muitas menos mortes nas estradas. E muitas menos mortes por separações, ciúmes e rancores.

Saibamos ser construtores da paz.

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do
Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio
Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e
Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E
EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. – Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal – 20 Euros
Estrangeiro – 25 Euros

Doutor José Marques Nomeado Académico Correspondente da Academia Auriense e Mindoniense de San Rosendo



Em acto solene de 2 de Dezembro último, presidido pelo bispo de Orense, Monsenhor Lemos e co-patrono da já referenciada Academia das dioceses de Orense e Mondonhede, que tem como patrono máximo o grande São Rosendo, tomou posse como Académico Correspondente da mesma Academia o nosso conterrâneo, prezado amigo e distinto colaborador, Cónego Doutor José Marques. A nomeação para Académico correspondente já tinha ocorrido em 26 de Abril de 2013. Este acordo de nomeação foi apadrinhado pelos doutores Miguel Angel Garcia, José Maria Diaz Fernandez e Cesáreo Iglesias Grande. A entrega do diploma, da medalha e dos estatutos da mesma academia foi apadrinhada pelo Doutor Francisco Javier Pérez Rodríguez.

Da acta de nomeação, destacamos estas passagens: «O novo académico goza de um geral e reconhecido prestígio como docente e investigador, sendo muitos os seus livros e colaborações em revistas científicas, especialista no mundo medieval e monástico do Norte de Portugal e da Galiza, destacando-se a recente rigorosa edição do Cartulário de Fiães.

A Academia enriquece-se com a sua presença e os seus trabalhos que, em tantas ocasiões, apresentam notáveis conhecimentos nos âmbitos de estudo da nossa Academia».

O Doutor José Marques agradeceu a distinção com palavras cheias de afecto e assinalando o verdadeiro interesse que lhe merecem nas suas investigações os temas relacionados com o Norte de Portugal e a Galiza.

O Boletim da Academia «Notícias Rosendianas», de 21 de Dezembro, destaca na página 21 a recente compilação de trabalhos do doutor José Marques, reunidos no livro: «Alto Minho e Galiza: Estudos Históricos» sobre o Norte de Portugal e a Galiza, publicação que facilita o acesso a muitos trabalhos dispersos e que são de grande valor para as finalidades prosseguidas pela Academia. Destacam ainda que a obra foi editada pela Universidade do Minho e a Câmara Municipal de Melgaço.

Naturalmente que nos regozijamos com mais esta distinção e felicitamos o Doutor José Marques, desejando que 2018 continue a proporcionar-lhe a saúde necessária para os tantos trabalhos que tem em mãos. Quem dera que pudesse acometer a tão almejada por ele mesmo. «Monografia de Rouças».



G Gripe (e constipações): "O fruto da época"

Chegado o outono/inverno chega também a altura dos espirros, tosses e demais sintomas que tanto associamos às gripes e constipações. É comum falar de uma e outra entidade como se do mesmo se tratasse e até há quem diga que tomou a vacina da gripe mas que de nada valeu porque a constipação apareceu igualmente. É por isso importante entender que ter uma gripe e uma constipação é diferente.

Tanto as gripes como as constipações são causadas por vírus respiratórios. Estas têm muitos sintomas semelhantes e podem por isso ser facilmente confundidas e até mal diagnosticadas. Enquanto uma constipação geralmente desaparece dentro de alguns dias, a gripe pode por vezes evoluir para complicações mais graves e até fatais.

É impossível prevenir o início de uma constipação comum. É um vírus de transmissão aérea muito contagioso e não existem vacinas ou medicamentos que possam impedir de o infectar, a não ser que evite o contacto. A gripe, por outro lado, pode ser prevenida com uma vacinação precoce. É por isso fácil entender que alguém que esteja vacinado contra a gripe pode vir a ficar constipado e que esse não deve ser argumento para que as pessoas com indicação, evitem a vacinação.

Uma questão comum é: porque é que é esta a altura do ano com mais gripes e constipações? Quando há uma queda da temperatura e quando os raios UV são

mais fracos, o vírus sobrevive tempo suficiente para poder ser transmitido de uma pessoa infectada para uma pessoa saudável. No Inverno, existem também outros fatores facilitadores da transmissão tal como o facto de as pessoas permanecerem muito mais tempo em locais fechados com pouca circulação de ar.

Outra questão pertinente é qual é o período de incubação e contágio da gripe? A incubação dura em média 2-4 dias e o contágio inicia-se 1 a 2 dias antes dos sintomas e vai até 5 dias depois deles aparecerem. A gripe pode ser evitada através da vacinação e da redução de contactos com pessoas infectadas.

Quem deve ser vacinado contra a gripe de forma prioritária? Pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, doentes crónicos e com a imunidade em baixo com 6 ou mais meses de idade, as grávidas e os profissionais de saúde e outros prestadores de cuidados.

Sabia que a vacina da Gripe pode ser gratuita nos casos em que é fortemente recomendada? A vacina é administrada gratuitamente no seu Centro de saúde em pessoas com idade igual ou superior a 65 anos; pessoas que independentemente da idade sejam residentes em instituições; doentes integrados na Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados; pessoas apoiadas no domicílio pelos Serviços de Apoio Domiciliário; doentes apoiados no domicílio pelas equipas de enfermagem das unidades de saúde; doentes internados em unidades de saúde pertencentes ao Ser-

viço Nacional de Saúde que apresentem as condições para as quais se recomenda a vacina. Também é gratuita e fortemente recomendada em pessoas de qualquer idade com as seguintes doenças crónicas ou condições: Diabetes; terapêutica de substituição renal (hemodiálise); Trissomia 21; a aguardar transplante ou já submetidas a transplante; sob quimioterapia; Fibrose Quística; Défice de alfa-1 antitripsina e doença crónica com comprometimento da função respiratória.

A vacina pode ser administrada durante todo o outono/inverno, de preferência até ao fim do ano civil, portanto está ainda a tempo de fazer a sua vacinação.

E afinal qual é a eficácia da vacinação? A vacina é eficaz uma vez que em 75% das situações evita o aparecimento da gripe e em 98% dos casos diminui a gravidade da doença, pelo que vale a pena pensar nisto!

E se a gripe chegar o que fazer? Procure isolar-se das outras pessoas de forma a diminuir o contágio; descansar, ingerir muitos líquidos (água preferencialmente) e manter a alimentação; evitar mudanças de temperatura; tomar medicamentos para baixar a febre (paracetamol); fazer atmosfera húmida (se tiver tosse) e aplicar soro fisiológico para desentupir/descongestionar o nariz. Não se esqueça que durante o período de doença não deve ser vacinado!

Esteja atento e cuide de si. Não se esqueça que nós somos os primeiros médicos de nós mesmos.

Alexandra Táboas

ESTHETIC SMILE
HEALTH CARE

CARTÃO CONSULTA
CUSTA MENOS
SORRIR MELHOR

INFORME-SE E ADQUIRA PARA
BENEFICIAR DE PREÇOS ESPECIAIS
E VANTAGENS EXCLUSIVAS
DURANTE TODO O ANO

RESTAURANTE "O Adérito"

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrillo Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

Fazer uma pausa na frequência das redes sociais

Uma severa imprecação contra as redes sociais, acusadas de estarem "a destruir a forma como a sociedade funciona", correndo os mecanismos basilares do relacionamento humano, talvez não tenha tido a atenção que merecia. O relevante não é sobretudo a afirmação, de teor idêntico a múltiplas outras, mas a circunstância de ter saído da boca de um antigo vice-presidente do Facebook, Chamath Palihapitiya. O facto de serem aqueles que melhor conhecem as redes sociais a alertarem para os seus malefícios – ou aos malefícios das suas contínuas derivas – é algo que deveria merecer cuidada ponderação.

A investida de Chamath Palihapitiya ocorreu no dia 10 de Novembro, durante uma palestra privada na escola de negócios da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos da América, e foi agora tornada pública pelo site de tecnologia The Verge com assinalável repercussão internacional. O diário britânico The Guardian e o espanhol El

País foram alguns dos jornais que, esta semana, deram conta dos avisos de Chamath Palihapitiya: "Vocês não reparam, mas estão a ser programados. Não foi intencional, mas agora vão ter de decidir quanto da vossa independência intelectual vão ter de abdicar". Manifestando uma "culpa tremenda" pelo papel que desempenhou no Facebook, o antigo vice-presidente da rede social deplorou que as interações humanas se estejam a resumir à exibição de polegares e de corações, que a conversa civilizada e a cooperação estejam a ser limitadas e que a desinformação e a desconfiança estejam a ser incentivadas.

O palestrante fez referência ao que aconteceu em Maio, no estado indiano de Jharkhand, onde sete pessoas inocentes foram linchadas por se ter feito crer, através de mensagens difundidas através do WhatsApp (uma aplicação propriedade do Facebook), que seriam sequestradores de crianças em actuação na

zona, sendo certo que não houve qualquer criança sequestrada na região. A ocorrência serviu para exemplificar a facilidade com que se podem manipular grandes grupos de pessoas e mostrar as trágicas consequências que desse procedimento podem advir. O caso não foi, de resto, único. Muito falada foi também a história de uma brasileira de Guarujá, no litoral de São Paulo, que morreu após ter sido espancada por causa de um boato, propagado através de uma página do Facebook, que referiu que ela sequestrava crianças para usar em rituais de magia negra. É, aliás, por serem de tal modo vulgares que estas falsas denúncias, e as suas consequências graves ou potencialmente graves, foram já o tema de um episódio da série policial francesa Candice Renoir, emitida pela RTP2.

Não espantará que Chamath Palihapitiya se tenha declarado como uma espécie de objector de consciência do uso das redes sociais. Observando que não pode controlar o Facebook, explicou que pode, todavia, controlar as suas resoluções e as dos filhos, tendo decidido "não usar essa merda". O antigo vice-presidente do Facebook, que depois fundaria a Social Capital, um fundo que financia investimentos em sectores como a saúde e a educação, esclareceu que não abandonou completamente as redes sociais, mas que tenta usá-las o mínimo possível. Do seu exemplo, retirou uma recomendação: fazer uma pausa na frequência das redes sociais. "Encorajo-vos, todos, a interiorizar a gravidade do problema", disse ele, explicando que "se alimentarem a besta, ela irá destruir-vos".

A imprensa internacional e, entre nós, na quinta-feira, o Jornal de Notícias recordaram que as críticas coincidem com as que recentemente subscreveu outro antigo responsável do Facebook, o primeiro presidente da empresa, Sean Parker, que acusou a rede social de, ao recorrer ao "circuito perpétuo de validação social", estar a "explorar uma vulnerabilidade na psicologia humana". Disse ele que o Facebook foi planeado para consumir o máximo de tempo e atenção consciente. Não se pode dizer que não esteja a ter êxito. E que esse sucesso não seja socialmente pernicioso.

*Eduardo Jorge Madureira Lopes
in Diário do Minho, 24-12-2017*

REFLEXÕES ESPIRITUAIS

"O progresso da Humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade."

(Allan Kardec)

Qual é o objetivo da vida?

Tudo evolui, desde o átomo, plantas, animais, homens, planetas e universo. A nossa meta será a perfeição. Para isso, iremos necessitar de evoluir, através de várias experiências de vida.

Portanto, o nosso principal objetivo, enquanto seres espirituais, é a nossa evolução.

O ser humano tem evoluído desde os tempos dos primatas. Nesses tempos, os espíritos, ou almas, que habitavam esses corpos, tinham ainda pouco desenvolvimento moral e intelectual.

Era notório o seu instinto, animalesco, pela sobrevivência. Aí, os espíritos, devido à sua pouca evolução, desenvolviam, nesses meios, maioritariamente o seu instinto de sobrevivência, onde o sentimento do Amor ainda tinha pouca relevância. Matava-se pela sobrevivência. Reinava a discórdia e a violência.

Nestes milénios passados, os espíritos, através da encarnação nos corpos humanos, foram aprendendo a viver em comunidade: as mortes começaram a ter bastante impacto nas suas emoções; os sentimentos começaram a desenvolver-se no caminho do amor.

Houve espíritos já bastantes evoluídos para a sua época, como Pitágoras, Sócrates, Descartes ou – o mais conhecido – Jesus, que impulsionaram, com os seus ensinamentos e exemplos, a evolução dos espíritos, e mostraram o caminho que devemos aprender, e seguir, para evoluirmos.

Agora, olhando para trás, vendo os milénios que passaram desde então, conseguimos perceber a imensa evolução que ocorreu. E esta evolução nunca irá parar, seguindo em direção à perfeição, aproximando-nos cada vez mais de Deus.

Quando se deu o nascimento do nosso atual corpo, deu-se a continuidade da nossa evolução, e utilizaremos esta vida atual para nos aperfeiçoarmos, para melhorarmos os nossos sentimentos, desenvolvendo as capacidades intelectuais e morais, e entenderemos que as adversidades da nossa vida têm carácter terapêutico.

Ainda estamos numa fase evolutiva em que temos sentimentos negativos, que no futuro desaparecerão, como o arrependimento, o ódio, a inveja e demais sentimentos negativos que nos têm acompanhado desde sempre.

Mas o Amor, esse será o sentimento que não parará de crescer!

Caros leitores, investamos tempo no nosso aperfeiçoamento, com Amor, porque, se olharmos para esses tempos longínquos, vendo como se vivia, e comparando-os com o presente, certamente que teremos uma luz de como será o futuro!

Henrique da Silva

FLASHS DO CICLO

A Catalunha e as Eleições

Era uma vez um pasteleiro que teve um sonho, o qual o transformou em Presidente da República. Assim, pensando que tinha todo o poder na sua mão, ignorou tudo e todos, desrespeitando a Constituição, Leis e ordens dos Tribunais competentes, bem como avisos do Rei, principal responsável, por cumprir e fazer cumprir a Constituição, assim como o presidente do Governo que tudo fez para o desviar das suas atitudes e evitar accionar o Artº 155º. Nada o susteve. Nem o facto do seu antecessor estar mergulhado num processo, referente ao 9N, pelo qual há dias lhe arrestaram a residência, o Pasteleiro, continuou na sua caminhada, levando a efeito o 10, contra tudo e contra todos. Resultado: O Pasteleiro e mais quatro, auto se intitularam desterrados em Bruxelas. Ou seja. Podem morar lá e podem viajar por toda a Europa, visto possuírem o cartão de cidadão espanhol. Só não podem entrar em Espanha, nem no país que criaram, pois aí serão presos e vão fazer companhia aos colegas que lá estão presos.

Agora, as eleições mostraram uma Catalunha mais dividida. Ou seja o partido que, em princípio, era considerado o mais fraco "Os cidadãos", foi o que ganhou as eleições quer em votos quer em deputados. Porém, os partidos da independência, formam maioria, para governo, mas perdem no número de votos, menos 1700 votos. Assim, aguardemos pelo dia 22 de Janeiro para ver como vai ficar. Até lá desejo a todos os melgacenses em geral e em especial a todos os que contribuem para o engrandecimento deste jornal um ano próspero e felicidades.

Arménio Melo

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES

TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO

TELEM. 969 065 676

A produção escrita de António Luís Vaz

CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo XII

O Cativo de Babilónia... (3ª Parte)



Em resumo: notam-se em Portugal inteligências que poderiam afirmar através do mundo as nossas riquezas, virtualidades e deslumbramento filosófico. Como não há uma faculdade de filosofia em condições, quero dizer, onde se ensine a filosofia – toda a filosofia e não apenas um ou vários ramos; e uma só filosofia, e não a história da filosofia, embora esta faça parte integrante daquela –, não esperemos que os portugueses saídos de lá ou estimulados pelo autodidatismo cheguem a posições de relevo nos meios europeus.

Tenho posta a melhor esperança nas camadas novas dos Seminários. Lamento com sinceridade que, pressentindo-se aliás, como estremecimento de primavera, uma que outra manifestação de possibilidades filosóficas em cheio, estas não possam desenvolver-se ao máximo por falta de clima próprio e de circunstâncias ambientes.

Temos, no domínio político, uma escola de valor. A Europa inveja a nossa experiência, a grande lição dos mestres do pensamento político português.

Enquanto ela se debate nas vascas da agonia, a Península, como no século XVI, concentra-se, fecha-se adentro de si mesma, envia ao cadinho dos princípios tradicionais as ideias importadas, espera a hora de intervir na reconstrução do mundo... Receio, todavia, que a Espanha se veja só, incapaz de per si para fazer face a tanto erro, a tanta mentira, já que Portugal não dispõe de um escol dirigente com boa estrutura filosófica nem tem pressa em o conseguir...

No século XVI, tivemos os Conimbricenses, Évora, Salamanca, Alcalá. E Hoje? A Es-

panha soube cumprir: firmou-se na lição do passado. Colheu dos grandes séculos a experiência que agora lhe faz falta. Recorreu às Humanidades e à Filosofia como último reduto a impor à invasão das ideias. Espera com sangue frio a avalanche. E nós?

Lembremo-nos de que esta guerra, posto se decida pelas armas, no entanto continuará em aberto até que as ideias mais fortes – quero dizer, com os melhores espíritos a defendê-las – tenham esmagado as outras...

Onde estão os nossos escritores políticos? Para que deixam o terreno aberto aos aventureiros? Porque se atreve apenas a sair um ou outro à liça?

Porque não vamos para a reforma do ensino? Temos de refundir o homem, transformá-lo.

De que servem os técnicos, sem a estrutura do humanismo e sem os grandes alicerces da filosofia?

Reforme-se já a faculdade de filosofia e vamos a enfrentar o problema de vez.

Em Coimbra, continuam a ouvir-se os nossos grandes mestres: embora no túmulo, a voz dos séculos torna-os ainda presentes. A Filosofia portuguesa soube em tempos influenciar a Europa e o mundo. Quem a torna hoje conhecida ainda são os Conimbricenses. Porque não volta a faculdade a ter na devida conta essa velha escola, cheia de prestígio internacional, embora refundida, adaptada, aos novos tempos?

A «Crise da Civilização» continua em aberto, enquanto se não resolverem os problemas fundamentais.

O das ideias é o primeiro. A filosofia é a grande responsável de quanto sucede agora.

Vejam a cadeia: Scoto, Durando, Occam, Lutero, Protestantismo, Descartes, Spinoza, Kant, Idealismo. Comte, Marx, Lenine, a Rússia, Hegel de novo e Machiavel – a Alemanha e a Itália – a dura experiência de um século de lutas, uma filosofia prenhe de grandes erros: o liberalismo, defrontando-se com o totalitarismo, embora ajudando outro, bem mais perigoso.

Liberalismo, maçonaria, totalitarismo, comunismo, eis os grandes erros do nosso tempo. A civilização ocidental está em perigo.

Ameaçam ruína os três grandes pilares em que assenta: Jerusalém, Atenas, Roma. Jerusalém, com a sabedoria judaica, as tradições orientais, milénios de séculos de experiência humana; Atenas, com o poder criador, sistematizador, dinâmico da razão; a Cidade Eterna, com a organização, a política, a administração, a força e, mais que tudo, a religião divina, o cristianismo – síntese e cúpula de todo este pensamento secular.

A prostituta, que em Notre Dame simbolizava a razão, podia estremecer de raiva, ao atentar nos futuros duma inteligência incapaz de nortear-se pelo bom senso e pela realidade. E, ao verificar o marasmo especulativo da mentalidade de fins do século XVIII, princípios do XIX, o enfado para com o idealismo germânico, o asco à filosofia, dir-se-ia que a pobre razão sofreu, no mais íntimo de si mesma, a grande humilhação da catástrofe a que nos levará.

Durante mais de 70 anos, abandona a filosofia e como que se desinteressa dos altos problemas da metafísica. A experiência tinha sido horrível e, ainda nos

fins do século XIX, Brentano havia de referir-se com reserva ao idealismo, que descolara do fenómeno para divagar no irreal.

Mas – pobres de nós – é fascinadora a tentação dos píncaros, a vertigem dos cumes. Fora engano a reacção espiritualista de *Cousin* (1792-1867), o tradicionalismo de *José de Maistre* (1754-1821), de *Luís de Bonald* (1754-1840), de *Donoso Cortés* (1809-1853) e de *Balmes* (1810-1848), todos eles dispostos a chamar a razão à simples realidade dos factos e empenhados em mostrar-lh as tristes consequências da pseudo-libertação, tão apregoada desde a Renascença. Os problemas sociais postos por eles deram em resultado as doutrinas utópicas dos socialistas, despertaram *Saint-Simon* (1760-1825), *Fourier* (1772-1837) e *Proudon* (1809-1865), que forneceram elementos preciosos a *Comte* (1798-1857), o pensador mais revolucionário, mais fecundo do século XIX.

O seu relativismo, o carácter social dos seus trabalhos, o ateísmo que professa, o ar catedrático, a olímpica grandeza com que se refere à ciência, influenciaram enormemente várias gerações de todo o século XIX e começos do XX. Vagas sucessivas de irreligião e positivismo rolaram de França a Tóquio, de Moscovo a Washington e a Buenos Aires.

De que valera aos naturalistas do século XVI e XVII arvorearem-se em férvidos prosélitos da Nova Filosofia, ridicularizando os neo-escolásticos, metendo-se afoitamente por avenidas largas de esperança e de audácia?

Ao surto positivo da filosofia, desde *Descartes* a *Leybnitz* e a *Kant*, sucedeu o idealismo; a este, o período morto de 70 anos e, depois, outra vez a reacção do

fenómeno contra o mundo do espírito. Em fins do século XIX, a reacção far-se-á sentir, mas contra o positivismo, contra a suposta ignorância da metafísica, chamando-lhe a atenção para o facto de estabelecer novas certezas – novas certezas em filosofia!... – abstraindo de elementos que ele utilizava, sem dar por isso.

Este anacronismo foi posto em evidência e *Comte* dorme hoje a sono solto no museu da história do pensamento. A fé cega no poder da Ciência, a construção dum mundo novo baseado nela, a crença no progresso indefinido, a certeza de que vamos para a criação do Paraíso na terra, tudo isso evoluiu num sentido inesperado. A inteligência parece reafirmar os seus direitos. A Europa ocidental quer salvar-se, reintegrando-se nos caminhos do passado. Mas, lá para oriente... é ainda *Comte*, através de *Marx*, de *Engels*, de *Lenine* e dos doutrinadores comunistas, quem despoticamente governa as inteligências...

A barbárie contra nós, os do ocidente. Europa e Ásia defrontam-se numa luta de morte: seja qual for a sorte das armas, a batalha continua no domínio do pensamento, no campo da filosofia. E ergam-se barreiras intransponíveis; levantem-se bocarras de canhões famintos de sangue; caia sobre nós o dilúvio apocalíptico de metralha e de desgraças, a vitória será de quem se revelar mais forte em pensamento, em ideia, em filosofia.

Agora e sempre, é ainda o espírito o senhor do mundo...

A. Luís Vaz

SERRALHARIA
MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

Santa Rita

Vão chegando os donativos para as obras reparadoras dos estragos do incêndio de 24 de Setembro. O casal Alberto Carvalho e Gina, naturais de Esposende e a trabalharem e residirem em Nantes - França, enviaram o seu donativo para as obras. Entretanto, como ardeu a Igreja de Lavradas, em Ponte da Barca, as paróquias de Melgaço solidarizaram-se e remeteram as primeiras ajudas.

Creio que feito isto, fica apenas ver pequenas correcções e preencher o resto da primeira página. Pensa no enquadramento para estes dizeres: «Bom Ano 2018: aos nossos prezados assinantes, anunciantes e colaboradores desejamos um 2018 com boa saúde, trabalho e cheio das bênçãos de Deus.

Numa Catalunha a sangrar quem apanha o fio à meada?

No meio da grande confusão nascida dos resultados do dia 21 de Dezembro, na Catalunha, ficou claro que nunca existiu essa coisa de um "só povo" mas a Espanha têm um problema que os actuais protagonistas do PSOE ao PP, amparados pelo Rei, foram rejeitados como mediadores. Quem pode desenrolar o novelo? A Espanha e a Catalunha esperam por alguém que desenrole este novelo e o Rei estava a dormir no trono...



Após vários meses a monopolizar o debate político, a Catalunha não mudou um centímetro mas é a Espanha que se move.

Rajoy é o grande responsável activo porque a aplicação do art. 155 foi tardia e traduziu-se numa decisão covarde: convocar eleições com o simples objectivo de evitar o suplício de controlar à distância uma administração autonómica.

Quando convoca eleições, Rajoy não sabia que tudo ia correr mal, a começar pelo seu PP (que desaparece) e a acabar nos resultados dos independentistas que deixaram tudo como estava.

O outro grande erro foi transformar uma questão política num problema judicial para ganhar tempo e evitar respostas políticas mais arriscadas.

A máquina judicial tem ritmos que Rajoy não pode controlar e quando começou a funcionar, mandando os líderes independentistas para a prisão, em pleno campanha eleitoral, já não tinha possibilidade de a travar... mesmo com a silenciosa hipocrisia europeia que não fez uma crítica a uma campanha eleitoral (desigual) com candidatos no cárcere ou exilados.

Outro derrotado é o líder de Podemos — ao alinhar com o PP na aplicação do art. 155 com a promessa de uma reforma constitucional. Pedro Sanchez não serviu nem a Espanha nem a Catalunha e o PP de Rajoy não quer reforma constitucional.

Com menos de 20 deputados, Podemos vê emergir um projecto alternativo: Cidadãos, o grande vencedor da noite mas incapaz de uma solução soberanista.

Esta é a verdadeira mudança que aconteceu na noite da esperada vitória dos independentistas numa campanha com líderes presos ou

exilados que varre a esquerda do PSOE e sacode o centro do xadrez político de Espanha.

Mas há mais elementos a destacar nesta mudança: as eleições da Catalunha alcançaram um recorde histórico com uma participação de 81,95%. É um aumento de sete pontos face às eleições autonómicas de 2015.

Perto ficam os 79,9 % das eleições gerais de 1982, quando PSOE de Felipe González venceu.

O FALHANÇO DO REI

Na sua mensagem de Natal, Felipe VI foi a imagem do seu próprio falhanço.

Os espanhóis aguardam que o único poder real — nas monarquias modernas — em tempos de incerteza, de crise e de convulsão, é mediar as partes, aproximar posições, ajudar a resolver os problemas, a partir da sua cátedra neutral que defende o bem comum e busca representar os anseios do conjunto dos espanhóis.

Felipe VI, lamentavelmente, não fez esta escolha. Já o tínhamos percebido no discurso de 3 de Outubro, quando o Rei decidiu meter-se na política, ao assumir o ponto de vista de certos partidos e renunciar, nesse dia, a representar vários milhões de espanhóis.

No discurso de Natal, Felipe VI não teve uma palavra de carinho para as centenas de pessoas pacíficas que foram agredidas no dia 1 de Outubro por ordem do Governo.

O discurso de Felipe VI voltou a deixar de fora pelo menos 6,5 milhões de espanhóis e de votantes de partidos que defendem o diálogo e a plurinacionalidade

e ocupam 95 dos 350 lugares do Congresso dos Deputados.

Depois de muita dor, sangue e sofrimento, volta a haver uma maioria independentista na Catalunha e o rei foi incapaz de um primeiro gesto de auto-crítica no Natal e falou como se não tivessem sido realizadas as eleições de 21 de Dezembro.

Os espanhóis, após a crise da Catalunha, que continua a sangrar têm mais razões para se questionarem: Para que serve um regime monárquico que elege bandos onde grassa a corrupção, que esquece uma boa parte do seu povo, não soluciona os problemas e apenas os agrava?

PUIGDMONTE E ARRIMADAS: QUE FAZER COM A VITÓRIA?

A Catalunha é plurinacional e os resultados também mostram que não existe uma esquerda ou uma direita porque os catalães optaram por escolher a melhor resposta ao processo pós art. 155.

Tanto Puigdemont como Inès Arrimadas representaram, surpreendentemente, o voto que oferece a certeza, seja ela qual for, naquela que foi a maior votação da história democrática da Catalunha.

O primeiro representa o presidente legítimo que foi deposto por força invasora, pelo que a restituição do cargo se converte numa questão de honra.

A segunda assemelha-se a uma Joana d'Arc populista e valente que rompe com o *status quo* e se atreve a afrontar aquele que acreditava estar acima da lei.

Ambos possuem a voz autori-

zada que dá valor ao conteúdo do que afirmam e nem um nem outra são pessoas de Direita.

As paixões e a identidade não são obstáculos à prática política mas são elementos seus constituintes. Negar a paixão e identidade de um e de outra é negar a política catalã.

Os catalães votaram contra todas as ameaças dos independentistas e àqueles que anunciavam o colapso económico, os números desta semana mostram que o crescimento económico de Espanha não sentiu efeitos da crise catalã. Afinal, as três mil empresas deslocaram-se dentro do território espanhol.

Face a estes números económicos e das eleições — sempre agitados por Mariano Rajoy — se este tivesse um mínimo de dignidade e a quisesse para o seu PP, apresentava a sua demissão de imediato e convocava eleições gerais.

Mesmo com todas as ameaças, como as da ruína económica, a fugas de empresas, as porradas nas manifestações, a prisão de dirigentes, a anulação da soberania catalã e da sua autonomia deixaram um povo estupefacto e ferido, acossado mas motivado...

Qualquer observador sensato pode verificar que, na Catalunha, uma das regiões mais ricas e desenvolvidas da Europa, uma parte substancial da população esteve durante muitos anos a apoiar com os seus votos e na rua um conjunto de políticos que são os mais irresponsáveis, impostores e manipuladores da Europa.

Se alguém tinha alguma dúvida, o dia 21 de Dezembro mostrou até que ponto a rebelião independentista (não) arrasou o tecido político e social da Catalunha.

Com este parlamento saído das

urnas será impossível constituir um Governo maioritário.

Governar exige duas coisas: um programa (conjunto de medidas que expressem o a vontade de quem votou) e que esse programa seja executável. A insistência no referendo de autodeterminação tornará inviável as duas coisas.

Mariano Rajoy experimentou a maior derrota da sua carreira política e não pode esconder-se atrás da Garcia Albiol, culminando uma estratégia temerária que descuidou e se traduziu na maior negligência de Estadista.

Os catalães não perdoam a Rajoy o uso da força. Ele não era apenas o líder de um partido. É também o Chefe do Governo de Espanha, o que devia arrefecer os seus ímpetos partidários que impediram de oferecer uma palavra de tolerância a acolhimento aos catalães. Todos os que o apoiaram naufragaram.

O resultado desta teimosia é simples; o independentismo afirmou-se e está mais legitimado, moralmente mais forte, com Puigdemont à frente. Rajoy tem de sair.

Estamos ante a maior crise do PP desde que Aznar tomou as rédeas enclausurando a AP de Fraga para sempre.

Rajoy e o PP são os responsáveis maiores por não escutar e por desprezar metade da população da Catalunha. As bastonadas em milhares de pessoas indefesas e pacíficas extremaram as posições.

E agora? Vão deter o president da Generalitat eleito quando chegar a Barcelona para ser investido? A Espanha e a Catalunha esperam por alguém que desenrole este novelo e o Rei estava a dormir no trono...

Costa Guimarães

Apresentação do "Livro da Clerizia Valenciana"



No dia 30 de Novembro, pelas 21 horas, teve lugar no Arquivo Municipal, a apresentação do "Livro da Clerizia Valenciana", da autoria de Alberto Pereira de Castro, que esteve a cargo do Arcipreste do Concelho, Padre Dr. Manuel Gonçalo Pereira do Vale, pároco das paróquias de Cerdal e de Ganfei, e foi presidida pelo Presidente da Câmara Municipal, Dr. Jorge Salgueiro Mendes. A cerimónia foi participada por um considerável número de pessoas que encheram literalmente o Salão Nobre daquela Instituição e iniciou-se com palavras daquele Autarca que, congratulando-se com o acontecimento, teve palavras de muito apreço pelo Autor que, apesar de condições delicadas de saúde, continua a dedicar à História de Valença a melhor atenção

estando certo de que outras obras ainda virão, apesar do cepticismo com que este responde quando interrogado sobre futuros trabalhos. Seguiu-se a intervenção do Padre Dr. Gonçalo que com autêntico à-vontade e maestria dilucidou o trabalho, explicando o significado e o porquê de certos termos técnicos e encarecendo o valor do livro, único no género, e que enquadrou no ano em que se comemoram os 40 anos da formação da Diocese de Viana do Castelo. Por fim, usou da palavra Alberto Pereira de Castro, que agradeceu a presença dos assistentes, apesar da noite fria deste final de Outono, e do Presidente da Câmara que sempre o tem apoiado nos seus trabalhos, referindo, a propósito, que o seu actual mandato é por todos encarado com a maior expectativa, dado

o facto de o projecto de desenvolvimento de Valença estar em pleno desenvolvimento e se aguardar a classificação de Valença como património da Humanidade – o que será, frisou, a cereja no topo do bolo – e ser obrigação de todos, mas particularmente dos historiadores e dos agentes económicos e culturais colaborarem neste importante desígnio. Teve depois palavras de muito apreço para com o apresentador que, disse sempre viu como a pessoa indicada para fazer a apresentação da obra dada a sua cultura e o conhecimento que possui do autor, e explicou alguns factos interessantes relacionados com alguns dos sacerdotes inventariados, um dos quais - Cónego Gaspar de Melo e Castro, Chantre da Colegiada -é o seu quinto Avô. É que, na verdade, este Senhor foi

Tenente do Regimento de Infantaria nº21 de Valença quando, aos 29 anos, resolveu seguir a vida eclesiástica. Contudo, enquanto leigo, tivera como fruto de amor com uma certa jovem uma filha que legitimou e a quem deixou todos os seus bens, Senhora essa que teve um filho a quem, certamente em homenagem ao Pai, deu o nome de Gaspar que foi casar à casa de Waldomar a Ponte de Lima. Deste casamento nasceram vários filhos, nomeadamente Gaspar Pereira de Castro, bisavô do Autor que foi casar a Melgaço, à Casa de Galvão, com uma sua parente, e que tendo nascido na Casa do Paço em S. Miguel de Fontoura, viveu na Casa da Lameira, em Vilar, freguesia de Cerdal, em cuja igreja casou em 1853, e ali viveu durante seis anos, indo depois para Melga-

ço, onde passou a viver e faleceu. Contou, além deste, outros episódios interessantes, relacionados com outros sacerdotes que muito divertiram a interessada assistência, para terminar dizendo que não há nenhuma freguesia do concelho que não tenha uma mancheia de sacerdotes, sendo inúmeros os que ainda têm descendentes vivos. Por isso, também ele está convencido que o presente volume terá o maior êxito e só espera que os leitores sintam, ao lê-lo, o mesmo prazer que ele teve em escrevê-lo. Naturalmente, "A Voz de Melgaço", que tem em Alberto Pereira de Castro, um dedicado Amigo e colaborador, associa-se ao Autor neste nobre desiderato, e felicita-o desejando-lhe o maior êxito nas obras que sabemos que tem em preparação.

Clínica
OSTEO+

...onde a Osteopatia vale mais!!!



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

Consultas de **OSTEOPATIA**
Dra. Cátia Rocha Afonso

Consultas de **ORTOPEDIA**
Dr. José Ratola Teixeira

Consultas de **PSICOLOGIA**
Dra. Vanesa Alvarez

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272

Investigadores discutiram em Melgaço o desenvolvimento motor das crianças... e os números não são animadores

“É esperado que a geração que está agora nos 18, 20 anos viva menos tempo do que os seus pais”

Entre os dias 8 e 11 de Novembro, a Escola Superior de Desporto e Lazer de Melgaço foi o centro de discussão da problemática do século: O desenvolvimento motor.

A escola do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC) recebeu no dia 8 de Novembro a 12ª edição do Seminário “Desenvolvimento Motor da Criança”, que reúne especialistas de todo o país, no entanto, em 2017 integrou neste contexto um maior número de especialistas. O International Consortium of Motor Development Research (Consórcio Internacional de Investigação em Desenvolvimento Motor, em tradução literal) realizou em Melgaço o seu terceiro congresso, depois de França, há três anos, e Carolina do Sul (EUA), há dois.

Cerca de 90 investigadores portugueses, mas também da Austrália, Estados Unidos da América, entre outros do continente asiático e europeu, expuseram ao longo de três dias os seus pontos de vista e investigações em curso. As conclusões, contudo, não são as melhores para as crianças e jovens de hoje, explicou a este jornal o especialista e director da Escola Superior de Desporto e Lazer, Luís Paulo Rodrigues.

A preocupação das organizações internacionais de saúde e dos governos em geral é o declínio da actividade e, consequentemente, da aptidão motora dos jovens e adultos. A preocupação já não é de hoje, pois há mais de duas décadas que o tema tem vindo a preocupar os especialistas, mas alguns números deste estudo pedem acção (literalmente) a curto prazo.

“Parecerá um pouco contraditório, porque a **humanidade tem melhorado a sua qualidade de vida e a sua longevidade, mas há indícios de que em alguns países esta tendência de aumento da longevidade tem vindo a diminuir.** Nos Estados Unidos da América é esperado que a geração que está agora nos 18, 20 anos viva menos tempo do que os seus pais”, alertou Luís Paulo Rodrigues. “O sedentarismo está a criar-nos outro tipo de dificuldades”, acrescentou.



O fomento do interesse pela actividade física é fundamental para que as crianças e jovens adquiram controle sobre o seu corpo, mas a chave para a criação de hábitos desportivos é o êxito que a criança tem nessas actividades, como esclarece o director da ESDL. “Aquilo que leva a que nós como adultos possamos ter uma vida mais activa, mais empenhada e desportiva tem a ver com a forma como nós, quando éramos crianças, nos empenhávamos nessas actividades. Uma criança ou um jovem empenha-se cada vez mais numa actividade motora quando tem êxito, e para ter êxito é preciso ter qualidade de movimento”, notou.

E o passado, com os seus defeitos educativos, subdesenvolvimento e ruralidade, parece ter preparado os adultos de hoje para a actividade física. Mas não serão esses mesmos adultos culpados pela limitação de liberdade que indirectamente aplicam aos seus filhos? Um dia cheio, da escola ao futebol, à dança ou às aulas de música pode não ser o tipo de actividade que melhor estimula a criança, reconhecem os especialistas. Brincar, por vezes, é tudo.

“As crianças têm cada vez menos possibilidade de brincar. Há trinta ou quarenta anos, o tempo que as crianças tinham livre para brincar e fazerem o jogo da actividade física era suficiente para criarem um repertório motor que lhes possibilitava serem activos ao longo da vida. Hoje em dia não acontece. Quando comparamos as crianças de 6 ou 10 anos com os seus pares de há trinta ou quarenta anos, a diferença é assustadora. Há avaliações que foram feitas nos anos 70 e 80 (séc.XX) e algumas das crianças que na altura eram assinaladas como tendo dificuldade de aprendizagem motora, ou seja, dificuldade em se mover e controlar o seu próprio corpo, apresentam valores que são hoje a média das nossas crianças. Es-

ão numa fase em que podem ser consideradas de analfabetas motoras”, revela Luís Paulo Rodrigues.

A solução é, por isso, permitir que as crianças tenham ‘furos’ no extenso horário de actividades que os pais de hoje lhes passam. **“A recomendação mundial para o tempo de actividade física de crianças é que todas devem ter pelo menos uma hora diária de actividade física não estruturada.** Podem e devem ter a actividade estruturada, mas o que está a faltar é a brincadeira e a liberdade de brincadeira e os parceiros para essa brincadeira”, observou ainda o director da ESDL.

Com uma sociedade cada vez mais alerta para a necessidade de actividade física, o momento parece ser mais favorável, mas mesmo nesta camada populacional é importante “criar hábitos” de actividade organizada saudável. “Entrou na moda alguma actividade física. Os ginásios, as actividades de final de semana tem uma preponderância hoje na vida das pessoas que não tinha há uns anos atrás e isso leva a uma mudança de estilo de vida. Muitas vezes, as pessoas vão por motivos de saúde, mas ficam por razões motivacionais”. O novo conceito dos ginásios terá contribuído, de certa forma, para um ‘rebranding’ diferente daquilo que era a imagem destes espaços há alguns anos, como indica Luís Paulo Rodrigues. “A imagem dos ginásios e dos profissionais que estavam a trabalhar nos ginásios quando começaram a existir não tem nada a ver com os de hoje em dia. Tem havido uma evolução muito grande e exigente, do ponto de vista das organizações”, conclui.

Crianças de Melgaço não são o pior exemplo

Estudo no Agrupamento de Escolas dará resultados concretos dentro de três anos

Iniciado há cinco anos, o estudo sobre o comportamento

motor das crianças de Melgaço, elaborado em parceria com o Agrupamento de Escolas de Melgaço, acompanhará os alunos desde o 1º Ciclo até ao Ensino Secundário. Esta análise ao processo de evolução motora das crianças servirá “não só para mostrar números, mas para sensibilizar as pessoas e a comunidade escolar para o trabalho que tem se der feito ou continuar o que está a ser feito”, indica Ricardo Lima, coordenador da licenciatura de Desporto e Lazer da ESDL, doutorado em Pedagogia do Desporto.



O estudo em curso precisa de mais dois ou três anos para traçar um quadro evolutivo dos alunos em estudo, mas Ricardo Lima diz que há uma “evolução positiva”. No entanto, os alunos de Melgaço não estão livres do perigo do sedentarismo. “A nossa preocupação é que com o passar dos anos, a partir do 3º ciclo, há um decréscimo da actividade física, muito por causa da vida escolar, que começa a ocupar mais tempo. Muitos acabam por abandonar o desporto aos 18 anos”, diz o coordenador.

“Fala-se da importância da actividade física e dos malefícios da vida sedentária, só que os projectos não tem saído do papel. Toda a gente sabe, mas por em prática está cada vez mais difícil”, atira Ricardo Lima, defendendo que é preciso que as escolas cumpram com a actividade certa a hora semanal dedicada à expressão físico-motora. “Existe essa hora semanal, mas as professoras titulares de turma não tinham competências para dar a

aula de expressão físico-motora, e não tendo, não dão, preferem usar essa hora para a matemática ou para o português. Se cumprissem pelo menos essa hora semanal de expressão físico-motora já seria melhor”, reconhece.

No que à validade da componente desportiva no percurso escolar obrigatório diz respeito, também Filipe Clemente, coordenador do Curso Técnico Superior Profissional em Treino Desportivo da ESDL, defende que serão necessárias “novas políticas orçamentais possam ser adoptadas no futuro, com base nos

conhecimentos que temos vindo a adquirir”.

Considera que a estruturação de actividades está a “castrar a criatividade das crianças”, impedindo-as de “explanar aquilo que é uma necessidade concreta do ser humano, que é a necessidade de se movimentar a par da sua capacidade cognitiva”.

A preocupação com a estruturação, defende Filipe Clemente, deveria estar centrada num horário escolar mais adequado. “O tempo útil das aulas, que neste momento está situado nos 90 minutos, é exagerado, porque ou o docente é extraordinariamente eficaz na capacidade de modular a aula às necessidades de concentração e actividade do sujeito, e desconfio que isso não acontece com grande regularidade”. As sugestões de Filipe Clemente não se limitam à sala de aula. “Repare que grande parte dos intervalos tem entre 10 a 15 minutos, o que é parco face ao volume total de horas”, observou ainda o coordenador.

João Martinho

Uma nova dinâmica para o arciprestado melgacense: Menos celebrações em capelas, mas maior vivência da eucaristia pela comunidade paroquial

Foi com espírito de missão perante o “desafio” que vai mudar “o ritmo e a vida das comunidades” que os padres Raúl Fernandes e César Maciel tomaram posse enquanto párocos ‘in solidum’ das paróquias que compõem a Unidade Pastoral Bartolomeu dos Mártires, nomeadamente, Castro Laboreiro, Lamas de Mouro, Cubalhão, Parada do Monte, Gave e Cousse. A estas soma-se ainda a Gavieira (do arciprestado de Arcos de Valdevez), que já lhes estava confiada.

A cerimónia de tomada de posse, realizada a 8 de Dezembro na igreja do Convento de Paderne, com a presença do Bispo da diocese de Viana do Castelo, D. Anacleto Oliveira, apresentou às centenas de fiéis aquela que será a nova organização paroquial das comunidades.

E a nova ‘ordem’ para vivência da fé nas freguesias melgacenses poderá trazer mudanças para a comunidade, mas também um contexto mais adequado às celebrações.

“As capelas terão o seu momento e celebrações adequadas, mas é claro que a nossa concentração será nas igrejas paroquiais, e queremos que as pessoas percebam que a igreja não é fechada para uma comunidade, mas aberta a todos. Se não puderem ir à missa a uma hora, podem ir



Padre Raúl, D. Anacleto e Padre César Maciel, na procissão de entrada

noutra hora, a outro local”, esclarecem.

A concentração de celebrações nos principais templos das uniões pastorais do concelho trará sobretudo uma atenção redobrada à celebração e à forma como será preparada, como explicam os párocos a este jornal. “É a importância da celebração. Uma coisa é uma celebração preparada, com canto, leitores, acólitos, e outra é uma celebração ‘à pressa’. É uma mudança para melhor”, sublinham.

Sobre os eventuais impactos nas mudanças de dia e hora da eucaristia nas freguesias, os párocos, tanto os da Unidade Pastoral Bartolomeu dos Mártires como os da Paulo VI dizem-se tranquilos com a adaptação ao método, até porque, “as pessoas que praticam, que tem a sua fé, são as que menos questões colocam quando há uma reestruturação. Porque se não podem ir a uma eucaris-

tia a uma hora porque têm outras coisas a fazer, vão noutra hora a outra paróquia à hora que lhes convém, mas vão. Não deixam de ir por ser noutra paróquia, tanto mais sendo da mesma Unidade Pastoral em que os responsáveis são os mesmos. E nós queremos que as pessoas se juntem.”.

“Este programa que estamos a implementar, daqui a um ano será avaliado para vermos se de facto se justifica que seja desta forma ou de outra. Agora, obviamente que não podemos ir a todo o lado, como íamos anteriormente”, explicam.

Será também daqui a um ano que farão um ponto de situação daquele que será o seu desgaste físico e psicológico, mas nesse campo, perspectivam o melhor cenário: “Cansados, mas felizes. Teremos feito muitos quilómetros, mas pregar o Evangelho não cansa, e se todas as pessoas aderirem a esta nova realidade, será



Jurando cumprir os compromissos paroquiais assumidos



No final da Celebração, saudados em cumprimentados pelos fiéis de Paderne

muito mais fácil”.

Neste dia de tomada de posse, os párocos: Raúl Fernandes, César Maciel, em Paderne, e João Paulo Torres Vieira e Carlos Martins, em Roussas, foram ainda agraciados pela população com lembranças várias.

É apanágio da gente de Melgaço ser acolhedora, aberta à mudança e profundamente cola-

boradora quando sentem que os sacerdotes estão realmente ao seu serviço.

É também uma experiência pioneira na Diocese de Viana e uma das melhores formas de comemorar os 40 anos da sua criação por Paulo VI.

Certamente que teremos novidades ao longo do ano.

João Martinho/Carlos Vaz



Momento da saudação da paz: Padren Carlos Martins, D. Anacleto, Padre João Torres Vieira e o pároco cessante, Padre António Esteves a quem o Bispo manifestou a gratidão da Diocese



Padre Carlos e Padre João fazendo profissão de cumprimento o encargo paroquial assumido

BARRISTA VIANENSE CRIA ARTE NATALÍCIA

José Pacheco Afonso Branco



*Ser artista é ser alguém!
Que bonito ser artista...
Ver as coisas mais além
Do que alcança a nossa vista!*
(António Aleixo)

As suas criações são fruto dum imaginário fecundo, dos sonhos que alimenta e das emoções que lhe andam na alma, saindo das suas mãos figurado natalício, dando assim beleza ao barro informe.

Os laços antigos tornaram-se conversas de hoje.

No território do Vale do Neiva onde os monges beneditinos perderam na memória, a arte manifesta-se de modo multifacetado.

A beleza artística revela-se no tecido histórico – cultural dos conjuntos monacais, onde há pedra lavrada pelos canteiros e talha afaçada pelos entalhadores.

Ao longe ouvem-se os toques dos sinos com badaladas fortes, confirmando a inscrição num campanário de Perigeux (1897): “Louvo a Deus verdadeiro, chamo o povo, congrego o clero, choro os defuntos, afugento a peste, decoro a festa”.

O Alto Minho é o território geocultural mais montanhoso e mais húmido; uma região mais pluviosa, mais coberta de vegetação, mais verde e mais povoada, em comparação com outras zonas da terra portuguesa.

Por estas bandas do Alto Minho, como escreveu Guerra Junqueiro, é assim: “A vida desliza suavemente, cristalinamente, como regato bucólico. Nada que fira, que morda, que contrarie. O sol ri, a verdura canta, o vinho é alegre, o celeiro cheio... é bom demais decididamente”.

E vem-nos à mente personagens que percorreram territórios

assocalçados, sendo de citar o registo de “São Motinha” de Sistelo, bem como o “Velho Garrinchas” transmontano, da narrativa de Miguel Torga.

COM BARRO SE FAZ ARTE

É notável o barrista Machado de Castro “1731-1822”.

O seu percurso artístico está bem evidenciado nas obras produzidas, e nesta época natalícia são de referenciar os presépios da Sé, Belas, Estrela ou S. Vicente de Fora, na cidade de Lisboa.

Devemos sublinhar que na localidade de São Lourenço da Montaria, Viana do Castelo, no sopé da Serra d’Arga, a igreja paroquial abriga um presépio da escola de Machado de Castro.

“As pequenas dimensões das figuras, a policromia variada dos seus trajés, a assimetria estrutural do cenário e a fragilidade dos materiais conferem aos presépios um caráter gracioso”.

Machado de Castro chamava-lhes género pastoril, assim refere J.F.F.

BARRISTA J.A.

Pois se em Lisboa houve o barrista Machado de Castro, em Viana do Castelo temos o barrista José Pacheco Afonso Branco que cria arte natalícia e merece a nossa contemplação.

As fotografias que ilustram este texto são reveladoras do seu imaginário e de mãos que moldam o barro, dando-lhe formas artísticas e inovadoras.

Nos limites de Tregosa, Fragoso e Alvarães, onde se ouvem as águas do rio Neiva, encontramos a casa do artesão José Pacheco Afonso Branco.

No portão estavam alguns troncos de madeira, para serem trabalhados pelas mãos habilidosas do artista que dá forma não só à madeira, mas também ao barro...

Fomos entrando e o artesão José Afonso, pois assim assina as suas peças (J.A.), começa logo a

explicar com paixão a arte conhecida e desconhecida...

Conhecida por aqueles a quem oferece algumas peças, e por uma exposição realizada na cidade de Viana do Castelo.

Desconhecida do grande público devido a ser privada, e por não gos-

tar de exibir as suas criações fruto dum imaginário fecundo, dos sonhos que alimenta e das emoções que lhe andam na alma, tornando belo o barro informe e a madeira lisa.

Vai falando e dando explicações precisas acerca das peças expostas

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior
na entrada da sua residência.

Todas as obras têm uma história e brotaram em determinado contexto: "O meu pai era artista. Trabalhou no Convento dos Padres Passionistas", diz o ceramista José Afonso.

COM O BARRO DAS APARAS

José Afonso, artesão de cerâmica vai explicando como dava forma ao barro:"

Na Fábrica Campos, em Alvarães, na minha hora do almoço comia e depois com o barro das aparas, em cima de uma tábua, comecei a modelar. Não acabava... Abafava o barro para não secar e depois continuava. Estando seco, com uma pistola deitava o vidro e com um pincel dava a cor.

Eu não ia para o refeitório... Era assim... Aproveitava o tempo...

Depois as peças iam ao forno...

Os fornos eram cheios de tubos de grés...

Eram aquecidos a lenha e a carvão de pedra. A cozedura era feita aí a 1.380 graus. Na abóbada já era perto de 2.000 graus.

Tudo isto foi cozido de 2.000 graus centígrados.

A riqueza da fábrica eram os jarros... A louça de jardim cozida por acréscimo, e bonita.

A fábrica só fazia conta ao grés...

Eu metia peças à ordem da fábrica. Pelas primeiras peças que trouxe, paguei o sítio de cozedura... Pagava o espaço para cozer.

Nós tínhamos que dar a conta das peças todos os dias... As contas do enchimento das formas e do acabamento...

COMECEI ASSIM...

"Estava sentado e comecei a imaginar:

A primeira peça foi uma pomba.

Depois numa altura, pelo Natal, lembrei-me de um presépio.

O Senhor Engenheiro Celso Rodrigues disse-me para fazer mais...

Passou pela fábrica uma investigadora alemã e disse-me para eu assinar as peças com o meu nome, e principiei a colocar J.A. – José Afonso.

A partir daí comecei a assinar todas as peças".

A conversa animou-se na antiga casa da eira, hoje transformada em depósito de peças cerâmicas que são o fascínio do artesão José Afonso e família, e o livro das memórias vai-se abrindo...

"A fábrica Jerónimo Pereira Campos arrematou a bouça do Dr. Porfírio que foi advogado. Esta bouça tinha bons caulinos, assim

como no Monte de Infias, nos Regos de Vila de Punhe, junto da pedra da mulher. Também em Vila Fria havia muito barro...

Temos ainda as telheiras antigas que eram de famílias. Fabricavam a telha portuguesa. Iam buscar o barro aos terrenos maninhos. Em Alvarães há o lugar das Telheiras...

Os que fabricavam a telha começaram depois a desaparecer por causa da Fábrica Campos..."

A certa altura o atesão ceramista diz:

– "O copiamento é só o painel de S. Vicente... Este presépio é em gesso".

ARTISTA CREDENCIADO

Como credenciais da sua arte, afirma que fez em cerâmica as armas episcopais de D. Armindo Lopes Coelho, e também lhe ofereceu uma "Ceia de Cristo".

É com gosto que sublinha que o então Bispo de Viana do Castelo, um dia foi pessoalmente a sua casa agradecer as gentilezas, e na altura da Páscoa ofereceu-lhe "um bate", pão de ló, do tamanho dum cesto de ir à feira..." Olhe, estive sentado naquela cadeira que está na sala da Páscoa".

As suas peças de cerâmica fazem parte de várias coleções particulares e encontram-se em espaços públicos como a Capela da Ressurreição de Barroelas, no Centro Paroquial e Social, no Seminário Diocesano de Viana, na residência Casalino de S. João, em Fátima, propriedade da Congregação da Santa Face e no Convento dos Padres Carmelitas, da cidade de Viana do Castelo.

Pouco a pouco vai-nos mostrando o grande e variado espólio artístico, na maior parte trabalhado em barro, e cozido nos fornos da Fábrica Jerónimo Pereira Campos, Filhos, localizada em Alvarães.

A ARTE É FORÇA IMANENTE

Podemos aplicar ao barrista José Afonso o que António Aleixo escreveu: "A arte é força imanente,/ não se ensina, não se aprende,/ não se compra, não se vende,/ nasce e morre com a gente".

E ainda:
"A arte é dom de quem cria;/ portanto não é artista/ aquele que só copia/ as coisas que tem à vista".

"A arte em nós se revela/ sempre de forma diferente:/ cai no papel ou na tela/ conforme o artista sente".

E acrescentamos que "as mãos dão forma ao barro e dele sai um santo ou um mafarrico.

No caso deste barrista, saíram presépios.

É ASSIM... É A VERDADE!

"Olhe, aqui está o Menino, Nossa Senhora, S. José, a vaca, o burro, as ovelhas, os pastores, os reis magos, o anjo, os tocadores, e não falta o flautista..."

Vai passando as mãos pelo figurado, acariciando com emoção e sentimentos de beleza!

São um regalo para os olhos, e fazem brotar admiração e contemplação da "arte como epifania do mistério".

Lançando os olhares para o artista e seus presépios, surgiu a pergunta:

– "Quando molda o barro o que sente?"

Resposta refletida: "É assim... É a verdade"

– "Muito bem artista José Pacheco Afonso Branco."

Captar o acontecimento histórico de Jesus que marcou o calendário, é reconhecer o projeto desenhado pelo profeta Isaías: "Ele espalhará a notícia entre as nações... sedo manso não clamará, nem fará a exceção de pessoas. Fará justiça conforme a verdade..."

Aliás Jesus Cristo anunciou: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". (Jo 14,6)

"A verdade vos tornará livres". (Jo. 8,52)

No prólogo do evangelista João encontramos: "E o Verbo fez-se homem e veio habitar entre nós, e nos contemplamos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e verdade" (Jo. 1,14).

O barrista Vianense José Afonso conhece referências bíblicas e materializa-as na arte que cria.

NÃO VENDO

"Tem vindo cá várias pessoas para comprar peças de cerâmica, mas eu não vendo nada. Esta arte há-de estar aqui até eu morrer... Depois fica para minha irmã ou para os meus sobrinhos. Talvez façam um museu, não sei..."

Há muitos padres a quem ofereci peças...

Depois da exposição de Viana do Castelo pediram-me para fazer uma imagem de S. Teotónio para o seminário diocesano. Ofereci-a com muito gosto.

Está tudo espalhado por aí fora...

Quando vim embora da fábrica deram-me uma indemnização...

Eu disse-lhes: Os senhores ficam com o barro, o fogo e o forno... eu levo a memória e as mãos...

Há tempos, mandaram-me um recado para ir à gerência atual da fábrica. Não tenho que lá ir, se quiserem que venham cá. Já está tudo dito...

Quanto menos melhor..."

José Rodrigues Lima

49.º ARTIGO

Abecedário de dicas de poupança de comida

Abacate

Deixe o caroço na metade que não precisar e vai impedi-lo de escurecer tão rapidamente.

Alface

A alface deve ser deixada na sua embalagem no frigorífico (se veio embalada) e na gaveta dos vegetais - se o frigorífico tiver uma. Coloque as folhas de alface lavadas e enxutas numa caixa fechada, forrada com papel de cozinha, para as manter frescas.

Alimentos crus

A carne, aves e peixes crus devem ser armazenados na parte inferior do frigorífico num recipiente limpo, fechado de forma a impedir que toquem noutros alimentos. Se não os consumir, deve congelar esses alimentos antes que eles atinjam a data de utilização.

Arroz

As sobras de arroz podem ser mantidas no frigorífico durante 1 dia ou congeladas para utilização posterior. Deve aquecer bem antes de comer. Adicione alguns grãos de arroz cru no seu saleiro pois irá impedir o sal de ficar húmido.

Bacon

Se adquiriu um grande pacote de bacon, separe-o em fatias antes de o congelar. Em seguida, pode simplesmente descongelar o que for precisando.

Banana

As bananas ficam negras no frigorífico! Então, deve mantê-las num lugar fresco. O mesmo vale para abacaxis/ananas. Armazene as bananas longe de outras frutas pois elas amadurecem-na. Descasque e amasse as bananas e polvilhe com sumo de limão para impedi-las de ficarem castanhas e depois congele-as (num recipiente ou num saco), para usar mais tarde em batidos, pão de banana ou adicionar ao sorvete. Pode também usá-las em pratos de caril ou amassada num recheio de sandes rápido.

Batatas

Os tubérculos não gostam de ser mantidos no frigorífico. Deve armazená-los num saco de rede ou prateleira, num local seco, fresco e escuro; de preferência longe de alimentos com cheiro forte, como cebolas. Se as batatas grelaram basta remover os rebentos antes do uso, e lembre-se de cortar todos os bocados verdes ou podres antes de usar. Se murcharam, mergulhe-as em água um par de horas, que incham. Use um descascador de batatas em vez de uma faca, pois isso irá reduzir as perdas. Ou pode simplesmente não descascar: pode cozer ou assar com pele! Ou, depois de as lavar bem e descascar, guarde as cascas de batata para fazer deliciosas cascas de batatas caseiras como aperitivo. Adicione sal e pimenta, em seguida asse em forno quente ou frite, polvilhando no final. Armazenar sobras de puré no frigorífico até o dia seguinte. Use para fazer bolos de batata e peixe ou como uma cobertura de uma tarde. Sobras de batatas cozidas podem ser adicionadas a uma omelete ou fritas em rodela.

Brócolos

Os brócolos devem ser armazenados no frigorífico na sua embalagem original, para os manter no seu melhor. "Refrescam-se", colocando o tronco num copo de água no frigorífico, por umas horas. Brócolos cozidos podem ser salpicados de leite e usados como um molho cremoso para peixe ou frango. Não deite fora os talos dos brócolos: são a parte melhor! Corte-os longitudinalmente e cozinhe-os com as florzinhas ou use-os numa sopa.

Cebolas

Cebolas, é melhor armazenar em local seco, fresco e escuro; de preferência num saco de pano ou penduradas (se entrançadas). Compre cebolas pequenas, são muitas vezes mais baratas e há menos desperdício se cozinhar para uma só pessoa. Se só precisa de 1/2 de uma cebola, pique o resto e congele para economizar tempo da próxima vez ou faça um grande refogado e divida em porções, pois aguenta bem em caixas de vidro, no frigorífico.

Cereais

Depois de iniciado, feche o saco com um clip. Ou use um recipiente hermético para mantê-lo fresco. Use os cereais que estejam moles para bolos/bolachas.

Cogumelos

A melhor maneira de armazenar cogumelos é num saco de papel no frigorífico. Frite cogumelos enrugados para cobertura de pizza ou use-os em ensopados, molhos e guisados ou congele-os para mais tarde.

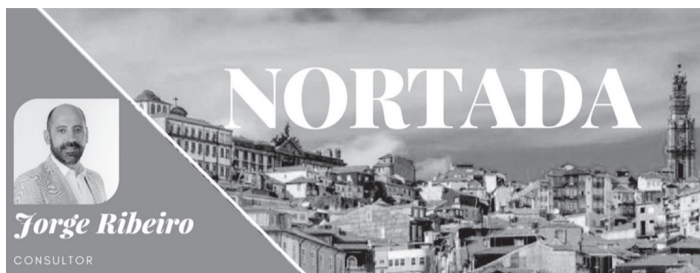
Conservas de peixe

Salmão, atum e sardinha são bom para a saúde e, em determinadas alturas do ano, mais baratos do que peixe fresco. Guarde as sobras no frigorífico ou congelador devidamente identificadas. Criará com elas novas refeições.

Courgette

Rale e adicione à espaguete à bolonhesa, chillis, etc., para aumentar a quantidade de vegetais na dieta da família. Guarde no frigorífico numa caixa fechada.

Ana Cristina Costa



Do Norte, com portugalidade

A propósito do meu último artigo, onde sublinho o orgulho em ser do Norte, uma leitora especialmente atenta, com quem conversei de forma prolongada e enriquecedora, dizia-me ter algumas reservas quanto a estas questões.

Na sua opinião, por sinal bem estruturada, ao afirmarmos ser do Norte, estamos implicitamente a dizer que não somos do Sul. **Quando nos identificarmos como nortenhos, estamos a demarcar-nos das restantes regiões e isso terá subjacente, para essa leitora, uma carga negativa na qual não se revê.**

Deste prisma, pertencermos a uma região, um país, um grupo ou família, é a negação de pertença a outro qualquer. Trata-se de um posicionamento quanto a esta questão da identidade que, em teoria, será sustentável.

Pessoalmente, encaro este assunto de forma positiva e eventualmente mais prática. **A necessidade de nos organizarmos em grupos mais restritos e homogêneos, permite-nos tomar decisões e defender posições que melhor se nos adaptem,** que melhor respondam às especificidades de que comungamos.

No entanto, a pertença a esse grupo mais restrito, não nos afasta de outro(s) mais alargado(s). Identificar-me como melgacense, reforça a minha condição de minhoto. Também o afirmar-me nortenho, nada retira à minha portugalidade. Muito pelo contrário.

Esta portugalidade que partilhamos, independentemente do pedaço de território onde nos inserimos, e que faz de Portugal o único estado-nação da Europa, deve ser preservada e valorizada.

Todos nós teremos factos aos quais nos agarramos, para valorizar esta qualidade de ser portugueses. No meu caso, sempre que penso na questão da portugalidade, no sentimento de identidade e de afeição por Portugal, no orgulho de ser português, algo me ocupa de imediato o pensamento - fomos o primeiro povo a abolir a pena de morte.

Para quem não se apercebeu, comemoraram-se em 2017 os 150 anos da abolição da pena de morte em Portugal. Em 1 de Julho de 1867, durante ao reinado de D. Luís, era aprovado o decreto que fazia de Portugal pioneiro na abolição da pena de morte para crimes civis.

Este feito, colocou Portugal à frente, na Europa e no mundo, deu um impulso decisivo para que a discussão do tema ganhasse fôlego nos restantes países e contribuiu para um forte avanço civilizacional, na medida em que o exemplo foi seguido pela grande maioria das nações.

Confesso que gosto de referir isto sempre que digo que sou português. São factos como este que, na minha perspetiva, reforçam a nossa portugalidade.

Deveria ter sido dado outro relevo à data. Foi parca a sua divulgação, face à importância histórica e civilizacional do assunto.

Não podia terminar 2017 sem aproveitar este espaço para dar o meu contributo, homenageando os portugueses que, há 150 anos, tiveram a coragem de dar aquele enorme passo para a humanidade.

"Desde hoje, Portugal está à frente da Europa. Vós, os portugueses, não haveis cessado de ser navegadores intrépidos. Ides sempre para a frente, outrora no oceano, hoje na verdade. Proclamar princípios é ainda mais belo do que descobrir mundos." Carta de Victor Hugo a Brito Aranha, de 15 de Julho de 1967.

Feliz 2018 para todos!

O consumismo na época de natal

Espero que os leitores que me lêem, tivessem um Natal Feliz, e boas entradas para o Ano de 2018, em ambiente de festa.

A época natalícia convida a um ambiente fraterno entre as famílias, e para os mais pequenos é sempre uma festa devido aos pedidos de presentes ao Pai Natal.

Resolvi abordar a questão da oferta de prendas na época natalícia, em virtude de em cada ano que passa, ouvir pessoas amigas cada vez em maior número a dizerem-me que detestam o Natal, em virtude do exagero da "fobia" dos presentes, esquecendo-se da questão do Amor e da Fraternalidade que devem unir as famílias, os parentes e até amigos mais chegados.

Estamos a atravessar um período, em que as novas tecnologias, como os modernos telemóveis, "cortaram" convívio entre as pessoas, o diálogo e até a mais simples conversa. Todos nós já reparamos que tantos casais de namorados ou não, quando se sentam a uma mesa de café, ou restaurante, os primeiros gestos que fazem é começarem a ver ou enviar mensagens para outrem, esquecendo-se da presença de quem se encontra a seu lado! É, uma perfeita alienação a imagem que oferecem, muitas das vezes, até acompanhados pelos filhos, os quais possuem também o seu telemóvel sofisticado ou tablet.

Devo dizer que fico perplexo com esta situação real a que todos nós assistimos, e claro que algum dos leitores pode não estar de acordo com o que digo, considerando que é a evolução dos tempos que temos o dever de acompanhar. O que é um facto, é que esse avanço tecnológico, nos está a levar para uma sociedade mais egoísta, mais fria nos contactos entre as pessoas, pois quando sentimos que alguma pessoa possa estar a atravessar um momento difícil, as pessoas afastam-se dela, e já não existe aquela sensibilidade para ouvir o outro, pois as solicitações da vida moderna, a isso conduzem.

A época natalícia é propícia a unir as famílias, pois muitos até vêm de longe para se juntarem ao redor da mesa, onde fraternalmente convivem, numa prova de Amor e Amizade. Esse exemplo, deveria perdurar, por todos os dias do ano, para como se costuma dizer, serem sempre dias festivos,

não nos esquecendo também do nascimento de Jesus.

O mundo atravessa no momento, uma fase extremamente difícil, onde os dirigentes políticos quando se reúnem entre eles, nos parecem tranquilizar, como o demonstram nas fotografias que fazem, para logo nos dias seguintes, sabermos de ataques para outros países, com as armas, os tanques e os aviões que eles próprios produzem.

Uma palavra de louvor, para a dedicação e empenhamento que o Papa Francisco tem levado a efeito para conseguir a PAZ, num mundo com tantas partes em permanente guerra.

A mudança agora efectuada da capital de Israel, para Jerusalém, promovida por Trump, voltou de novo a atizar israelitas e palestinianos que parece nunca mais ter fim. É uma pena.

Não abordo a questão do terrorismo no mundo, onde muitos de nós já pressentimos que nos irá

acompanhar para o resto da vida, o que é uma prova mais que evidente do fracasso de uma sociedade que se diz muito avançada, mas que falha no plano solidário e humano entre os povos.

Quero terminar este meu breve apontamento, com optimismo, desejando que os dirigentes políticos no mundo, e também no meu país, pensem mais no bem-estar dos seus povos, e menos em como enriquecerem, e ostentarem obras faraónicas nos seus países. Teríamos um mundo muito melhor com toda a certeza.

Seja-me permitida uma nota pessoal, para agradecer a mensagem que o embaixador Carlos Lemos e sua esposa Molly me enviaram da longínqua Austrália. O meu obrigado sincero com votos de muita saúde para os dois.

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor de acordo com a antiga ortografia).

Direção-Geral de Energia e Geologia Aviso n.º 14262/2017

Faz -se público, nos termos e para efeitos do n.º 1 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 88/90, de 16 de março que Sinergo Soluções Aplicadas em Geologia, Hidrogeologia e Ambiente, Lda., requereu a atribuição de direitos de prospeção e pesquisa de depósitos minerais de ouro e prata, numa área denominada "S. Rozendo", situada no concelho de Melgaço, distrito de Viana do Castelo, delimitada pela poligonal cujos vértices, se indicam seguidamente, em coordenadas no sistema PT -TM06/ETRS89:

Área total do pedido: 33 km²

Vértice	X (m)	Y (m)
1	-4688,78	266385,26
2	-5677,16	264913,93
3	-9653,14	265250,88
4	-9428,30	266268,91
5	-8496,07	266576,63
6	-9005,09	267770,61
7	-8736,11	268696,61
8	-8864,55	268821,43
9	-8844,47	268912,37
10	-9156,01	271428,24
11	-8953,05	272885,99
12	-5586,24	274062,65

Atendendo ao Decreto-Lei n.º 88/90 de 16 de março, convidam -se todos os interessados, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente, a apresentar por escrito:

Ao abrigo do n.º 1 do artigo 6.º, reclamações fundamentadas.

Ao abrigo do n.º 1 e do n.º 3 do artigo 5.º, propostas contratuais. O pedido está patente para consulta, dentro das horas de expediente, na Direção de Serviços de Minas e Pedreiras da Direção -Geral de Energia e Geologia, sita na Av.ª 5 de Outubro, n.º 208 (Ed. Santa Maria), 1069 -203 Lisboa, entidade para quem devem ser remetidas as reclamações. O presente aviso, planta de localização e a publicação do pedido estão também disponíveis na página eletrónica desta Direção-Geral.

13 de novembro de 2017. — O Diretor-Geral, Mário Guedes.

O desporto em Melgaço no ano de 1945

O desporto também faz parte da nossa memória colectiva. Por esse motivo, esta crónica tem como objectivo o relato de factos menos conhecidos de há mais de 70 anos, relacionados com a prática do desporto, futebol em especial, no concelho de Melgaço.

Na verdade, na ocupação dos meus tempos livres e na procura de notícias relacionadas com a prática desportiva em Monção, meu berço e de grande parte dos meus antepassados, consultei na Biblioteca Pública de Braga os exemplares de *A Bola* do ano de 1945, o primeiro em que esse conhecido jornal desportivo foi publicado. Para complemento, li igualmente vários exemplares da revista *Stadium*, agora digitalizada e disponibilizada a todos os leitores portugueses.

Para minha surpresa, encontrei um jornal e uma revista que destacavam não só os grandes acontecimentos desportivos nacionais, mas, também, os de âmbito meramente local. A explicação prende-se com o facto de nesse tempo as associações distritais, o desporto escolar, sobretudo através da Mocidade Portuguesa e o desporto corporativo e popular, terem grande relevo, com entrada directa de muitos dos seus campeões nos respectivos campeonatos nacionais.

Desse modo, pude constatar que são várias as notícias sobre o desporto que se praticava em Melgaço no ano de 1975.

Inclusive, localizei a fotografia do Grupo Desportivo Comercial de Melgaço, que junto ao presente texto, publicada em *A Bola*, embora com o lapso de o identificar como sendo de Monção, apesar de estar junto a uma notícia sobre um jogo de futebol em Melgaço. A mesma fotografia vem publicada na revista *Stadium*, aqui já com a legenda correcta de ser de um clube de Melgaço.

A primeira notícia aparece em *A Bola* de 12 de Julho de 1945 e dá conta de um jogo de futebol realizado no Campo do Monte do Prado entre as equipas do Sporting Clube de Melgaço e o Grupo Desportivo Comercial, com vitória dos sportinguistas por 4-0.

O Sporting C. de Melgaço alinhou com: Guilherme; Pereira e Alberto; Henrique, A. Esteves e Vilas (1 golo); Arlindo (1 golo), Orlando, Félix (1 golo), José Silva (1 golo) e Armando Ferreira.



Grupo Desportivo Comercial de Melgaço – Revista *Stadium* / Julho de 1945

O GD Comercial alinhou com: Aníbal; Francisco e Moreira; Cerqueira, Rodrigues e Quique; Domingos, Pereira, Amândio, Augusto e Moraes.

Seguiu-se novo jogo entre as mesmas equipas, com vitória do Sporting por 3-2, noticiando *A Bola* que “o desafio foi bastante duro e houve cenas de bastante desagrado pela violência com que os jogadores entravam à bola de ambos os lados”, o que mostra a tremenda rivalidade que devia existir entre os dois grupos locais.

Desta vez, jogaram no Sporting Guilherme; Pereira (depois Napoleão, por lesão daquele) e Alberto; Henrique, A. Esteves e Vilas; Félix (1 golo), José Silva, Bermudes, ex-Unidos F. C. de Melgaço (2 golos), Augusto e Arlindo.

E no Comercial jogou à baliza Henrique; na defesa: Arlindo e Moreira (1 golo de penalti); no meio campo: Merim, Abílio e Malheiro; e à frente: Domingues, Araújo (1 golo), Rodrigues, Almeida e Francisco.

Mais uma notícia em *A Bola* de 12 de Novembro de 1945, relata um jogo internacional entre o Sporting de Melgaço e o Rio Minho S. F., na vizinha localidade de galega de Arbo.

Passo a citar: (...) foi grande o número de espectadores, os quais aplaudiram imparcialmente portugueses e espanhóis. A vitória coube ao Rio Minho S. F. O golo foi marcado por Suarez, extremo direito espanhol aos 75 minutos de jogo. Assistiram as autoridades espanholas. Os portugueses distinguiram-se pela sua correcção, bem como pelo seu jogo. Finda a partida foi oferecido ao Sporting, no Café Aládio, um magnífico Porto de Honra. Os brindes foram sublinhados com salvas de palmas.

Os grupos alinharam assim: Sporting de Melgaço: Melo; Sousa e Pereira; Rodrigues, esteves I e Vilas; Domingos, Silva, Félix, Pimenta e Esteves II.

Rio Minho S. F.: Guanito; Silva e Laureano; Alvarez, Iglésias e Perez; Barbeitos, António, Tito, Daniel e Suarez.

Por fim, uma curiosa notícia, também publicada em 1945, na *Bola*, intitulado “Ténis de Mesa em Melgaço” organizado pelo Grupo Recreativo Melgacense.

Diz assim: “Realizou-se na sede do Grupo Recreativo Melgacense um torneio em disputa de uma taça oferecida pela sua direcção. Concorreram bastantes jogadores e entre eles figuravam Hilário Baptista Reis Cunha, Rogério Fernandes, Valdemar L. Lima, João Hilário Gonçalves, Armando Lourenço Lima, António Fernandes e José Augusto Esteves. A taça foi ganha por Hilário Baptista Reis Cunha, seguido de Valdemar Lourenço Loma (...) O primeiro classificado ganhou com pouca diferença do 2º”.

De certeza que os mais resistentes melgacenses, os que andam acima dos setenta anos, se reverão em muitos dos nomes que citei e naqueles que integram o grupo da que junto ao presente texto. Quem sabe se alguns não terão jogado ou assistido a esses jogos, nomeadamente aquele de Arbo e no ténis de mesa.

Eis um conjunto de notícias curiosas da prática desportiva em Melgaço, num tempo em que a trágica II Guerra Mundial tinha findado e se abriam novas perspectivas ao Mundo, que tantas transformações veio a ter até aos dias de hoje.

Braga, 18 de Novembro de 2017
José António Barreto Nunes

O amor-perfeito



Certamente uma das épocas mais emocionantes do ano é o Natal. Uma mesa farta de iguarias e os presentes debaixo da árvore de natal pintam sorrisos nos rostos das crianças e enchem de satisfação os olhos dos mais idosos, como os avós. Nesta época a alegria e a solidariedade reinam nos nossos corações. Seria bom se sempre fosse Natal, não pelo consumismo pois, mais que trocar presentes, o Natal é época de partilhar amor.

Tendo como base este sentir que anda no ar, escolhi para escrever hoje sobre o amor-perfeito-bravo. Esta planta também é conhecida como flor-da-trindade, violeta-de-três-cores ou, simplesmente, amor-perfeito. É nativa das regiões temperadas da Europa e da Ásia e encontra-se naturalizada na América do Norte, onde foi introduzida. Está na origem das plantas cultivadas designadas comumente por “amores-perfeitos”. O amor-perfeito é uma planta rasteira e selvagem que tem preferência por climas mais frios. Na época mais quente do ano, as flores perdem o vigor. Cultivada, quase sempre, como anual e bienal mas, em condições adequadas de cultivo, é uma planta perene.

O amor-perfeito-bravo possui uma flor mais pequena que o de cultivo. É frequentemente encontrado em sebes e terrenos baldios. De cada ramo comprido, brota uma única flor, delicada que pode ser de cor roxa, branca ou amarela, mas que pode também apresentar as três cores.

As partes utilizadas na medicina natural são as folhas e as flores.

Além das mucilagens, antocianinas, taninos, flavonoides e peptídeos, o ácido salicílico e seus derivados foram já encontrados na parte aérea desta planta. A ação anti-inflamatória deste último ácido torna esta planta altamente eficaz quando aplicado numa compressa para o alívio de problemas cutâneos, como acne, eczema, impetigo e seborreia. Por via interna, como em chá, pode tratar infeções das vias respiratórias e a sua mucilagem produz efeito espetorante. Já as antocianinas e os flavonoides ajudam a manter os vasos sanguíneos saudáveis e melhoram a circulação sendo, por esta última razão, aconselhado na aterosclerose e problemas cardíacos. Os taninos fortalecem o sistema imunitário.

O Amor-perfeito é símbolo da glorificação do trabalho. Na mitologia grega é dedicada a Atena (Minerva), deusa da estratégia militar, da sabedoria e das artes.

Chamada em francês “pensée” termo que significa “pensamento”, em muitas ocasiões esta planta é oferecida por aqueles que pretendem transmitir a mensagem de um amor que nunca será esquecido, poderoso, cujas lembranças permanecerão no pensamento. Os amantes davam esta flor como presente antes de se ausentarem durante tempo indefinido, como garantia de que o seu amor nunca cairia no esquecimento. As flores aveludadas estão associadas à reflexão, ao pensamento e às recordações amorosas. Em Inglaterra os amores-perfeitos eram supostamente usados como elixir de amor, o que, se acredita, terá inspirado Shakespeare em “Sonho de uma noite de verão”. Nessa obra, uma flor mágica teria sido esfregada nos olhos de Titânia enquanto dormia e, ao acordar, ela ter-se-ia apaixonado pela primeira pessoa que viu.

Teresa Tábuas

Dinâmica Empresarial – Freguesias: Parada do Monte [Parte 2]

“Vamos onde tivermos de ir, mas voltaremos sempre a Parada, no fim do dia ou no fim de tudo”

Nesta segunda edição da rubrica Dinâmica Empresarial: Freguesias, damos nota das restantes empresas que geram negócio em Parada do Monte, a freguesia de montanha do concelho de Melgaço que concentra um número considerável de empresas nos mais diversos ramos. Criação de gado, comércio, construção civil, carpintaria e mesmo acção social, as áreas de trabalho são diversas, geradoras de emprego e fixadoras de gente num território que, ainda assim, vem perdendo a sua camada mais jovem.

Nesta segunda visita ao território, entrevistamos quatro das cinco empresas indicadas, dado não ter sido possível agendar com um dos empresários locais, do sector da construção civil.

Nesta edição falamos com Manuel Domingues, gerente da Cobimape – Carpintarias Lda; Justino Alves, gerente da empresa Alves & Judite Lda.; Andreia Morais, Directora Técnica do Centro Interparoquial e Social do Alto Mouro e com Candido Rodrigues, carpinteiro e construtor em nome próprio.

Carpintaria: Cobimape – Carpintarias Lda

O conceito de empresa familiar ganha novas nuances quando Manuel Domingues, gerente da Cobimape, nos fala da origem da empresa. Podendo durar mais de um milhar de anos em floresta, um castanheiro precisará de pelo menos 40 anos para estar pronto para abate. Quando, em 1978, o pai do empresário fundou o negócio de carpintaria, já o avô tinha

começado a plantar castanheiros nas coutadas de que era proprietário, em Parada do Monte.

Hoje, muita da madeira nobre que deu prestígio à Cobimape, associando-se aos projectos dos mais conceituados arquitectos nacionais, resulta dessa visão de sucesso das gerações anteriores. A madeira de castanheiro do Norte de Portugal colhe, segundo o empresário, a preferência dos mais conceituados arquitectos nacionais, entre eles João Carrilho da Graça, Nuno Brandão Costa e Eduardo Souto Moura, com os quais a Cobimape já trabalhou.

Vocacionada para a carpintaria de limpos, a Cobimape emprega cinco pessoas em permanência, recorrendo à subcontratação quando os projectos o exigem. Curiosamente, é no Sul do país que a empresa minhota mais trabalha, como explica o gerente, que é também um dos sócios desta empresa familiar. “Setenta por cento da nossa actividade é nos distritos de Portalegre e Beja, porque trabalhamos com o castanho nacional, uma madeira que geralmente no Sul não se trabalha. Alguns arquitectos, como o João Carrilho da Graça, exigem



este tipo de madeira típica do Norte de Portugal”, frisa.

Mesmo com trabalho a mais de quinhentos quilómetros da sede, Manuel Domingues assegura que Parada do Monte é o sítio onde quer continuar a basear a sua empresa, a sua vida familiar e os negócios. “É um negócio pequeno mas estável. O nosso propósito não é crescer muito mais, é ter estabilidade, sem recurso a financiamentos, por isso vamos mantê-lo nesta escala, em Melgaço e um armazém no Alentejo, para dar apoio ao trabalho naquela região”.

O trabalho da empresa vai por isso desde o corte da árvore até à peça de mobiliário final. Em Melgaço trabalham para alguns empreiteiros, mas é fora do concelho e até do distrito que tem a sua melhor montra de trabalho em madeira maciça. A utilização de madeira de castanheiro é quase requisito obrigatório na reabilitação de igrejas antigas. Manuel Domingues dá alguns exemplos de recuperações onde a Cobimape teve intervenção. “A Sé de Portalegre, a Sé de Beja e outras igrejas em que os arquitectos exigiram castanheiro nacional do Minho, reconhecem o prestígio do castanheiro minhoto e isto, naturalmente, valoriza uma madeira que já é por si um produto nobre”.

Qual é o mercado do mobiliário em madeira maciça, quando as tendências e a competitividade dos aglomerados tornaram mais acessível a compra de mobiliário e ao mesmo tempo trazer linhas mais urbanas às peças? A resposta surpreenderá os menos atentos aos mercados mais requintados.

“As principais marcas de mobiliário contemporâneo em Portugal, como a Boca do Lobo, usam

exclusivamente madeira maciça. Este mercado sempre existiu e terá sempre o seu espaço”.

Nem sempre, ou muito poucas vezes, o carpinteiro é o criativo. Às mãos chegam-lhe desenhos a que tem de dar forma. “Somos quase como um alfaiate”, reconhece Manuel Domingues, cuja empresa já teve de lidar com o rigor dos desenhos que alguns dos mais conceituados arquitectos nacionais. E a peça, tal como no atelier tem de ‘assentar’ bem.

Construção Civil/Climatização: Alves & Judite Lda



Quando, aos 17 anos, o apelo da emigração chamou Justino Mamede Alves para o estrangeiro, cedeu ao impulso de ir ganhar dinheiro longe da sua terra natal. Calhou-lhe a Suíça, país próspero e onde “se ganhava dinheiro”, mas a vontade de Justino puxava-o para o torrão natal. Aos 29 anos voltou a Portugal “a tempo de ver os filhos começarem a Escola Primária cá”. E acabou por ficar.

Constituiu uma empresa (já extinta) com um vizinho, a Alves & Pires Lda, vocacionada para a construção civil e climatização.

O sócio capitalizava os conhecimentos de construção civil e Justino Alves na climatização, complementando-se nos projectos que iam assumindo. Ainda durante esse período, abriram uma loja na Rua Fonte da Vila, para exposição e venda de materiais.

Finda a sociedade, onze anos depois, Justino Alves direccionou a nova montra para aquilo que aprendera a fazer bem, mantendo a venda e assistência nos serviços de climatização e a venda de materiais de construção.

Com o fim da parceria anterior, fundou a empresa Alves &

Judite Lda em 2002 e em 2009 mudou de instalações para um espaço de exposição com 640 metros quadrados e um armazém de materiais com 400 metros quadrados, a cerca de um quilómetro da vila de Melgaço.

Com a centralização dos serviços perto do centro urbano e o know-how que já tinham no sector, a empresa teve mais facilidade em rentabilizar o seu investimento e está em 2017 em “franco crescimento”.

Continua na pág. seguinte

CLÍNICA DE
OTORRINO
LARINGOLOGIA
Dr. Monteiro Marques

Dr. MONTEIRO MARQUES - Ovidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

hospital particular
viana do castelo
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º
4950 - Monção
251 652 756

MIRACASTRO ALBERGARIA
CASTRO LABOREIRO
Tel. 251 460 020
Fax 251 460 029

Albergaria
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.

Continuação da pág. anterior

Em tempos, quando a emigração era mais abastada, a empresa chegou a vender electrodomésticos para o estrangeiro, para os emigrantes que preferiam comprar em Portugal e levar em transportadora. Hoje, os investidores na casa de família são mais cautelosos. "Quem está a fazer a maior parte dos investimentos é aquela geração que está quase a chegar à reforma, dos 50 para cima, e os reformados. Os mais novos já não investem cá, compram lá onde estão", considera Justino Alves.

Apesar do perfil de cliente ter mudado nos últimos anos, o empresário destaca a preferência da maioria dos compradores por um espaço onde conheça quem vende e possa ter assistência ou apoio em caso de avaria do equipamento. "As pessoas gostam de lidar cara-a-cara com o vendedor", sublinha.

Para o efeito, a empresa tem um técnico vocacionado para a assistência, contando com um total de sete trabalhadores permanentes, desde o espaço de venda até ao transporte e colocação de sistemas de aquecimento e azulejos.

Apoio Social: Centro Interparoquial e Social do Alto Mouro



Ao longo da última década, o Centro Interparoquial e Social do Alto Mouro (CISAM) prova

a cada dia a sua vontade social. Diariamente, uma cozinheira e oito Ajudantes de Acção Directa dão apoio domiciliário aos seus utentes nas freguesias melgacenses de Couso, Parada do Monte, Gave, Cubalhão, Lamas de Mouro, Castro Laboreiro, em alguns lugares de Paderne e ainda na Gavieira (Arcos de Valdevez).

No entanto, "nada tem de seu", observa Andreia Morais, Directora Técnica e Assistente Social do CISAM desde 2008. Há quase uma década que este serviço social subsiste em espaços "provisórios" que se foram tornando definitivos.

"O nosso espaço de apoio domiciliário já é provisório há muitos anos. Estou cá desde 2008 e quando cá cheguei tinha sido recentemente adaptado para apoio domiciliário, mas era provisório. Em 2017 continua a ser provisório e o pior é que as condições vão-se degradando, já precisa de obras", analisa a Directora Técnica.

Quase dez anos depois, poderá o CISAM ver a sua "provisória" situação resolvida? Já veremos.

Diariamente, o serviço de apoio domiciliário percorre oito freguesias de montanha, prestando cuidados vários, desde a higiene pessoal, alimentação, limpeza da casa e tratamento de

roupas. Alguns destes serviços são semanais, como o tratamento de roupas ou a limpeza de habi-

tação, mas há casos que precisam de um acompanhamento mais atento. "Há utentes com várias higienes, medicações e pequenos-almoços que é preciso acompanhar", explica, notando que a equipa é limitada para o serviço que deveria ser feito junto da população que assistem.

"Estas instituições trabalham com o pouco que têm, mas seria bom poder disponibilizar meia hora com cada idoso, porque às vezes as pessoas precisam mais de que se converse com elas cinco ou dez minutos, de um pouco de atenção, do que só levar-lhes a refeição", nota a Directora Técnica.

Apoiadas por três viaturas "a precisar de reforma", o Centro assegura diariamente a alimentação a cerca de trinta idosos, além dos restantes apoios necessários a estes e outros utentes. "Cada vez mais devemos de prestar um serviço com qualidade e no caso do apoio domiciliário, é importante ter viaturas adaptadas para que possamos chegar com as refeições com a máxima qualidade possível".

Com as instalações e parque automóvel quase em fim de ciclo, a notícia de um novo projecto que irá criar de raiz um espaço físico para o centro já não soa a privilégio, mas uma necessidade. O novo projecto, a ser implementado em terrenos da freguesia, prevê a construção de uma estrutura com Residência para Idosos, apoio domiciliário e Centro de Dia.

Uma concretização que permitirá "dar uma resposta mais alargada nas freguesias em que intervimos e no concelho em geral", refere Andreia Morais, defendendo que os apoios para a área social devem ser 'pensados' a longo prazo.

"Dadas as dificuldades financeiras, é fundamental reforçarem-se as instituições que existem no terreno, as que já estão a trabalhar há alguns anos no terreno e que conseguem abranger várias freguesias. Na zona de montanha

fomos a primeira instituição a surgir, sempre demos resposta às várias freguesias e nunca deixamos de dar resposta a qualquer uma delas. Sinceramente, antes de se avançarem com novas instituições, tem de se pensar a longo prazo. Vivemos num concelho envelhecido, no longo prazo, qual vai ser a sustentabilidade de todas elas?", questiona a Directora Técnica.

O surgimento de instituições de cariz social, actualmente dependente de acordos estabelecidos com a Segurança Social e da participação do utente consoante os seus rendimentos, merece mais atenção no momento de analisar a área de acção do projecto, "para não haver repetição de respostas" no mesmo território.

O CISAM, na sua 'luta' pelo serviço social nas freguesias montanhosas do Alto Mouro, na serra da Peneda ou em Castro Laboreiro, "faz sentido existir, no contexto em que está".

Carpintaria/Construção Civil: Cândido Rodrigues



Desde os 17 anos a trabalhar na carpintaria, Cândido Rodrigues, hoje com 47, é da geração que "começou a trabalhar cedo" e a realizar metas também.

Ainda no fim da adolescência, emigrou para a Suíça, onde trabalhou na carpintaria, na preparação e colocação de madeira, por conta de outrem. Quando voltou, o mercado ainda era bom para a construção, mas o ciclo

podrá já estar esgotado, à luz da realidade social de hoje, como faz questão de notar. "Ainda se trabalha mais ao menos, mas para as pessoas mais idosas, os mais novos já não constroem aqui", mas a culpa poderá não ser da geração e sim do paradigma.

"Quando era novo, aos 20 anos, comecei a construir a minha casa. Agora só começam a ganhar aos 30, quando acabam os estudos", aponta, lamentando no entanto que os jovens de Parada do Monte que a escola reconhece como bons alunos, "acabam por não ficar aqui".

Ainda assim, reconhece que a freguesia de montanha está num bom momento "porque tem gente trabalhadora". "Nós não saímos às seis da tarde do trabalho, e madrugamos bem. Se calhar, como fomos mais escravos do trabalho, talvez ainda tenhamos este hábito. Antigamente fazia falta tudo. Sempre houve bons pedreiros, bons carpinteiros e as terras estavam todas cultivadas", recorda.

Talvez por toda a experiência, foi ajustando a actividade à tendência do mercado. Começou a trabalhar com a madeira e hoje dedica-se em grande parte à construção civil, por conta própria. "Temos de nos adaptar".

Neste caso, à construção, essencialmente devido à emigração que está em idade de voltar. "Foi a época de construir cá, depois lá e agora é tempo de recuperar o que tinham construído aqui", explica Cândido Rodrigues. "Tivemos sorte, quando houve uma quebra na economia do país, praticamente ninguém aqui em Parada sentiu essa quebra. Não sei se se virá a sentir agora, mas até ao momento trabalhamos sempre".

E se as tendências ou de facto a crise chegar a reflectir-se, Cândido Rodrigues não tem receio em adaptar-se novamente ao mercado ou à área de acção. "Se não houver obras aqui, alargamos a área. Nem que tenhamos de ir até Viana [do Castelo] ou ao Porto fazer obra, mas voltar sempre aqui, a Parada, no fim de tudo".

João Martinho

ARTES *Centro de Artesanato*

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com



Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Transladações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

VENDO

- Coutada do Vidual com mato e pinheiros situada no lugar do Pomar com área de 1 (um) hectar - 10.000m²
- Coutada de Porta Carvalho com mato situada em Casal Maninho com área de 3.600m².

**Contacto tlm
934210969
Maria Teresa**

Nesta primeira colaboração do projecto "Lá de Ribá" com o jornal "A Voz de Melgaço", apresentamos duas histórias desta época. É Natal, mas é também (ou era) o tempo de matar o porco. O tempo frio era o ideal para que a carne não se estragasse durante o processo de desmanche até ser guardado na salgadeira.

Encher as "tchouriças"



- Pode-xe?
- Entra, noxa Zeres! Estou de bolta da sorça.
- Jajus, que frio! Paxei ali end'ó balado de Casemiro e é xó fujos pendurados daquela augui-nha que la escorre.
- Aqui nun xe esta mal mais entra un tchiasco por exa tralis-ca...Ó Tone, bôta-le uha atcha ó lume que já nun ten mutchêna.
- Bás inctchêr? Têns uns cornos* ben bôs, endi os arrinjaste?
- Na feira. Trouxe dous, inda han-de dezer que xó uha borneira.
- Ná, hai que comprar o que faz falta pra xe estar governado. Já te beu a atença?
- Inda nô. Mais nun há-de tardar e boua falta faz.
- Bôta ca um corno que te dou uha demán.
- Entôn beirão! Hoje intchemos xó as de carne, as finas; aminhán entcho as groxas, xe nô nun paro das rêns.
- Têns agulha prá'spitar?
- Olha aí por riba do pial.
- Jajus, é a de cojer o carneiro pr'Assunção? Ai que bouas febras! Tinhas uha boua cêba.
- Ná ixo tinha. Era cm'ón ltagôn. Têno ali un bô lacôn pra mandar arrematar no Xant'Antone.

É Natal!

- Ai que bôs trotchos! D'ende bêns Marquinhas?
- Da canle. Deixei-as da terra das batatas pra hoje comer c'ó bacalhau.

– As noxas tchuriren todas, caje nun tinha que botar ó pote. Inda por riba, ben os de baixo aqui cear e gostam tanto...!!

– Pois ê, c'ó a geadá que esta stiano...Mais ê bô axi que o Natal cum calor nin xequêr abêce! Nos moinhos habia cada fujo à pol'a minhan que parciam andores. Ai ben os de baixo?

– Pois ben! Ja estibe a mungir a Cabana pra fazer os formigos. À canalha regalám-le. Trazen cagoetas e exas modernices mais nun paxam xin os formigos. Os formigos e a xopa xeca de binho; tchamám-le um figo.

– Eu deixei o coco ó lume p'os-despois fazer os bolicos. Inda quero ir à mixa.

– Ai eu tamén bou xempre às três mixinhas do Natal que qando me bejo atrapalhada, apego-me a elas e a couja la x'amanha. Tamén diz que ban acender uha fatchoqueira end'á capela pra ir um pouco ó fim de cear.

– Puis tamén noxo Tone mo dixo. Paxa-xe um bô pouco.

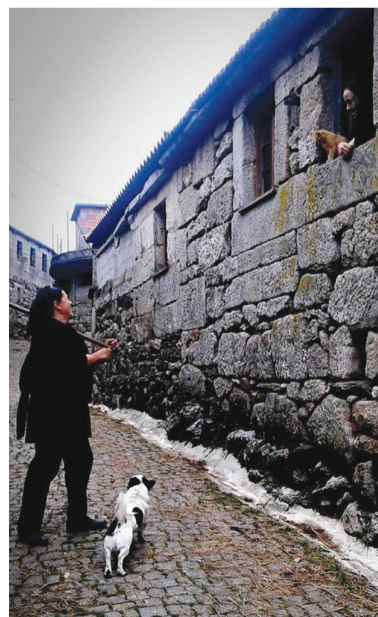
– Bôta-xe uha catchacinha cum acure e nun hai frio que nos entre.

– Ai ixo é berdade. E binho quente que tamén regala.

– Olha, bou pra dentro escolher as coubas e ber xe expurgo as batatas xe nô num xe faz nada.

– Bai, bai qu'eu tamén me bou indo.

– Bai cum Deus, moça!!
Bô Natal!



"Dei-me os reis!"



"Dei-nos os reis xe no los quêdar. Nun nos esteja a demorar que bimos de muito longe, temos serras pra passar".

"Toca o pandeiro, toca ligeiro, dei-me um tchouriço do xeu fumeiro".

"Os castinheiros no souto, as castanhas no ouriço, alegrai-bos raparigas que já aí ben o tchouriço!"

Recordamos o "pedir os Reis" dos tempos menos fartos. A canalha raramente cantava e, se o fazia, era muito timidamente. O mais normal era dizer apenas e só "dei-me os reis". Castanhas, nozes, "maçans rabianas" e "dous" ou três pêros azedos faziam a alegria da pequenada.

À mocidade, que costumava cantar "c'me l'ê dado", dava-se uma chouriça, carne gorda ou mesmo uns "testôns". Depois, num domingo à tarde, faziam uma merenda com o que juntavam e aproveitavam para namorar, claro.

Também alguns pobres cantavam os reis à porta dos lavradores, aproveitando para levar do que o campo dava.

"Obrigado, obrigado, faz favor de desculpar! Deus queira que d'hoje on ano nos tornemos a encontrar!"

Deitar uma galinha

O acto de deitar uma galinha ainda tem que se lhe diga. Não chega pôr os ovos em feno num cesto e a galinha por riba. Ora, tendo em conta que demoram tês semanas a sair, a deita e a saída

dos pitos acontecem mais ou menos no mesmo mês. Acreditava-se, portanto, que a altura da deita tinha de ser bem escolhida porque disso dependia a qualidade da "colheita".

"Os de Janeiro poujam no colmeiro" (as galinhas que nasciam no Janeiro começavam a pôr ovos em Julho, altura de segar o centeio).

"Os do Abril, biste-os bir, biste-os ir" (não era boa altura).

"Os de Maio crecem c'ma gaios" (boa altura).

"S. Joan, cabeça pró tchan" (não era boa altura).

Como as aves de capoeira serviam, outrora, para pôr ovos e raramente para comer, ansiava-se que nascesse tudo galinhas e apenas um galo; daí que, em primeiro lugar, havia o cuidado de colocar ovos em número ímpar; treze ou quinze,

por exemplo, e depois rezar: *"Em loubor de Xan Xalbador, tudo galinhas xó um galador, por a graça de Deus e da Birge Maria, um Padre Noxo e uha Abe Maria".*

Por fim, havia que colocar um objecto de metal, normalmente uma fouchinha velha, junto do ninho para afastar as trovoadas. A partir daí, soltar a galinha de dois em dois dias para comer e esperar que os ovos comessem a "picar".

Alda Barreiros/Maria Alves

* Chama-se "corno" ao funil de encher as chouriças porque, antes do aparecimento deste, usava-se para o efeito um bocado de um corno de vaca. Mudou o utensílio, ficou o nome.



MCA – Mediação de Seguros Lda

ASF N° 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 936060133

A linguagem também é património

Sistelo, a vida no campo e a sua forma de a contar

Com a campanha em torno do concurso 7 Maravilhas de Portugal – Aldeias, no qual o Alto Minho apresentou quatro finalistas – Castro Laboreiro (Melgaço), Sistelo (Arcos de Valdevez) e Lindoso (Ponte da Barca) – o momento não foi só de promoção da paisagem. O mediatismo do programa da RTP renovou interesses e descobriu talentos daqueles que nasceram ou foram criados nas localidades divulgadas, que guardavam para si importantes contributos para a história do seu canto natal.

No concurso "7 Maravilhas de Portugal- Aldeias, Sistelo acabaria por tornar-se a única localidade do distrito a trazer o troféu de vencedor para 'casa', mas as localidades minhotas em concurso tiveram muito para mostrar durante o tempo de antena que lhes foi dedicado.

O dialecto e as expressões cultivadas nas localidades minhotas são um dos seus importantes legados em termos de património imaterial. Já muito se fez no levantamento das cantigas tipicamente minhotas, muito devido ao trabalho que os grupos folclóricos têm nas comunidades que representam, no entanto, ainda pouco se fez para registar com o mesmo zelo aquela que era a forma de comunicar das comunidades locais.

"A Voz de Melgaço" deu nota, e tem publicado no site do jornal, o levantamento do dialecto e tradições que o projecto "Lá de Riba" têm feito na sua comunidade, em Riba de Mouro (Monção). A iniciativa de Alda Barreiros e Maria Alves, por ser a mais finalizada em termos de comunicação, foi a primeira a ser apresentada por este jornal. Segue-se agora Sistelo, que apresentamos neste primeiro exercício por uma conterrânea daquela freguesia arcuense e seguir-se-á Castro Laboreiro que, pela sua especial característica do dialecto, o "verbo", merecerá uma contexto e explicações mais detalhadas, em próximas edições.

O orgulho no legado linguístico de Sistelo, por um dos seus

Liliana Neves, com 23 anos, acarinha o legado da terra que a viu crescer. Um dos seus textos mereceu a atenção da comunidade de ligada às redes sociais, por al-



tura do concurso 7 Maravilhas de Portugal – Aldeias. Nele, Liliana Neves realçava a importância das características da comunicação daquela comunidade, desde o "sotaque" aos nomes das coisas que, não raras vezes, são baptizadas em cada terra com nomes específicos. Influências de uma Gallaecia que continuava a ramificar o seu linguajar.

Mestre em História pela Universidade do Minho, Liliana conhece a linguagem do seu povo como poucos, fruto da convivência com os aldeãos que, mesmo na viragem do milénio, ainda guardava a ruralidade que lhe era própria, nos hábitos de trabalho e nos modos.

João Martinho

Tchobe mas é tchuber!

Nota da autora: *Leiam-se todos os "s" do texto com a mesma sonoridade do "s" na palavra "casca", usando-se a mesma sonoridade quando se encontram dois "ss" também.*

– Ó nossa Rosa, anda-te embora! Ui, Jasus! Agôra tchobe quê tchuber! Deixa as bideiras p'ra lá, ó! Senam mando-to bantal galego da jinela!

– Brigada ti Maria! Está tam anebuado, eu bou p'raí êmcanto num alebía.

– Anda moça! Sobe as sca-leiras e'mpurra o cancelo, home!

– Ai, que bô luminoso têm aceso! Olhê q'eu até a combina-ção tenho molhada!

– Ó mulhêr, eu fora à jinela bazar o bacio e bi-te! A ber se bêm um bocancho p'ra ires acabar de podar a lata. Senta-te aí no escabeu um pouco! Eu antes bou p'ró moutcho!

– Está mais perto do lume assi! Têm uma boa terreira, ó Ti Maria!

– Graças a Deus moça! E esta minham nosso Tone botou-me este canhoto aqui, têm ardi-do bêm! Agôra pus a putcheira ô lume, que pariu onte a baca e bou fazer filhóses c'ó nosso moço gosta munto! A ber se num se m'esborda.

– Eu gosto ê de bandulho! Inda tenho na masseira uhas brouas de póm e uma massa de bandulho que fiz onte, p'ra cozer! A ber se nosso Zê logo me trás a bosta p'ra fitchar a borda da porta ó forno.

– Olha, eu hoje num cozi. Nós am pouco ô jentar comemos uha éuga d'unto e fiz um bolo da pedra! Soube que regalou!

– Bocê têm uha garcídela!

– Tenho moça, mas num m'amanho c'ó ela! Inda logo, pr'á ceia, bou fazer uhas papas rousseiras, mas bou-as fazer no pote. Bi-me perdida p'ra moer a

farinha que se me enludou o m-unho e num tinha quem m'ajudas-se, c'ó nosso moço e Tone forêr buscar um carro de mato ò monte. Olha que num tínhamos nim tóijo nim fénto ninhum na pilha pr'a istrar a corte! Agôra, num há meio d'abucanhar p'ra eles birêr!

– Eu bi-os cando iam! Canga-ram as bacas às abessas! O moço bêm puxaba a sogá e o Tone cariaba, mas tá queto! Num habia meio d'andarêr! Depois a Som ê que deu n'êla!

– Omessa! Eu bêm digo ô Tone c'ó moço num s'ajeita co'as bacas! Inda onte le disse p'ra num se esquêcer de por a barela na canga p'ra num cair o canziu, e p'ra bater bêm a xabelha q'inda se le desprêndia o carro. Mas à bô, num botam conta nenhuma. Deus queria qu'ô descer ô menos apêrtim as tarraichas, senam ai Jasus, inda bêm o carro porri-

dom as rens e os cartos!

– Oh cum raio! Ai nossinha, am pouco tamêr me caiu a nossa moça! Mande-i-a apanhar landras p'ró pórcó, ô Cabo, ela num tu-pou a tchabe no postoiro atirou-se por riba da cancela trossegou um pê. Intchou-le têm lá um toutiço!

– Arre diabo! Num se está bêm êr lado ninhum!

– Nam! Ai Jasus, cando me lembra c'ó Nelo Trigueiro caiu da medeira de feno e morreu! Passo o tempo a matutar nisso!

– Num era de feno, era de palha! Eu andaba êr riba a'sfo-lhar! O Maneu deu-le uha copa, ele p'rá agarrar agatchou-se e ca-trapumba! Deu um tombo tama-nho, escolhambou-se todo! Mais le balia ter lubado as cousas p'ró palheiro! Mas dezia que depois no Bram as lubaba!

– Ele tamêr tinha tanta ma-tusia! E a rês quêr cumer! Eu



ba deles e bam todos à corga ôs trambulhõns.

– Cantê! Teu home sabe tra-balhar! Num faz cumo Ti Abeu! Outro dia estaba na leira fun-deira, porriba da coutada! Num quis escangalhar o portêlo, olha soutou porriba do balado ô ca-minho e quase se matou! Cum-sonte caiu, caiu a sachola anda ele! Cajé le tiraba a mam! Inda espetou a ponta da gadanha num braço! Está deitado no xaragão, num se lubanta e só berra que le

até inda tenho aculá um cesto de espigas p'ra debulhar! Ouguhas som duras cuma tornos!

– Ó mulhêr, estamos aqui a tanganhar e secalha abucanhou! Bou-me imhora! Bou cubrir um bantal pu-la cabeça, pareço um manhuço, mas ou menos sempre emparo ouguha.

– Bai lá mulher qu'eu tamêr bou ber se arrenjo um adubinho p'ró caldo na saugadeira!

Liliana Neves

Adega sabino

Largo Hermenegildo Solheiro, n.º 46 - Melgaço
Tlf. (+351) 251 404 576 | Tlm. (+351) 963 452 031
E-mail: restaurante.sabino@sapo.pt

ESPECIALIDADES:

- CABRITO DO MONTE
- BACALHAU COM BROA
- ARROZ 'PICA-NO-CHÃO'
- LAMPREIA E SÁVEL*

* (NA ÉPOCA)

RESTAURANTE

42° 6' 46" N / 8° 15' 32" W

tripadvisor

Crisari Florista

LIMPEZA E ARRANJO DE CAMPAS
ARRANJOS PARA FUNERAIS
ORNAMENTAÇÃO DE EVENTOS

E-mail: floristacrisari@hotmail.com
Contacto: 938 584 388
Morada: Convento de Paderne
Melgaço

General Luís Sequeira ao VM

Burocracia afasta investidores

Portugal é “um país capturado pela burocracia”. Por isso é que “há muitos investidores – até estrangeiros – que desistem”. Quem o diz é general Luís Sequeira, especialista em Finanças e antigo professor catedrático da Academia Militar. O alargamento da área marítima exclusiva, a Caixa de Depósitos e o adiamento das reformas são outros dos temas abordados pelo militar de Abril.

A 27 de Agosto de 2014, o general Luís Augusto Sequeira, de 70 anos, foi ouvido na Comissão Parlamentar de Inquérito da Assembleia da República, na qualidade de ex-secretário-geral do Ministério da Defesa Nacional. Assunto: a aquisição de equipamentos militares. Com alguma ironia à mistura, o general recordou nessa altura que Portugal pagou mil milhões de euros pela compra de dois submarinos. A Grécia, por esse mesmo montante, comprou seis! E disse mais: por cada sete euros de equipamento adquirido, um euro teve como destino a banca.

Essa intervenção está, aliás, gravada no “Youtube”.

Para o general e em declarações prestadas à Voz de Melgaço, essa questão “ficou pouco esclarecida. Mas, no meu ponto de vista, é uma questão do passado; o passado traz-nos lições, mas as pessoas não querem aprender com essas lições”.

O general Luís Sequeira disponibilizou-se a falar com “A Voz de Melgaço” aquando da sua recente presença em Braga para participar no jantar que reuniu, no 7 Fontes, cerca de 30 antigos alunos da turma B que há 53 anos concluíram o 7.º ano no Liceu Nacional Sá de Miranda. Ele foi um deles. Nesse jantar também se festejou, efusivamente, o aniversário de quem completava 70 de vida. num animado reencontro, com fados e guitarradas organizado por José Manuel Pardal (neto de Ferreira da Silva, (palacete na Rua Dr. António Durães, ex-Rua Rio do Porto, Melgaço). Hoje, esses antigos alunos são médicos, professores e empresários distribuídos por diversos pontos do país. O encontro do próximo ano é em Coimbra.

SISTEMA FINANCEIRO POUCO TRANSPARENTE

Mas voltemos às declarações do general Luís Sequeira, para quem a situação económica portuguesa “está muito condicionada às questões financeiras. Em termos de prioridades para o país, eu acho que enquanto não se resolver a questão do sistema financeiro, que é pouco transparente”, com a economia a estar “muito condicionada pelas finanças, vamos chegar a um ponto em que as finanças condicionam tudo. Ou seja, é quase como a criatura que se vira contra o criador. Há pouco espaço para os políticos poderem ter políticas autónomas para o país”.

Recorda que em Portugal o tecido produtivo é constituído por 94 por cento de pequenas e médias empresas. “A sobrevivência do sector passa pelas exportações”. E, no que se refere à produção agrícola, vê exemplos positivos, com o produto nacional na ordem dos 16/17 por cento. “Mais difícil é a situação na indústria, por não haver competitividade com mercados externos. A maior parte são produtos importados”, sublinhou.

POUCA VIGILÂNCIA PARA FUTURA ÁREA MARÍTIMA

Em 2018, Portugal poderá ver aumentada para cerca de 4 milhões de quilómetros quadrados a sua zona marítima exclusiva, abrindo a possibilidade de exploração de espécies de recursos do mar. “O pior que pode acontecer é que depois não temos nem capacidade de explorar, nem capacidade de vigilância em relação a esses recursos marítimos”.

Quanto ao sector dos transportes, “tem havido desinvestimento. Investiu-se em quê? Em auto-estradas. E não sei se por pressões comandadas do exterior ou se foi por iniciativa própria ou se foi por uma questão de facilidade que se inverteu a política de investimento das infra-estruturas nos transportes”.

CINSEQUÊNCIAS DA PRIVATIZAÇÃO DA CAIXA

Para o general Luís Sequeira, “a privatização da Caixa Geral de Depósitos acabaria com todos os centros de decisão bancária em Portugal. A Caixa Geral de Depósitos deve, pois, continuar a ser pública, totalmente independente das entidades bancárias externas”.

A Caixa Geral de Depósitos foi criada em Abril de 1876.

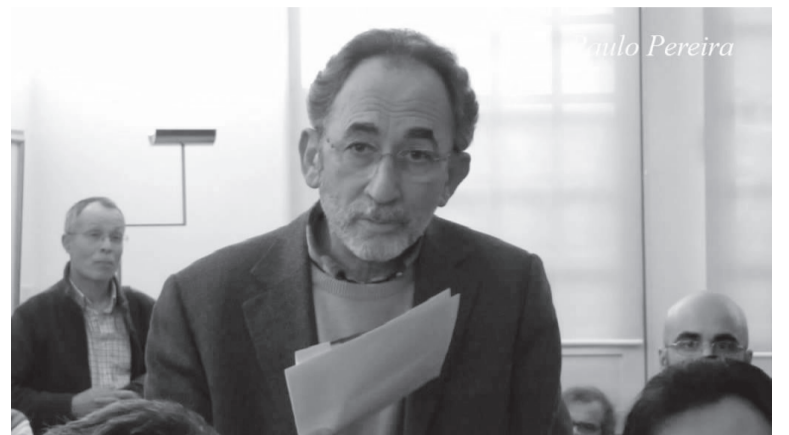
E quanto às imparidades registadas com os empréstimos da banca e os consequentes efeitos negativos, o militar de Abril lamenta “a bastante morosidade da administração da justiça. A administração da Justiça tem de ser rápida” – frisou.

CLIENTELAS E CORRUPÇÃO

Em Agosto do ano passado, no blogue “Mover a Montanha”, do qual é um dos seus notáveis columnistas, o general Luís Sequeira escreveu: “O Estado, assente numa Administração Pública invadida por vagas de clientelas partidárias, é capturado por uma burocracia paralisante e vê-se atingido por situações graves de incompetência, de nepotismo e de corrupção, a que não é imune o designado Sector Empresarial Público, situações que abalam o paradigma do Estado Soberano, do Estado de Direito e do Estado Social, fazendo com que os cidadãos cada vez se revejam menos nos seus governantes”.

Mais de um ano depois, a frase continua a fazer sentido: “Hoje estamos num país capturado por uma burocracia impressionante em todos os sentidos, em todas as áreas. Burocracia que condiciona os cidadãos e, portanto, alguma coisa deve ser feita. Quando não se sabe fazer, então que se procure saber como se faz nos outros países”.

Luís Sequeira reconhece a dificuldade em planear, num país em que se vive “muito do momento presente” e em que “as reformas profundas são sistematicamente adiadas”. E casos há em que decisões que mereceram



Luís Pereira



a concordância de todos os partidos na Assembleia da República, depois não se executam. Porque “uma coisa é falar e escrever, outra coisa é fazer. E fazer é mais difícil”.

O QUE FALTA DO SIMPLEX

Para o general, a introdução do Simplex significou “uma grande evolução para todos nós. um progresso incrível”, nomeadamente no aceder aos serviços públicos sem se deslocar ou obter documentos num só “clic”, devendo Portugal seguir os princípios que existem noutros países. “Ou seja, o cidadão deve confiar no Estado e não o contrário; ou seja, tudo é permitido desde que seja autorizado”.

Mas “hoje, em qualquer sítio onde se vá, têm de pedir tudo!” E o que que devia ser: “Quando o Estado pede ao cidadão um dado, esse dado deve ser partilhado por todos os serviços do Estado. E só se deve informatizar aquilo que é informatizável. A burocracia informática não pode acontecer.

“Há uma burocracia que capturou completamente todos esses sistemas. Há muitos investidores, até estrangeiros, que perante os obstáculos criados pela burocracia desistem. Tem de haver uma grande mudança. Mas, para isso, é preciso trabalho. Não é palavras, é trabalho e gente competente” -- concluiu,

PERFIL

Nascido em Angola em 1947, Luís Augusto Sequeira foi um dos capitães de Abril. Licenciado em Finanças e Engenharia Informática, foi secretário-geral do Ministério da Defesa Nacional, depois de ter sido professor do Instituto dos Altos Estudos Militares e director dos serviços de finanças do Exército. Do seu vasto currículo militar, com prestígio no país e no estrangeiro, constam 15 louvores, e várias condecorações. Actualmente integra a Associação 25 de Abril e é orientador em mestrado numa prestigiada universidade privada, em Lisboa.

Luís M. Fernandes

Termas de Melgaço angaria bens para famílias carenciadas - Campanha válida até de 07 de janeiro



Até 7 de janeiro, as Termas de Melgaço estão a angariar géneros alimentares e vestuário para ofertar às famílias mais desfavorecidas do concelho. A iniciativa enquadra-se na campanha 'Neste Natal relaxe...e seja solidário' e pretende proporcionar a estas famílias um início de 2018 mais feliz, minimizando, assim, a exclusão social.

A ação de solidariedade tem a colaboração da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço e está associada a uma campanha de promoções que a estância preparou para a quadra natalícia: por cada doação de bens o cliente usufruirá de mais 5€ de desconto sob o preço final nas promoções de Natal, que podem também comprar em formato de voucher, para oferecer no Natal, já que é possível usufruir das mesmas até ao dia 31 de janeiro.



T. 251 403 058 Av. Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA



Casa em ruína e terreno agrícola com cerca de 2400m² sendo uma parte do terreno com aptidão construtiva. O terreno possui vinha (a plantação foi feita há 2 anos), está bem localizado com boa exposição solar, perto da vila de Melgaço.

Prado e Remoães, Melgaço
[60.000€] M005/2017



Apartamento totalmente mobilado, composto por 3 quartos, WC, cozinha e sala de estar. Encontra-se localizado em zona calma, no centro da Vila de Melgaço com excelentes vistas.

Vila e Roussas, Melgaço
[80.000 €] M035/2017



Excelente T3 mobilado, bem localizado na Vila de Melgaço, composto por garagem e sótão. O apartamento possui aquecimento central.

Vila e Roussas, Melgaço
[105.000 €] M021/2016



Estabelecimento comercial, bem localizado, junto ao agrupamento escolar e casa da cultura. Área comercial de 30m² e arrumos com 13m². Excelente oportunidade para criar o seu negócio.

Vila e Roussas, Melgaço
[40.000€] M022/2017



Excelente terreno de cultivo e vinha com cerca de 3.200m² junto à Estrada Nacional. Bons acessos e boa exposição solar.

Prado e Remoães, Melgaço
[35.000 €] M044/2017



Duas habitações em pedra, com aquecimento, garagem, pomar, vinha e furo de água. Local vedado e sossegado. Ótima relação qualidade/preço.

Vila e Roussas, Melgaço Isento
[78.000€] M062/2013



Excelente apartamento mobilado composto por dois quartos, WC, cozinha e sala de estar. Possui janelas com recuperador de calor e garagem fechada. Bons acessos e boa localização.

Vila e Roussas, Melgaço
[110.000 €] M026.1/2017



Moradia T3 e rossios com poço de água em Sá, Paços. Situada em local calmo, com ótimas paisagens e boa exposição solar. Área total de 500m².

Paços e Chaviães, Melgaço
[69.000 €] M059/2016



Contabilidade



A G R A D E C I M E N T O S

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Aldina Vaz (Residia em Braga) Alvaredo | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Caldas Durão Penso - Paderne | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Armando Pereira Penso - Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Dulce da Luz Gil Alvaredo | 90 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Isidora Maria Rodrigues Merca S. Paio | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Leonel Anselmo de Almeida Gomes Paderne | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Joaquim Campos de Melo Chaviães | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Rosalina Ferreira Dantas Cerqueira Sante - Paderne | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António Manuel Alves Val - Chaviães | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Lurdes Rodrigues Paçô - Roussas | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Lurdes Castro Roussas | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Augusta Ribeiro Remoães | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Luís Lourenço Paderne | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José Carlos Penurias Sá Valadares | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Iria da Glória Martins S. Paio | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



CENTRO FUNERÁRIO DO ALTO MINHO

Maria da Ascensão Rodrigues Meleiro (Mariazinha)

Pereiras - Valinha | 73 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Luís Filipe Barreiros Cerdedo - Prado | 66 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria da Ascensão Rodrigues Meleiro (Mariazinha)

Em 10 de Dezembro, faleceu Maria da Ascensão Rodrigues Meleiro, mais conhecida por Mariazinha de Corções, em Rouças, filha de Armando Rodrigues e Beatriz, casada com Manuel Augusto Meleiro, residentes em Ceivães, Monção.



O funeral foi em Rouças, na segunda, dia 11, tendo sido, aliás, o primeiro serviço pastoral para o vigário paroquial, o jovem padre Carlos Martins. Concelebraram os primos da falecida, padres Carlos Nuno e Júlio Vaz. Foi sepultada em jazigo de família no cemitério de Rouças.

Seus irmãos, doutores Manuel e José Rodrigues, residentes no Algarve, estiveram presentes, bem como os primos e demais familiares, bem como muitos amigos.

A seu estimado marido, Manuel Augusto Meleiro, nosso amigo e prezado assinante, bem como a sua filha Teresa, cuja dedicação extrema à mãe nos momentos mais aflitivos da doença não se cansava de exaltar, e todos os demais familiares, os nossos sentidos pêsames.

A Mariazinha foi uma esposa dedicada, uma mãe extremosa, uma profissional competente e devotada, e uma cidadã participativa e esclarecida, além de uma fervorosa crente católica.

A Mariazinha faria no dia 17 deste mês de Janeiro, 74 anos.

Descanse em paz!

AGÊNCIA Funerária Mira

DISTINGUIMO-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA,
COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO

**TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS
E DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS,
BEM COMO DESLOCAÇÃO
NOS CASOS DE CREMAÇÃO**

RUA DR. AFONSO COSTA, 42 · MELGAÇO
Tels: 963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237

«NUNCA É TARDE DE MAIS
PARA TOCAR O CORAÇÃO DO
OUTRO, NEM JAMAIS É INÚTIL.

A NOSSA ESPERANÇA É
SEMPRE, ESSENCIALMENTE,
TAMBÉM ESPERANÇA PARA
OS OUTROS». BENTO XVI -
‘SALVOS NA ESPERANÇA, Nº 48.

*Que Deus vos receba em seus braços e o
Manto de Luz de Maria vos cubra das bênçãos
que a boa Mãe sabe dar aos seus filhos.*



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/01/2018

**EXTRACTO DE
JUSTIFICAÇÃO**

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia vinte e seis de dezembro de dois mil e dezassete**, exarado a folhas **oitenta e seis e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **TRÊS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **GABRIEL BARROSO PEREIRA DA FONSECA** e mulher **MARIA DO CARMO DA SILVA DA FONSECA**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais, ele da freguesia de Viade de Baixo, concelho de Montalegre, ela da extinta freguesia de Chaviães, concelho de Melgaço, residentes no lugar de **Quintas**, na atual União de freguesias de Chaviães e Paços, concelho de Melgaço declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, do seguinte imóvel, situado no **lugar de Quintas**, na referida União de Freguesia de **Chaviães e Paços**, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

Prédio Rústico, denominado "Campo Longo", composto de terreno de lameiro e vinha, com a área de oitocentos e oitenta metros quadrados, a confrontar de norte com caminho público, de sul com Deolinda A. Aguiar, de nascente com Baltazar Comier e de poente com Adelaide A. Azevedo, inscrito na respectiva matriz sob o **artigo 2065** da União de Freguesias de **Chaviães e Paços**, que corresponde ao artigo 1144 da extinta freguesia de Chaviães, com o valor patrimonial e atribuído de **€82,17**, desconhecendo o artigo da anterior matriz rústica, o que declaram sob a sua responsabilidade;

Que entraram na posse do citado prédio em dia e mês que não conseguem precisar do ano de **mil novecentos e noventa e seis**, já no estado de casados, por compra verbal que não chegou a ser formalizada, feita a Maria Olinda Afonso Rodrigues e marido Audísio Caldas Rodrigues, residentes em França;

Que, portanto, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, cultivando-o e colhendo os respectivos frutos, procedendo à sua limpeza e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência e oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade;

Que assim, a posse pública, pacífica, e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e seis** conduziu à aquisição do mesmo por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.
Melgaço, vinte e seis de dezembro de dois mil e dezassete.
O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves



Cartório Notarial
de Melgaço
Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/01/2018

**EXTRACTO DE
JUSTIFICAÇÃO**

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, **que no dia cinco de dezembro de dois mil e dezassete**, exarado a folhas **sessenta e duas e seguintes** do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **TRÊS - M** deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual **MANUEL FERNANDO DE SOUSA LOBATO** e mulher **JUDITE GARELHA GONÇALVES LOBATO**, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, ambos naturais da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de **Queirão**, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com **exclusão de outrem**, dos seguintes imóveis, sitos no **lugar de Sante**, de Freguesia de **Paderne**, não descritos na Conservatória do Registo Predial de Melgaço:

Verba Um: Prédio rústico, denominado "Gansa", composto de terreno de lameiro, com a área de trezentos metros quadrados, a confrontar de norte, nascente e poente com António Alves de Castro e de sul com limite de freguesia, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2847**, com o **valor patrimonial e atribuído de €15,76**;

Verba Dois: Prédio rústico, denominado "Gansa", composto de terreno de lameiro, com a área de mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar de norte com António Alves de Castro de sul com Miguel Rodrigues, de nascente com Oliveira Alves de Castro e de poente com Francisco Alves Casal, inscrito na respetiva matriz sob o **artigo 2849**, com o **valor patrimonial e atribuído de €172,50**;

Que desconhecem os artigos da anterior matriz rústica;

Que entraram na posse dos citados prédios em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de **mil novecentos e noventa e seis**, já no estado de casados, por doação verbal que lhes foi feita por Manuel José Gonçalves e mulher Iracema Alves Garelha, residentes que foram no referido lugar de Sante, sem que nunca tivessem formalizado o negócio por escritura pública;

Que, portanto, há mais de **vinte anos** se encontram os justificantes na posse e fruição dos mencionados prédios, cultivando-os, limpando-os, agindo, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade e que esta posse tem sido exercida sem interrupção de forma ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja;

Que, assim, a posse pública, pacífica, e em nome próprio do prédio desde o referido ano de **mil novecentos e noventa e seis** conduziu à aquisição dos mesmos por **usucapião**, que invocam para **justificar** o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seus favor, na competente conservatória do Registo Predial.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.
Melgaço, cinco de dezembro de dois mil e dezassete.
O Notário, Marco Paulo Lima Gonçalves

Cartório Notarial de Monção

«A Voz de Melgaço» 01/01/2018

CERTIDÃO

Certifico que a presente certidão composta de **sete** folhas, escritas numa só face, todas numeradas e por mim rubricadas, é certidão narrativa da escritura de Justificação Notarial exarada de folhas cinquenta e seis a folhas cinquenta e nove verso do Livro de Notas para Escrituras Diversas número **cento e oitenta e oito - E**, deste Cartório Notarial, e vai conforme o original na parte em que o reproduz.

Monção, vinte e três de Novembro de dois mil e dezassete.

A Colaboradora da Notária por expressa delegação nos termos do artigo 8º nº 1 do Decreto-Lei 26/2004 de 05/02 e respetivas alterações

Ana Paula Rodrigues Cunha Pedreira

CERTIFICO NARRATIVAMENTE, para efeitos de publicação, que por escritura de justificação notarial outorgada no dia vinte e três de Novembro de dois mil e dezassete, exarada de folhas cinquenta e seis a folhas cinquenta e nove verso, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número cento e oitenta e oito - e, **MANUEL JOSÉ LOURENÇO** e mulher, **ROSA DOMINGUES LOURENÇO**, ambos naturais da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, onde residem no lugar de Casaltão, casados que são sob o regime de comunhão geral de bens, declararam ser donos e legítimos possuidores dos seguintes bens imóveis:

1) Prédio rústico denominado "Monterrão", sito no lugar de Montarrão, freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar a norte com Caminho Público, a sul com Limite da Freguesia de Alvaredo, a nascente com Cândido Melo e a poente com Manuel Esteves, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 2219, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de vinte euros e dezanove centímetros, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

2) Prédio rústico denominado "Coutada de São Silvestre", sito no lugar de Casaltão, freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, composto de terreno de mato, com a área de novecentos metros quadrados, a confrontar a norte com Germano Casal, a sul e poente com Limite da Freguesia de Alvaredo, a nascente com Manuel José de Castro, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 2222, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de quatro euros e vinte centímetros, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

3) Prédio rústico denominado "Campo da Porta", sito no lugar de Casaltão, freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultural e vinha, com a área de três mil e oitocentos metros quadrados, a confrontar a norte com José de Sousa Lobato, a sul com Valeriano Vieites, a nascente com Caminho Público e a poente com Manuel Esteves, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 2170, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de duzentos e noventa e quatro euros e noventa e nove centímetros, igual ao atribuído.

4) Prédio rústico denominado "Ponte", sito no lugar de Midão, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura e vinha em ramada, com a área de mil metros quadrados, a

confrontar a norte com Alípio Gomes, a sul com José Joaquim Gonçalves, a nascente com José Meixeiro e a poente com Nelson Dias, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 5709, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de noventa e três euros e trinta e oito centímetros, igual ao atribuído.

5) Prédio rústico denominado "Coutada de S. Silvestre", sito no lugar de Casaltão, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de dois mil e quinhentos metros quadrados, a confrontar a norte com Maria Domingues Casal, a sul com Manuel José de Castro, a nascente com Alzira de Castro Rodrigues e a poente com Estrada Camarária, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 6019, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de trinta e seis euros e dezanove centímetros, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

6) Prédio rústico denominado "Monte de Queirão", sito no lugar de Queirão, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de mil e novecentos metros quadrados, a confrontar a norte com Manuel José de Castro, a sul com Caminho Público, a nascente com José Meleiro de Castro e a poente com José de Sousa Lobato, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 6281, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de duzentos euros e trinta e oito centímetros, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

7) Prédio rústico denominado "Padrozelos", sito no lugar de Estivadas, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto de terreno de pinhal e mato, com a área de mil e novecentos metros quadrados, a confrontar a norte e poente com Caminho Público, a sul com Esperança Fernandes e a nascente com Manuel da Rosa, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 7257, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de vinte e dois euros e oitenta e sete centímetros, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

8) Prédio rústico denominado "Funduges" sito no lugar de Pontes, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, com

posto de terreno de pinhal e mato, com a área de oitocentos metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com Manuel António Pires, a sul com Maria da Glória Alves e a poente com Maria Durães, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na matriz sob o artigo 585, a favor do justificante varão, com o valor patrimonial tributário de nove euros e vinte e dois centímetros, ao qual atribuem o valor de cinquenta euros.

9) Prédio rústico denominado "Funduges", sito no lugar de Pontes, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura, com a área de dez mil metros quadrados, a confrontar a norte com Caminho Público, a sul com Manuel António Pires, a nascente com Eduardo Joaquim posse e fruição no ano de mil novecentos e sessenta e quatro por compra verbal, que nunca foi devidamente formalizada, que efectuaram a Elvira de Abreu, solteira, maior, já falecido, residente que foi no lugar de Granja, freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço.

Que, desde aquelas datas, entraram na posse e fruição dos referidos prédios, cortados o roço e lenha e efectuando limpezas de mato nos terrenos de pinhal e mato, cultivando os terrenos aptos para cultura e recolhendo os respectivos frutos, pagando as competentes contribuições fiscais, relativamente a todos eles, tudo isto ostensivamente e à vista de todos, em nome próprio, posse que reiteradamente têm exercido, até à presente data, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, agindo assim com o ânimo e a forma correspondente ao pleno exercício do direito de propriedade.

Que, assim, tendo exercido sobre aqueles prédios, em nome próprio, uma posse pública, pacífica e contínua, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela usucapião, que invocam na impossibilidade de comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais. Quem atribuem à presente justificação o valor global de mil trezentos e trinta e um euros e três centímetros.

É certidão narrativa sob a forma de extracto, que vai conforme o original na parte reproduzida.

Cartório Notarial de Monção, de vinte e três de Novembro de dois mil e dezassete.

A Notária, Cátia Sofia de Carvalho Correia Magalhães e Grancho

PROCURA-SE

NAS REDONDEZAS DE CASTRO LABOREIRO PROCURA-SE MORADIA RUSTICA GRANDE E RENOVADA COM QUINTAL PARA ARRENDAMENTO DE VARIOS ANOS:

3 quartos, 1 sala grande, cozinha separada da sala, casa de banho grande, aquecimento central, vidros duplo. Quintal : minimo 100m2. Renda razoável, valor justificada

CONTACTO 968 669 543

SERRALHARIA BOAVISTA DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista - Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO



Pedia-se uma estrada de S. Gregório (Melgaço) a Valença em 1866

Ao longo dos tempos, uma das principais razões do lento desenvolvimento de Melgaço é a fraca acessibilidade, fruto do crónico mau estado das suas estradas e caminhos. Em meados do século XIX, a estrada entre Valença e S. Gregório (Melgaço) encontrava-se intransitável e no Inverno, a subida



das águas do rio Minho, em algumas áreas, cortava a circulação durante as alturas mais chuvosas.

Tais factos são discutidos num debate no Parlamento em 25 de Maio de 1866, onde um deputado se refere ao lastimável estado deste itinerário, pedindo ao Ministro das Obras Públicas a construção de uma estrada decente entre Valença e S. Gregório.

Nas atas parlamentares, podemos ler que "O Sr. Joaquim Maria Osório (sobre a ordem): — Mando para a mesa a seguinte proposta:

Não posso deixar de chamar à atenção do inteligentíssimo ministro das Obras Públicas para o estado em que infelizmente se acha a estrada de Valença a S. Gregório no concelho de Melgaço. É ele de tal natureza, que o excelentíssimo antecessor de Sua Excelência, o Sr. Conde de Castro, em uma das ocasiões a que aludi a este assunto, nesta casa e daquela mesma cadeira me disse que há quarenta anos, estando Sua Excelência em Melgaço, se tinha contristado de ver o miserável estado desta estrada, já então intransitável.

Na actualidade, pôde Sua Excelência ajuizar qual será o seu

estado, e quais serão os perigos a que se têm sujeitado os habitantes dos concelhos de Valença, Monção e Melgaço, que se vêem na dura precisão de a transitarem. Tornando-se estes perigos muito mais graves nas ocasiões invernosas, em que o rio Minho com as suas cheias a inunda.

Acresce a este mal os prejuízos que sofrem os proprietários de não poderem levar os seus géneros agrícolas e industriais aos pontos de consumo.

Não tratarei agora de enumerar os factos lamentáveis que se têm dado naquela estrada, porque não desejo cansar a atenção da câmara e a do nobre ministro. Mas não posso deixar de chamar a atenção de Sua Excelência sobre a quase paralisação em que se acham os trabalhos da estrada dos Arcos a Monção, pelo diminuto pessoal que ultimamente ali se tem empregado. Espero que Sua Excelência dê as providências necessárias para activar a construção desta estrada, e para mandar continuar os trabalhos na direcção de Melgaço, por ser essa a directriz a seguir.

Também não posso deixar de chamar a atenção do nobre ministro sobre o estado em que se

encontra a estrada de Valença a Paredes de Coura.

A câmara sabe que Coura é um ponto importantíssimo para o comércio, porque é sem dúvida o celeiro do Minho, e os proprietários não têm meios alguns de fazerem sair os seus géneros agrícolas para consumo, como acontece aos de Melgaço e Monção, do que lhes resulta graves prejuízos.

Confio que o nobre ministro tomará em consideração estas minhas observações, que são verdadeiras. Leu-se na mesa a seguinte proposta: Proponho que da verba, destinada para as estradas, seja aplicada a quantia necessária para a construção das estradas de Valença a S. Gregório no concelho de Melgaço, e da de Valença a Paredes de Coura no concelho de Valença.

O deputado, Joaquim Maria Osório.

Enviada à comissão de fazenda."

Apenas muitos anos mais tarde é que chegaria a Melgaço a dita estrada...

Valter Alves
(Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")

Itinerário cultural transfronteiriço

Rota cisterciense alto minho-galiza concretiza iniciáticas



Recentemente o coordenador do projecto histórico-cultural - ROTA DE CISTER e a vereadora da cultura da Câmara de Melgaço, participaram no II Encontro Internacional "SÍTIOS CISTERCIENSES-TRANSMISSÃO DE VALORES E SIGNIFICADOS" que se realizou no Mosteiro de Alcobaça.

As comunicações de especialistas concederam oportunidade para lançar olhares sobre o património edificado na Europa, como também perceber o mistério e a beleza dos mosteiros e sítios, bem patentes nos conjuntos monacais.

Após diligências realizadas o Abade Geral Cisterciense, D. Mauro G. Lepori (O.C.Roma) conferiu licença para A ROTA CISTERCIENSE ALTO MINHO-GALIZA utilizar o escudo da Ordem de Cister, aproveitando para felicitar a iniciativa transfronteiriça, bem como a considerar muito interessante.

Os dinamizadores da rota cultural cisterciense, em conjunto com a Câmara Municipal de Melgaço e Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, tem programada para o mês de Maio deste ano, uma singular exposição das obras de pintura do monge artista Luis Alvarez, da comunidade monacal de Oseira, Galiza.

A referida exposição será designada "CISTER-UM ACONTECIMENTO EUROPEU" e terá lugar no Mosteiro de Fiães, Melgaço, e no Mosteiro de Ermelo, Arcos de Valdevez.

Estão a ser calendarizadas outras iniciativas, assinalando "lugares da memória" e "a alma dos lugares" da arquitetura cisterciense transfronteiriça, onde se reconhece o legado "ORA ET LABORA". A música medieval e clássica ecoará nas pedras seculares e testemunhas de vidas silenciosas.

As marcas civilizacionais dos monges cistercienses estão bem evidenciadas no Ermelo, em Fiães, Leiro e Oseira.

Em Santa Maria La Real de Oseira podemos sentir uma comunidade, onde o canto gregoriano pode ser apreciado através da voz de monges anciãos, bem como apreciar o bom licor elaborado de "forma delicada" e segundo cânones antigos.

José Rodrigues Lima

Saudoso encontro de Amigos



No passado dia nove de Dezembro, S. Gregório reviveu os saudosos tempos de outrora, com o encontro de vinte e cinco velhos amigos que não esquecem a sua terra e gostam de recordar os tempos da sua juventude, no ambiente familiar e da vizinhança.

Este ano, como já tem acontecido outras vezes, o Dr. Adriano Marques de Magalhães teve a gentileza de fazer o convite na vetusta Casa da Torre, solar da família Marques. Rememora assim, os tempos da sua meninice, quando jogava e brincava no amplo pátio de pedra com os vizinhos da sua idade. Foi antes de ter ido para Pontebarjas, habitar na casa do seu avô Adriano Augusto Marques.

Honrados com este amável convite, difícil seria para cada um dos amigos faltar nesse dia. Assim, depois de um apetitoso aperitivo, entremeados de comentários

da actualidade e assuntos vários, chegou a hora do almoço que se prolongou ao longo da tarde.

Recordar é viver, diz o dito popular e, realmente, é assim. Vem à superfície da memória velhas histórias e acontecimentos locais, agora já esquecidos, ou melhor, desconhecidos da maior parte dos actuais habitantes do lugar: Quem se lembra que a missa semanal em S. Gregório era celebrada ao Domingo por um sacerdote espanhol, que se deslocava a cavalo desde Padrenda, a freguesia mais próxima, para celebrar a Eucaristia, ao meio dia? Foram vários os sacerdotes espanhóis que exerceram este ministério no nosso lugar. Recordamos o bondoso Dom Santiago, já idoso, com saúde precária e a carteira muito pior, mas que nunca faltou. Faleceu na dita paróquia. Sucedeu-lhe como pároco de Padrenda um sacerdo-

te irlandês, Dom Francisco, que passou a celebrar a nossa missa dominical. Falava correctamente espanhol, língua da qual tinha sido professor na Escola de Aeronáutica, em Madrid. O mais surpreendente, neste senhor, foi que em poucos meses falava a língua galega como qualquer vizinho da sua paróquia. Nesse tempo, a missa era celebrada em latim, mas a homilia era em galego, portanto sem dificuldade de compreensão, para nós. O acólito era o Zé de Sousa, saudoso amigo, sempre prestável.

Quero aproveitar esta oportunidade para agradecer publicamente ao Sr. Padre Manuel Domingues todas as amabilidades que nos dispensou, durante tantos anos. Aqui fica o nosso testemunho, mas não o olvidaremos. Obrigado por tudo, Padre Manuel.

S. Gregório, 18 de Dezembro de 2017

José Afonso

Presidente Américo Tomás, em S. Gregório, em 1973



Foto histórica da vinda de Américo Tomás, então Presidente da República, a Melgaço e a S. Gregório, em cuja localidade fronteiriça inaugurou o monumento que a foto documenta, com o qual se assinalava a sua passagem pela localidade. A foto ao lado mostra a degradação em que hoje se encontra.

Com o 25 de Abril, os ditos amantes da liberdade destruíram a placa comemorativa da visita inscrita no monólito lá colocado, não fosse a evocação perturbar as mentes dos novos revolucionários.

É pena não se aprender a lição de respeitar a história de um país, de um povo e de uma terra.

NR: A foto foi-nos remetida pelo bom amigo José Afonso Marques (Zéquinha para os amigos) que é oriundo de S. Gregório e que actualmente vive em Orense, mas é um apaixonado da terra natal. O acontecimento ocorreu em 1973, no mês de Junho.



Peso Paderne Melgaço

Alojamento e Restauração



Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.



- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com



TOURS & ATIVIDADES



- Canoagem
- Rapel
- Slide
- Canyoning
- Kart Cross
- Arvorismo
- Escalada



Camping de Lamas

GPS: 42.036032 - 8.194294

geral@montesdelaboreiro.pt • (+351) 251 466 041

NOS PASSOS DE JESUS

Impressões de uma Viagem pela Terra Santa

1 Monte das Bem-Aventuranças

Terminada a memorável viagem de barco pelo Mar da Galileia, era hora de subir, de camioneta, ao Monte das Bem-aventuranças.

Por Monte das Bem-Aventuranças, ou Monte das Beatitudes, designa-se todo um espaço de encosta, outrora conhecido como Monte Eremos, localizado na margem noroeste do Mar da Galileia, entre Cafarnaum e Tabgha, que foi testemunha e palco de acontecimentos fundamentais da vida pública de Jesus.

Ao aproximarmo-nos desta zona sempre verde, tem-se a sensação de tocar um lugar privilegiado, pela exuberância da vegetação, pela luz mais quente e brilhante, pelas especiais recordações que suscita, de tal modo que até os peixes parecem preferi-la, pois que aqui se vêem em maior quantidade que em qualquer outra parte do lago, como aliás já muito bem sabiam Pedro e os demais pescadores do seu tempo.

A surpreendente abundância de água que aqui nos chama a atenção explica o nome por que originalmente era conhecido este lugar –

Heptapegon, que quer dizer «Sete fontes» –, de que o nome actual – *Tabgha* – mais não é do que o resultado de uma peculiar evolução fonética.

Assim se compreende a grande fertilidade deste local, onde viceja uma multiplicidade de espécimes vegetais e uma grande variedade de flores, com especial relevo para os lírios do campo, aproveitados pelo Senhor para nos ensinar a viver, sem preocupações escusadas, o dia-a-dia e a confiar na Providência: *“E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.”* (Mt., 6,28-29)

Assim se explica também a deslumbrante paisagem que pode desfrutar-se do alto deste monte, donde a vista pode ainda alcançar outras formações rochosas, como o Monte Tabor e o pico nevado do Monte Hermon, cuja neve derretida constitui a principal fonte do caudal do rio Jordão.

Como assim se compreende, ainda, se tenha S. João da Cruz deixado impressionar pela beleza deste local de forma tão tocante



Igreja das Bem-Aventuranças



Interior da Igreja das Bem-Aventuranças

como a que se verifica nesta passagem do seu Cântico Espiritual:

*“Mil graças derramando,
Prestes passou dos souts pela espessura
E, enquanto os ia olhando,
Só com sua figura,
Vestidos os deixou de formosura.”*

Neste ambiente de natural hospitalidade, em que leitura e paisagem se convertem em aliados do espírito, apetece abrir o evangelho, ler, deixar-se levar pelos sentimentos e ir ao encontro do Jesus das parábolas e dos milagres: o Jesus bondoso que alimenta o corpo e o espírito dos que sentem fome e se reconhecem pobres; o Mestre que ensina com autoridade e abraça as crianças, que apresenta como exemplo da simplicidade indispensável aos que aspiram a um posto no Reino; o Jesus que caminha sobre as águas, impõe silêncio à tempestade e infunde fé nos seus discípulos; o Mestre que declara morta a Lei de Talião, convida a amar os

próprios inimigos e nos dá, como norma de vida, a «Regra de Ouro» – *“O que quiserdes que vos façam os homens, fazei-o também a eles, porque isto é a Lei e os Profetas”*; o Deus-connosco, enfim, que nos ensina a rezar, chamando «Pai Nosso» ao seu próprio Pai! ... À mente nos vêm todas estas recordações, e outras mais, que a tradição evangélica situa nesta margem do lago...

De modo muito particular, neste pequeno oásis se deram como localizadas, desde a mais remota antiguidade cristã, três fundamentais acontecimentos evangélicos, em recordação dos quais se ergueram outras tantas igrejas:

- Aqui se ouviram pela primeira vez as Bem-aventuranças;
- Aqui, com apenas cinco pães e dois peixes, comeram até saciarem-se mais de cinco mil pessoas;
- Aqui, também, foi a Pedro por Jesus confiada a responsabilidade sobre toda a Igreja Católica.

Igreja das Bem-aventuranças

Pretende esta igreja assinalar o famoso sermão das Bem-Aventuranças; o sermão em que Jesus, respondendo ao natural desejo de felicidade que Deus colocou no coração do homem, mostra os seguros caminhos que a ela conduzem.

O evento, narrado também por S. Lucas (Lc, 6, 20-26), é registado com especial ênfase por S. Mateus. Diz ele: *“Ao ver a multidão, Jesus subiu a um monte. Depois de se ter sentado, os discípulos aproximaram-se d’Ele. Então tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo: «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. Felizes os que choram...», prosseguiu, felizes os mansos, os famintos de justiça, os misericordiosos; felizes os puros de coração, os pacificadores; felizes os perseguidos por causa da justiça, pois todos eles serão adequada e abundantemente compensados.* (Mt., 5, 1-12)

Continua na pág. seguinte



Igreja da Multiplicação



ALVARINHO
Casa do Cerdedo
a escolha certa dos mais entendidos

Aroma, cor, paladar...
Qual ressaltar eu não sei,
Poís em qualquer atributo
Casa do Cerdedo é rei.

casadocerdedo@gmail.com
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695
Tel: 251 825 341 / 251 402 138



Sabores Castrejos

Fumeiro 100% artesanal,
feito com as mais genuínas receitas castrejas

Portelinha N.º207 - Castro Laboreiro
Melgaço

Tlf: 251 465 452
Tlm: 925 145 305
e-mail: saborescastrejos@gmail.com



Continuação da pág. anterior

Não há uma certeza inabalável acerca da real localização deste acontecimento. Foi-se, porém, desde muito cedo, estabelecendo uma tradição.

No *Liber de Locis Sanctis*, de Pedro Diácono, um texto atribuído

conjunto harmonioso, e o edifício sobressai, assim, entre a densa vegetação circundante. No interior, os elementos estão dispostos com simplicidade de linhas: ao centro, o altar, coroado por uma arquivolta de alabastro; por detrás, elevado sobre um pedestal de pórfiro, o

- Trazei-mos cá.

E ordenou que se sentassem na relva. Pegou, então, nos pães e nos peixes, "ergueu os olhos ao céu e pronunciou a bênção", partiu os pães e mandou-os distribuir pela multidão, junto com os peixes. Todos comeram até se saciarem. Com

cebida: lá está a *rocha venerada* (com sinais de extracção de fragmentos, frequentemente praticada pelos peregrinos) e um mosaico representando uma cesta com pães, contornada por dois peixes.

Os vestígios daquelas duas Igrejas são visíveis no moderno

Igreja do Primado de Pedro; Mensa Christi

Finalmente, também em Tabgha, na costa noroeste do mar da Galileia, perto de Cafarnaum, num local tranquilo, com uma belíssima paisagem, ali está a **Igreja do Primado**, a assinalar este momento alto da vida da Igreja: Jesus confia a Pedro a suprema responsabilidade por ela.

O evento aparece narrado em S. João, no capítulo 21.

Após a Ressurreição, Jesus aparece novamente aos discípulos, junto ao lago de Tiberíades, e manifesta-se proporcionando-lhes uma abundante pesca milagrosa e brindando-os com uma refeição por Si próprio preparada, conforme recordámos no final da crónica anterior. E é na sequência desta refeição que se verifica o evento que esta igreja assinala – Jesus confirma Pedro como pastor supremo do seu rebanho. (Jo., 21, 15-17).

Depois de terem comido, Jesus confronta Pedro com o amor que lhe dedica, perguntando-lhe, três vezes: "*Simão, filho de João, tu amas-me?*" E obtida uma resposta enfaticamente positiva – deste modo reparando a sua tríplice negação –, confia-lhe o seu rebanho: "*apascenta as minhas ovelhas!*"

É o cumprimento da promessa do primado, feita por Jesus, aquando da confissão messiânica de Pedro: "*Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja (...)* Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu...". disse Jesus a Pedro, quando este, à pergunta – "*E vós, quem dizeis que eu sou?*" – prontamente responde: "*Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo*" (Mt., 16, 17-19).

A actual igreja franciscana, construída em 1933, conserva os alicerces da antiga, edificada no século IV. No seu interior, em frente ao altar, pode ver-se uma rocha de calcário, venerada como "**Mensa Christi**", que quer dizer "*Mesa de Cristo*": é, segundo a tradição, o local onde, Jesus preparou a refeição - o peixe e o pão - para os apóstolos, e disse a Pedro: "**Apascenta as minhas ovelhas**".

No pátio exterior, perto de uma frondosa árvore e frente ao mar, uma muito expressiva estátua mostra Jesus com Pedro aos seus pés. (Continua)

Júlio Vaz

Fotos: Ester Taveira



Representação da Multiplicação



Igreja do Primado

à peregrina Egéria situa o Monte das Bem-aventuranças ao lado de Tabgha, perto da Igreja da Multiplicação dos Pães e dos Peixes. Com efeito, a uns cem metros desse santuário, em 1935, foram escavados os restos de alguns edifícios. Pertenceriam, esses restos, a uma igreja e um mosteiro do séc. IV ou V.

E o local eleito é particularmente adequado. Trata-se de uma encosta espaçosa, entre Cafarnaum e Tabgha, um lugar de rara beleza, com boas condições acústicas e um espaço capaz de acolher grandes multidões, como ficou evidenciado em Março de 2000, aquando da visita de S. João Paulo II: foi ali preparado lugar para 100.000 católicos poderem participar na eucaristia! Choveu, porém, e vieram menos, mas o espaço estava disponível!

De acordo, pois, com esta tradição, entre 1937 e 1938, foi construída, com apoio do governo italiano, a actual **Igreja das Bem-Aventuranças**, que está ao cuidado dos franciscanos. Porém, para dispor de uma panorâmica mais ampla sobre o lago de Genesaré, foi escolhido um local mais elevado, uns duzentos metros acima da superfície do lago e a uns dois quilómetros da antiga localização.

Obra da responsabilidade do arquitecto italiano A. Barluzzi, trata-se de uma igreja de planta octogonal – apontando para as oito Bem-Aventuranças –, coberta por uma cúpula de elegante abóbada e rodeada por um amplo pórtico que torna mais ténue a luz e o calor do sol. Do uso do basalto negro local, da pedra branca de Nazaré e do travertino romano resulta um

tabernáculo, decorado com cenas da Paixão em bronze dourado; na abóbada, oito janelas com vitrais ostentam as palavras das Bem-Aventuranças; e, a fechar o espaço, a cúpula, com um revestimento em tons dourados.

Na frente da igreja, os símbolos existentes no pavimento representam as virtudes cardiais – prudência, justiça, fortaleza, temperança – e as teológicas – fé, esperança, caridade.

Dentro dela, salienta-se o manto da visita do Papa Paulo VI, em 1964.

Igreja da Multiplicação dos Pães e dos Peixes.

Visa este monumento testemunhar o milagre da multiplicação dos Pães e dos Peixes. Milagre a que fizemos referência na crónica anterior, seguindo a narração de S. Mateus (Mt, 14, 13-21), mas que, com ligeiras diferenças de pormenor, aparece também registado pelos outros três evangelistas (Mc, 6, 34-44; Lc, 9, 10-17; Jo, 6, 1-15).

Segundo S. Mateus, foi assim. Recebida a notícia da morte de João Baptista, às mãos de Herodes, Jesus retirou-Se, sozinho, para um lugar deserto. O povo, porém, ao saber disto, acorreu a Ele, em busca de remédio para os seus males. E Jesus, "*Cheio de misericórdia*", "*curou os seus enfermos*". Mas não ficou por aqui a manifestação da sua bondade. Era já tarde, estavam longe de casa, não tinham onde ir buscar de comer, podiam desfalecer pelo caminho. Disse, então, Jesus aos discípulos:

– «*dai-lhes vós mesmos de comer*».

– Mas como? – objectaram –, se temos apenas «*cinco pães e dois peixes*»?

as sobras recolhidas, ainda "*encheram doze cestos*". E, só homens, "eram uns cinco mil"!...

É a memória deste prodigioso feito da misericordiosa onipotência divina de Jesus que visa preservar-se, através dos séculos, com os diversos monumentos que se foram no local erguendo ao longo do tempo.

Tal como com o sermão das Bem-Aventuranças e com a terceira aparição de Jesus ressuscitado aos discípulos, proporcionando a segunda pesca milagrosa e investidura de S. Pedro no Primado da Igreja, os primeiros cristãos logo identificaram Tabgha como o lugar onde teria acontecido aquele milagre.

Egéria, célebre peregrina da Terra Santa no séc. IV, fala da existência de uma igreja naquele sítio, precisando que a pedra em que o Senhor pousou o pão "está agora transformada em altar".

Testemunhos posteriores dão conta de que o santuário que comemorava a multiplicação dos pães e dos peixes ainda existia no séc. VI. A histórica instabilidade, porém, característica destes locais saldou-se em destruição, ruínas e abandono.

Abandono que, aqui, só terminou no séc. XIX, com a aquisição do lugar pela Sociedade Alemã da Terra Santa; o que possibilitou as diversas escavações arqueológicas, realizados entre 1911, e estudos completos efectuados em 1932, 1935 e 1969.

Estas investigações concluíram pela existência de duas igrejas – a do séc. IV, mencionada por Egéria, e outra maior, da segunda metade do séc. V – e confirmaram, sobretudo, a exactidão da tradição re-

santuário, terminado em 1982 e que faz parte de um mosteiro beneditino.

Com efeito, a basílica retomou o perímetro e a planta em forma de T da construção bizantina do séc. V: de três naves separadas por robustas colunas e arcos de volta perfeita, com transepto e uma abside na nave central. No presbitério, sob o altar, destaca-se a rocha já referida por Egéria. Diante da rocha, no pavimento de mosaico, encontra-se a imagem dos peixes e o cesto com os pães.

De notar que, no mosaico onde figuram os peixes e a canastra com os pães, diante do altar, vemos representados apenas quatro pães. Embora se desconheçam as intenções do artista, os beneditinos, encarregados do santuário, costumam dar aos peregrinos que os procuram uma explicação de sentido teológico para a falta do quinto pão: há que procurá-lo sobre o altar, durante a Santa Missa, identificado com a Eucaristia.



Mar da Galileia, frente à Igreja do Primado

1ª Gala de Natal "Melgaço em Patins" encheu a bancada

Uma centena e meia de atletas juntou-se e tudo rolou... sobre rodas

A 1ª Gala de Natal "Melgaço em Patins", organizada pela secção de patinagem do Sport Clube Melgacense, acabou por fazer encher as bancadas do Pavilhão Gimnodesportivo do Centro de Estágios de Melgaço. O dia (Domingo, dia 17 de Dezembro), propiciou a saída de muitos e o motivo merecia o benefício: Afinal, as crianças e jovens do (enorme!) grupo de patinagem de Melgaço, fundado há pouco mais de um ano, apresentava-se pela primeira vez em Gala junto do seu público.



Para ajudar à festa – literalmente – os organizadores convidaram os atletas e alunos da mesma modalidade do Desportivo de Monção e do ANPA "O Chusquiño de Valeixe", da Cañiza, Galiza, que também mostraram o seu desempenho nas várias exibições que ao longo de três horas foram passando pelo recinto desportivo.

Os três grupos de aprendizagem criados ao longo do último ano de aprendizagem, ministrada pela treinadora Ana Valinho, permitiram aos alunos melgacenses mostrar coreografias em patinagem artística e de velocidade. Os patins, em linha e em quad (nos quais as quatro rodas estão distribuídas por dois eixos), não foram

obstáculo para os miúdos e mais graúdos que mostraram as habilidades em patinagem artística, de velocidade e em hóquei, esta última desempenhada pelos mais velhos que treinam com as cores do Desportivo de Monção.

A forte adesão popular e o crescente número de crianças interessadas dá um novo alento à modalidade em Melgaço, como revela a treinadora Ana Valinho, sobre a intenção de filiar esta equipa na Associação de Patinagem do Minho, para que os atletas possam "federar-se e começar a fazer provas".

Um objectivo que as criadoras desta secção, Ana Freitas e Graça Rodrigues, ambicionam desde a génese do projecto. E

na verdade já faltou mais, como avançou Ana Freitas, no rescaldo deste espectáculo. "Se tudo correr bem, vamos federar agora em Janeiro".

Para que a esta altura esta ideia sem precedentes na estru-

tura do SC Melgacense tivesse conquistado atletas e espectadores de bancada, Ana Freitas diz que foi fundamental o apoio dos pais das crianças na construção de todo um espectáculo que atraiu miúdos e graúdos.

"Tivemos o apoio dos pais, dos comerciantes e foi um sucesso, nunca pensamos ter tanta gente e a maioria está satisfeita", notou.

"Foi um mês e meio a trabalhar forte para termos tudo controlado", realçou ainda Ana Freitas, congratulando todo o envolvimento de comerciantes, entidades e pais que promoveram a gala, inclusive através da venda de rifas. E, para uma equipa que pretende federar os seus atletas, também já se pensa a sério sobre como melhor os apresentar nos momentos de desafio, nomeadamente, com os equipamentos. "Estamos a trabalhar nisso" refere Ana Freitas, esperando-se que, com o apoio da Câmara Municipal e das Juntas de Freguesia, "em meados de Fevereiro teremos equipamentos para os nossos meninos".

João Martinho



Cartório Notarial
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é cnmelgaco@gmail.com.

MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215
4960-568 Melgaço
Telf. 251404031 / 933291437
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83
4950-855 Monção
Telf. 251653224 / 933291437
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI

TRANQUILIDADE

ZURICH

O que é a vida?

CAPÍTULO III

Havia muitas oportunidades em que o Jerónimo, super organizado, dispunha de tempo para conversar com Paulo que nem sempre tinha entregas para fazer pois que muitos clientes mandavam apanhar o material encomendado. As conversas invariavelmente versavam sobre a situação atual da humanidade, principalmente no país.

– Está tudo errado! Dizia o Paulo o Paulo –, aqueles que se guindaram a cargos de comando com a finalidade de facilitar a vida do povo fazendo prevalecer a lei, tudo mentira, uma vez no cargo, desde simples assessor a legislador, só pensam neles e conseguem enriquecer à custa de extorsões, peculato, propinas e sei lá quantas trapalhadas. Nunca se viu tantos desmandos, tantos crimes, tantas guerras e a natureza revoltada colabora com catástrofes jamais vistas.

– E aparentemente – disse o Jerónimo esse atualmente o retrato da humanidade e do planeta. Parece que estamos próximo do fim, mas já foi pior, muito pior!

– Como foi pior-reclamou o Paulo –.

– O nosso planeta, nos seus milhares de anos de existência, talvez milhões, tem passado por várias fases. Cataclismas incríveis que dizimaram o que até então existia. O próprio planeta até hoje ainda não se concretizou, ou seja, não obteve o estágio definitivo, haja visto os vulcões e os terremotos. São indícios de que a crosta terrestre ainda não se consolidou, continua se acomodando. Várias espécies devem ter habitado a terra de que nós temos vagos vestígios na antropologia. Até que o Criador resolveu criar o género humano à Sua Imagem e Semelhança reservou-lhe a parte da terra já consolidada, um paraíso para deleite e felicidade com o compromisso de se reproduzirem e o usufruírem, porém, obedecendo à regra mais simples e fácil execução: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo! Ainda, com o poder de autodeterminação descumpriram a recomendação e inventaram tudo quanto é errado: o pecado! Na sua infinita bondade o Criador enviava periodicamente criaturas advertindo e lembrando as regras simples da existência. Não adiantou! Mandou catástrofes, não como castigo mas como advertência. Também não adiantou e então, como última e maior advertência

mandou o próprio filho para dar exemplos de bondade, sabedoria e amor, e... façanha inaudita, sabemos o que aconteceu! Todavia, esses exemplos e a doutrina que pregou deixaram sementes que até hoje, vagorosamente, sim, vão frutificando até se consolidarem totalmente, o que, levará mais alguns milénios.

CAPÍTULO IV

Nos tempos bíblicos já a humanidade se guerreava a troco de nada ou do poder. As criaturas humanas dividiram-se em castas subjugando os mais fracos tornando-os escravos. Haverá alguma coisa mais odiosa que isso?

– Sim, sim, – concordou o Paulo –, mas não acho que tenha sido pior que atualmente, Haja visto a criminalidade que nos cerca por todos os lados, roubos, assaltos, saques e assassinatos em residências invadidas. Os elementos que fazem isso não por necessidade de sobrevivência, é sim para terem as benesses que a propaganda oferece ou para manterem os vícios tão em moda e pseudamente relaxantes ou vigorosos. Os cidadãos, geralmente jovens, que não aprenderam uma arte ou profissão, não sabendo fazer coisa alguma e não se comprometem em esforço físico que não seja em academias de ginástica, ou aquele que nasceu em meio à pobreza, não frequentou uma escola, acha-se com o direito de possuir o que a propaganda, os filmes e novelas lhes mostram e classes mais privilegiadas possuem. Organizam-se em quadrilhas para assaltos a bancos, a carros fortes, ou os pé rapados se juntam em arrastões para roubos onde haja muita gente ou no pequeno comércio. E mais, os carteis de tráfico de drogas que ambicionam e conseguem viver em mansões espetaculares, ter carros de luxo, iates e aviões.

– Claro que já foi muito pior, interpôs o Jerónimo, acontece que aos humanos foi dado a faculdade de desenvolver a inteligência e cultivar os dons de que foi dotado. A tecnologia com a informática e comunicação instantânea nos envolve os acontecimentos de tal modo que parece que participamos deles mesmo acontecendo no outro lado do mundo, coisa que antigamente nem se tomava conhecimento.

– Lá isso também é verdade, – achou concordando o Paulo. – Na ganância do ter mais para se

ter importância e superior, alguns humanos se iludem não querendo acreditar no que, no subconsciente, todos nascem com essa percepção: nós somos uma poeira em relação ao universo. Qualquer pessoa por mais longeva que seja, com cem ou mais anos de vida terrestre não passará de uma fração de relâmpago na eternidade. Então de que vale nessa fração de relâmpago ter tudo, muitas vezes conseguido com a exploração do próximo, se vai depois penar na eternidade?

– E, concordou o Paulo, – a eternidade não tem fim!

– Mas deixemos de filosofar, – disse o Jerónimo e cuidar a sobrevivência nesta fugaz passagem pela vida! Aquela oferta de emprego que recebeste não te agradou?

– Pagavam menos que os trocados que ganho contigo.

CAPÍTULO V

Em conversa mais amena, Paulo e Jerónimo, velhos amigos, falavam sobre as condições de trabalho que Paulo recebera.

– Eu acho, disse o Jerónimo, que devias montar firma própria pois tens capacidade e habilitação para tal.

– Não tenho capital para me estabelecer e suportar os encargos até conseguir clientes

– Eu vou te ajudar, respondeu o Jerónimo. – Tenho uma sala desocupada no edifício avanida que podes ocupar e vou conseguir-te clientes, nada de esmorecer.

Dois anos se passaram quando o Paulo começou a respirar aliviado depois de pagar ao amigo Jerónimo e dar à sua família o bem estar que tivera da crise. É bem verdade que a economia do país tinha melhorado graças ao esforço do povo que economizou o quanto pode e trabalhou no limite de suas forças em todo o tipo de trabalho, enquanto os políticos se degladiavam entre si por picuinhas e interesses próprios.

Para iniciar a nova fase de bonança, a esposa do Paulo anunciou-lhe a chegada serôdia de mais um filho, quinze anos depois a família ia crescer. Deus seja louvado!

A Vida terrestre é um lapso de tempo da vida espiritual na eternidade!

FIM

M. Félix Igrejas

GAZETILHA

Somos eternas crianças no mais íntimo do nosso ser

Quando passo por entre a multidão, sou um, entre muitos, que vive a sua vida de acordo com regras estabelecidas, procurando dar o seu melhor sem se imiscuir na vida de terceiros. Certo que tenho o direito de ser diferente no ser e no sentir de toda uma "maioria". Tenho o direito e a liberdade, desde que não prejudique terceiros, de ter uma postura em sociedade de acordo com os meus princípios e aquilo em que acredito.

Fui educado de uma forma muito rígida. Meu Pai era um Homem austero e um Professor de uma competência de excelência. E por causa de ser assim o filho tinha que dar o exemplo!... Minha Mãe era uma Santa Senhora e uma Professora ciente da responsabilidade que lhe era atribuída. Era um menino privilegiado que queria ser criança como todas as outras. Gostei sempre de me misturar com o povo que estava para além dos muros de minha casa. Minhas irmãs eram umas meninas incríveis que, tal como eu, não podiam pisar o risco e tinham que dar continuidade à disciplina exigida pelo progenitor.

Cresci. Fiz escolhas sem pensar em consequências e achando que o melhor das pessoas é que conta. E, na maioria das vezes esqueci que:-

"Cada cabeça... sua sentença"!

Como é nobre reconhecer o trabalho de cada um!... E lá porque vestimos a farda, isso não quer dizer que as nossas próprias ideias não possam ajudar a construir e consolidar melhores meios de acção no meio que nos envolve.

Passaram anos!... Hoje, prescrito que está o "vendaval" de muitas atitudes, continuo a sonhar e a achar que é o melhor de nós que nos leva a procurar atingir a conciliação e a reconciliação com aqueles que nunca deixamos de amar.

Feliz de quem, em sua caminhada, encontra pessoas que nos ajudam a ser melhores!...

A Família e os Amigos são o melhor da nossa existência.

Álvaro Carvalho

Celebrar o Amor

No olhar límpido e sereno de teus olhos compreendi o sentir que te vai na alma!... Por vezes as palavras podem pecar pelo peso que carregam.

Não importa a hora do dia em que o sol abençoou tuas mãos pelo aconchego que deram no toque do abraço!... Muito menos importa o minuto em que a Lua espreitou e envolveu o silêncio da noite!... Mas aquele segundo marcou o toque da concretização.

Sem darmos conta do sentido da vida, empreendemos tarefas e riscamos trilhos que, tarde ou cedo, revelam circunstâncias que moldam os ritmos que imprimimos nas "pautas" do sentido da vida!...

Sós não somos ninguém!

E, quantas vezes, poucos não podem ser muitos?!... Basta que alguém tenha o dom de dar conteúdo e forma ao acto em si.

É nos momentos mais insólitos que, por vezes, se colhem as melhores lições. Quando menos esperamos há uma "lufada" de boas energias que nos envolve e nos ajuda a transpor limites que nos impediam de ir mais além.

Importa o acto de consciência que limpa o vazio da alma e nos projecta para uma acção digna de louvor e de Acção de Graças. Quantas vezes temos que descer os degraus da incompreensão para sacudir as ofensas que, sem apelo nem agravo, nos feriram o orgulho saudável que nos acompanha?!...

Nem sempre os olhos vêem com nitidez o caminho que devemos percorrer exigindo que seja o coração a enxergar os propósitos e desígnios que nos esperam na curva do caminho!...

A riqueza do nascimento de uma criança e a abundância do amor com que é criada fortalece para sempre o sacramento do casamento.

Helena Matos

D. Lourenço Vicente morreu há 620 anos



FIG. 1. D. Lourenço Vicente – Galeria do Paço Arquiepiscopal.



FIG. 2. Lourinhã – Monumento a D. Lourenço Vicente



FIG. 3. Lourinhã – Igreja de Santa Maria do Castelo.



FIG. 4. Lourinhã - Capela-mor da igreja de Santa Maria do Castelo.

No dia 18 de Novembro, a Câmara Municipal da Lourinhã, em colaboração com diversas Instituições Culturais, locais e associadas, promoveu um colóquio científico, comemorativo da passagem dos 620 anos da morte do Arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente (fig. 1), seu conterrâneo, destinado a assinalar a sua intensa actividade como cidadão, fiel ao Rei e à Pátria e ao Papa de Roma, ao longo dos tempos de mudança, em que decorreram os cinquenta e quatro anos da sua vida (1343-1397).

Os bracarense e quem visita a Sé Primaz não podem deixar de o recordar, ao admirarem a *Capela dos Reis*, por ele mandada construir, como capela tumular, onde repousa o seu corpo incorrupto. Aí, os guias evocarão, certamente, a sua presença activa na batalha de Aljubarrota, onde foi gravemente ferido na cabeça, como a extensa e profunda cicatriz e a perda de parte da orelha esquerda evidenciam. Os mais cultos poderão, mesmo, evocar a sua intensa movimentação no campo de batalha, com a cruz arceiepiscopal alçada, estimulando as hostes de D. João, Mestre de Avis, Regedor e Defensor do Reino, contra as forças castelhanas, aspecto a que o *Cronista*, na parte final do relato, conferiu uma pontinha de bom humor¹.

Tudo isto é geralmente conhecido, mas as entidades da Lourinhã – onde, há anos, lhe foi levantado um monumento (fig. 2) – quiseram comemorar o aniversário do falecimento deste Arcebispo, que, no longo testamento, não esqueceu a terra natal e os seus familiares².

Participámos nesse Colóquio e, sem omitirmos a sua decidida e fiel intervenção nos problemas decorrentes do Cisma do Ocidente, a cujos primórdios assistiu, em Roma, e da Crise da Independência, procurámos revelar alguns aspectos menos conhecidos da sua acção pastoral, como Arcebispo de Braga, agora partilhados com os leitores.

Na apreciação da actividade cívica e pastoral de D. Lourenço Vicente convém ter presente a sua formação cultural, adquirida nas Universidades de Salamanca, Montpellier e Toulouse, consignada no grau de bacharel em Leis. Foi nessa condição que exerceu funções na corte de D. Fernando, como clérigo do Rei, que passou a conhecê-lo de perto, tendo sido nomeado cônego das Sés de Évora e de Lisboa. Quando, na vacância da Sé de Braga, pela promoção de D. João de Cardaillac a Patriarca de Alexandria, o bispo de Silves, D. Martinho, se perfilava para ascender ao sólio arceiepiscopal bracarense, por influência do rei *Formoso*, o papa Gregório XI, pela bula *In superne dignitatis*, outorgada em Avinhão, em 19 de Dezembro de 1373, nomeou D. Lourenço Vicente arcebispo de Braga, preferindo-o a D. Martinho, depois transferido para a Sé de Lisboa, onde viria a morrer, tragicamente, nos primórdios da revolução de 1383³.

Consciente das suas responsabilidades, o novo Arcebispo de Braga procurou conhecer a situação concreta da Arquidiocese que lhe estava confiada, mediante a reunião de vários sínodos, cujas *actas*, maioritariamente,

se perderam. Como amostra dos problemas que teve de enfrentar, pelas *actas* do sínodo de 1374, sabemos que exigiu aos párocos o cumprimento da *lei da residência*, entre os seus fiéis, e a celebração das missas para o povo, em certos dias⁴, ao mesmo tempo que não se furtava à realização das indispensáveis visitas pastorais, incluindo aos mosteiros, como aconteceu com os beneditinos de Arnóia, Pombeiro e Refojos de Basto, onde não faltavam aspectos a reformar, como mais à frente se verá.

Na sequência deste esforço inicial da pretendida renovação, surgiram numerosas e violentas queixas contra o Prelado, que chegaram junto do Papa, tendo sido nomeados visitantes apostólicos: o bispo de Coimbra, D. Tenório, eleito arcebispo de Toledo, o bispo de Silves, D. Martinho, e o chantre de Braga, Vasco Domingues, que, em Agosto de 1377, suspenderam ou depuseram (?) o arcebispo D. Lourenço Vicente.

É fácil compreender a frustração do Metropolita bracarense, que tão empenhado andava na reforma da sua Arquidiocese..., mas não esmoreceu. No ano seguinte, deslocou-se a Roma para acompanhar a sua defesa, na Cúria Romana, pois como jurista, não lhe seria difícil invocar os necessários argumentos, a começar pela falta de idoneidade de alguns visitantes que o julgaram e suspenderam, nomeadamente, o bispo D. Martinho, seu opositor, e o chanceler, Vasco Domingues.

Por fim, em 14 de Fevereiro de 1379, o processo terminou, sendo absolvido por sentença do

novo Papa, Urbano VI, e reintegrado na Arquidiocese Primaz, onde só chegaria em Agosto seguinte.

A sua prolongada presença, em Roma, além do inevitável incómodo causado pela necessidade de acompanhar a evolução do processo em que estava envolvido, permitiu-lhe assistir à solene proclamação da eleição de Urbano VI e conhecer as contradições dos cardeais franceses, responsáveis pela eleição do antipapa, Clemente VII, que, de seguida, regressaram a Avinhão, abrindo, assim, na vida da Igreja, o grave período do *Cisma do Ocidente*, que se prolongaria até 1417.

Durante essa permanência em Roma, tomou conhecimento de que o, até então arcebispo de Bari, eleito Papa, só aceitou ser entronizado – tendo tomado o nome de Urbano VI –, **após a manifestação do acordo unânime dos cardeais eleitores**, para o efeito chamados do Castelo de Santo Ângelo para a capela do palácio apostólico, eleição proclamada, à porta da Basílica de S. Pedro, pelo cardeal espanhol Pedro de Luna, que, no período da *tríplice obediência*, nos anos que precederam a realização do Concílio de Constança, que, em 1417, pôs termo ao Cisma, viria a ser antipapa, com o nome de Bento XIII, tendo-se estabelecido, com a condescendência do rei de Aragão, em Península, não faltando quem no apoiasse, mesmo entre o episcopado ibérico, não portugueses⁵.

Conhecedor de todas estas situações e dada, a sua formação jurídica e teológica, D. Lourenço Vicente só poderia manter a sua

inabalável fidelidade à Igreja e ao Romano Pontífice. Não admira, por isso, que os bispos portugueses – entre os quais ele se incluía –, e, finalmente, o próprio rei D. Fernando, recusassem as três tentativas, feitas pelos emissários castelhanos para os atraírem à obediência ao antipapa de Avinhão, relatadas por Júlio César Baptista, no estudo sobre *Portugal e o Cisma do Ocidente*, no tomo I da revista *Lusitania Sacra*, no remoto ano de 1956.

Creemos que este excursão sobre a posição de D. Lourenço Vicente, face aos primórdios e o desenvolvimento do *Cisma do Ocidente*, além de ser, geralmente, desconhecido, contribuirá para admirarmos mais ainda a sua fidelidade à Igreja e o seu esforço de renovação espiritual da Arquidiocese.

Regressado a Braga, devidamente reintegrado nas suas funções arceiepiscopais, prosseguiu o trabalho antes iniciado, e, em 11 de Julho de 1380, estava, de novo, em visita pastoral, no mosteiro de S. João de Arnóia, onde verificou que, além de os monges não terem cumprido o disposto nos capítulos da visita anterior, em alguns pontos tinham agido de forma contrária. A título de exemplo e por brevidade, recordemos que, apesar de o Prelado os ter proibido de admitirem novos monges sem a sua autorização, verificou que, entretanto, tinham admitido mais três. Não é que o Arcebispo não quisesse o aumento de monges, mas pretendia que se procedesse à sua prévia e adequada selecção por ele supervisionada. Tomou, por isso,

Continua na pág. seguinte

Continuação da pág. anterior

medidas severas contra o abade e os monges e, a fim de debelar a ignorância da Regra, ordenou-lhes «que soubessem sua Regra de cor» e observassem a vida comunitária, tomando as refeições no refeitório e pernoitassem em dormitório sem celas.

Nas visitas efectuadas aos mosteiros de Pombeiro e Refojos de Bastos, verificou que também aí havia infracções similares a corrigir, no âmbito da vida comunitária e da vida religiosa.

A vida monástica, ao longo da segunda metade do século XIV, era também duramente perturbada pelas quebras demográficas e diversas carestias e, sobretudo, pela pressão dos nobres e poderosos, situações que D. Lourenço Vicente se viu obrigado a expor a D. Fernando, que, então, se encontrava em Salvaterra de Magos.

Apesar disso, neste contexto, emerge a solicitude de D. Lourenço Vicente pela defesa das instituições monásticas e da liberdade da Igreja, antes das perturbações causadas pela Crise da Independência, tendo prosseguido nessa linha até à sua morte, em 1397, constituindo mais um poderoso factor dignificante da sua memória.

Como observámos, D. Lourenço Vicente defrontou as dificuldades que lhe causaram com a sua suspensão / deposição e a pressão feita pelos emissários de Castela, no sentido de atraírem o Rei D. Fernando e a Hierarquia Portuguesa para a obediência ao

antipapa de Avinhão e tudo sofreu. Sofreu, no entanto, as consequências causadas na sua Arquidiocese pela deserção de muitas dezenas de clérigos beneficiados, que, desde o início do Cisma do Ocidente, mais rigorosamente, entre Novembro de 1378 e Outubro de 1394, abandonaram a Arquidiocese e solicitaram benefícios aos dois primeiros antipapas de Avinhão, em dioceses portuguesas e noutras de vários reinos hispânicos, ausências que muito perturbaram a vida pastoral diocesana, mas tudo suportou em plena união com Roma.

Embora nas Súplicas dirigidas por estes clérigos ao antipapa de Avinhão, sobretudo, após a eclosão da Crise dinástica, nos finais de 1383, se invoque como razão da saída de Portugal o facto de o Rei obedecer ao Papa de Roma, por eles considerado cismático, maldito e intruso, afirmações destinadas a sensibilizar o destinatário das Súplicas, não deveremos esquecer que, em muitos casos, os verdadeiros motivos da saída do Reino seriam, em grande parte, de natureza política.

A dedicação e fidelidade de D. Lourenço Vicente à causa nacional foi também exemplar, desde o início das diversas opções, tomadas pelos candidatos à sucessão de D. Fernando, pois sempre apoiou D. João, Mestre de Avis, inclusive, na organização da armada de defesa da cidade de Lisboa contra a armada castelhana, de que tinha sido incumbido, e no campo de batalha de Aljubarrota, como referimos e é desnecessário repetir, atitudes que D. João, Mestre de Avis, Regedor e Defensor do Reino, reconheceu e procurou compensar-lhe com a doação do senhorio e da alcaidaria da Lourinhã, por carta datada de Lisboa, em 10 de Outubro de 1384, bens e dignidade militar confiscados a Gonçalo Vasques de Azevedo, que tinha aderido a D. Beatriz e a D. João I de Castela.

Na parte final da sua vida, há aspectos, constantes do seu testamento – cujo original se encontra no Arquivo de Ponta Delgada, conservando-se, no Arquivo Distrital de Braga / UM apenas uma pública-forma, que tivemos oportunidade de publicar – aspectos, dizíamos, nomeadamente, quanto às construções, dotações e regulamentos das suas capelas na Sé de Braga e da Lourinhã, que não é possível sintetizar aqui. Quanto às disposições acerca dos bens possuídos na sua terra natal e à capela aí mandada fazer, além de acautelarem o futuro dos bens, que não deveriam passar para a

mãe de D. Branca, sua filha, nem para seus colaterais ou parentes da mesma, estabeleceu, em pormenor, os sufrágios a cumprir anualmente¹⁰. Além da menção da capela aí construída, a pensar na memória dos seus familiares, não deveremos esquecer que, segundo a tradição local, a ele se ficou a dever também a conclusão da igreja gótica de Santa Maria do Castelo (figs. 3 e 4).

Maior atenção prestou, no testamento, à sua capela funerária, na Sá de Braga, merecendo particular relevo os inventários dos livros e cadernos a ela doados – alguns com notação musical –, sendo um do ofício da festa do Corpo de Deus, bem como os das alfaias litúrgicas e das pratas com que a dotou¹¹.

Apresentadas estas notas dispersas sobre a vida e obra deste grande Arcebispo de Braga, na expectativa de divulgarmos aspectos menos conhecidos, apraz-nos felicitar o Município e as Instituições Culturais da Lourinhã e outras a elas associadas pela evocação da memória de D. Lourenço Vicente, na passagem dos 620 anos da sua morte, na certeza de que, em Braga, deixou o melhor testemunho da sua fidelidade à Pátria e à Igreja.

José Marques

¹ LOPES, Fernão, Crónica de D. João I, vol. II, cap. XLI, Porto, Livraria Civilização, 1945, pp. 103-104.

² MARQUES, José, O testamento de D. Lourenço Vicente e as capelas na Sé de Braga e na Lourinhã, in Homenagem, à Arquidiocese Primaz nos 900 Anos da Dedicação da Catedral, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp. 185-239, sobretudo, pp. 207-208.

³ LOPES, Fernão, Crónica de D. João I, vol. I, cap. XII, Porto, Livraria Civilização, 1945, pp. 27-30.

⁴ Synodicon hispanum, dirigido por António Garcia y Garcia, vol. II, Portugal, Madrid, Biblioteca de Autores Cristãos, 1982, pp. 54-57.

⁵ MARQUES, José, Portugal e o Concílio de Basileia, in Revista Portuguesa de História, tomo 36, vol. 1, Coimbra, Faculdade de Letras, IHES, 2002-2003, dd.71-88.

⁶ MARQUES, José, O estado dos mosteiros beneditinos da arquidiocese de Braga, no século XV. Separata de Bracara Augusta, vol. 35, Jan. - Dez., 1981, pp. 12-17.

⁷ IDEM, Ibidem.

⁸ IDEM, D. Lourenço Vicente visto de Avinhão, in THEOLOGICA, 2.ª Série (1998), pp. 341-365.

⁹ MARQUES, José, O testamento de D. Lourenço Vicente..., in O. c., pp. 216-217.

¹⁰ MARQUES, José, O testamento ..., in O. c., pp. 207-208.

¹¹ MARQUES, José, O testamento ..., in O. c., pp. 196-199 e 212-215.

PASSATEMPO

PALAVRAS CRUZADAS

		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	■					■						■
2		■										■
3			■								■	
4				■					■			
5	■				■							
6						■						■
7						■						
8				■						■		
9			■								■	
10	■											■
11						■						■

Horizontais: 1. Cama lona para transporte marinheiros para descanso, magnete natural; 2. Espécie de linçe selvagem; 3. Sorri, apertar, para mim; 4. Nome de mulher, consoantes dobradas, dificuldades; 5. Ensejo, traço direito; 6. Azedo, ave; 7. Agreste, porco; 8. Ligação, superfície extensa, chefe etíope; 9. Laçada, país africano, artigo [pl.]; 10. Destreza; 11. Semblante, país Asiático (inv.).
Verticais: 1. Medida agrária, picadeiro; 2. Puro; 3. Antes Cristo, estéril, Deus grego; 4. Óxido cálcio, composição, observar; 5. Sulcar a terra, pontaria; 6. Desabrido. Mestre; 7. Erguem cresspo; 8. Abismo, gracejar, camareira; 9. Outra coisa, introduzir; 10. Carnificina; 11. Passadio, embarço.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras escrever em qualquer sentido a expressão:
“Ao menino e ao borracho põe Deus a mão por baixo”

A	S	A	O	T	R	E	W	Q	E
S	B	S	D	C	O	A	M	F	D
G	X	O	A	S	D	F	G	H	P
C	V	B	R	Q	W	A	R	S	O
O	S	A	R	R	T	S	O	X	E
N	A	S	D	F	A	X	P	A	S
I	G	H	J	K	J	S	Z	A	O
N	B	A	I	X	O	T	C	T	H
E	Z	X	C	V	B	N	M	O	D
M	A	S	S	U	E	D	Z	X	H

CHARADAS

Combinadas

- ___ + LA = Engaste de anel
- ___ + MA = Lodo
- ___ + LE = Palpite
- ___ + RA = Perda de valor de mercadoria

Conceito: **Construção lacustre sobre estacas**

Quadrado

■	■	■	■	■
■	■	■	■	■
■	■	■	■	■
■	■	■	■	■
■	■	■	■	■

- = Colar
- = Momento histórico
- = Ave pernalta
- = Iguaria massa feijão cozido
- = Motivo

PROBLEMA

No tracejado indicar nomes de serras de Portugal

___ J ___	___ M ___
___ O ___	___ E ___
___ R ___	___ L ___
___ N ___	___ G ___
___ A ___	___ A ___
___ L ___	___ C ___
___ D ___	___ O ___
___ E ___	

Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo, Porto

CHARADAS Combinadas: PA+LA+FI+TA = PALAFITA
Quadrado: Pagar - Época - Guraz - Acara - Razo
PROBLEMA: Soajo - Marofa - Monchique - Arrábida - Abão - Caldeirão - Freixa - Caramulo - Padrela - Alvelos - Geres - Geres - Cabreira - Cercal - Bormes

H	X	Z	D	E	S	V	A	M				
D	O			N	B	V	C	X	Z	E		
H												

Viagem a Cuba Colonial

Havana, Cienfuegos e Trinidad – 24 e 25 de Agosto de 2017

Antes de terminarmos o nosso périplo por Havana, vamos corrigir o lapso, cometido na crónica do mês passado, relacionado com o desenvolvimento económico da Praça de S. Francisco de Assis, associado à chegada dos galeões espanhóis vindos das «Índias» e, não da Índia, como registámos. Acontece que os descobridores começaram a chamar «Índias» às terras recém-descobertas do Novo Mundo, supondo ter encontrado as terras do Oriente. Quando caíram na conta do engano, passaram a designá-las por «Índias Ocidentais», nomeadas posteriormente por América.

Em Havana, sentimos e apreciamos sobretudo o legado arquitectónico da época colonial, a vitalidade de Cuba. Diferente, porém, é o Centro Havana, zona do período revolucionário, densamente povoada (170000 habitantes, somente em 3 km²), também a mais pobre, com edifícios como caixas e viduas à margem dos turistas!

Fora deste pequeno cosmos, observámos o Capitólio Nacional. Domina do alto, e é semelhante ao de Washington, embora mais elegante e rico, segundo os guias! Demorou três longos anos a construir, nos princípios do século XX, para ser sede do Congresso Cubano. Perdeu, no entanto, esse estatuto, em 1959, com Fidel Castro, que lá albergou a Academia de Ciências e a Biblioteca Nacional de Ciência e Tecnologia.

Logo a seguir, acenou-nos o Museu Nacional de Belas Artes, instalado num lindíssimo edifício, o qual cruza vários estilos; depois o Museu da Revolução, outrora palácio presidencial, construído entre 1913 e 1920, possuindo a famosa Sala de Espelhos, desenhada à semelhança da do Palácio de Versalhes!

Surpreendeu-nos o Passeio de Martí ou Prado, a primeira avenida fora dos antigos muros, concebido, entre 1770 e 1830, segundo os de Paris ou de Barcelona. Do cimo dos pilares da entrada principal, dois leões de bronze vigiam-na calmamente.

Não pudemos visitar a Real Fábrica de Tabacos, conhecida pelo nome do seu fundador espanhol Partagás, em 1845, por se encontrar em obras, mas estivemos na sua sede temporária a comprar cigarros ou charutos, recomendados, aliás, como os mais naturais.

Continuámos o nosso itinerário passando pelo Vedado, antigo bosque protegido. É o núcleo comercial de Havana e o bairro residencial por antonomásia. A sua população actual é de 175000 habitantes aproximadamente.

Das ruas bem traçadas, surgiram, na década de 1860, as primeiras moradias e, mais tarde, no início do século XX, alguns arranha-céus a lembrar Nova Iorque ou Miami! É atravessado pela Avenida Passeio e Avenida dos Presidentes. Ambas desembocam na via marginal: Malecón ou Av. de Maceo. Destas duas Avenidas paralelas atinge-se rapidamente a Praça da Revolução.

O Vedado alcançou o seu auge económico entre 1920 e 1950, visivelmente marcado com grandes hotéis e até casinos. Nessa boa conta está o Hotel Nacional, edifício histórico de *art deco* e neoclássico de 1930. Nele, Fulgêncio Baptista depôs, em 1933, por golpe de estado, o governo de Geraldo Machado com a cooperação do embaixador americano que ali residia. Neste mesmo hotel, em 1946, outro acontecimento ocorreu, relacionado com a mafia. Os gângsteres reuniram no hotel todos seus membros norte-americanos sob pretexto de assistir a um concerto de Frank Sinatra. O espaço reservado ao casino foi ocupado pelo actual Cabaré Parisiense.

O Hotel Havana Hilton, do período modernista, foi tomado pelos revolucionários de Fidel Castro, em 1959, nove meses após a sua inauguração. Dele Fidel Castro governou Cuba, e nomeou-o «Habana Libre».

O edifício Focsa (1954 a 1956) construiu-se utilizando tecnologia informática pioneira, de tal modo



que foi considerado, em 1999, uma das sete maravilhas da engenharia moderna de Cuba, como arranha-céus de trinta e nove andares. Foi a segunda maior estrutura de cimento do mundo, erigida sem recorrer a gruas! Encontra-se restaurado, e, no último piso, funciona o restaurante “La Torre”, um dos mais notáveis da Cidade.



Ainda no Vedado, lançámos o olhar sobre a Universidade de Havana, aqui localizada desde 1902. Nasceu, porém, em 1728, da iniciativa dos Dominicanos em Havana Velha, passando para o Estado em 1842. São vários os cursos que lá se administram, e é frequentada por aproximadamente 30000 estudantes.

A Praça da Revolução, gigantesca, foi projectada pelo urbanista francês Jean Claude Forestier, em 1920, durante o governo de Fulgêncio Baptista. Era conhecida por Praça Cívica até à Revolução de 1959, e formava parte da «nova cidade» de Havana. Hoje o Governo Cubano tem ali a sua sede. É lugar de grandes celebrações, principal-

mente, políticas. Dela divergem avenidas para o Vedado, Parque da Fraternidade em Centro Havana e rio Almendares. No centro da Praça, levanta-se o memorial a José Martí, com 138,5 metros de altura, do qual faz parte a sua estátua de mármore com 17 metros, na posição de sentado e pensativo.

Parámos para visitar o Parque

da Fraternidade. Respira-se a tranquilidade das árvores gigantes de ramagem frondosa. Encontrámos bustos de políticos estrangeiros, como Mahatma Gandhi, os quais embelezam o espaço verde.

A Necrópole Cristóvão Colombo é um monumento nacional devido à importante iconografia religiosa de mármore. É um dos cemitérios maiores da América com 56 hectares.

O passeio marítimo de Havana, num total de 8 km, é interessante pela vista que se alonga pelo mar. É o Malecón ou Avenida de Maceo. Foi traçado no século XX para lazer da classe média. Cresceu e depressa se uniu ao Vedado.

Regressámos ao hotel de automóvel pela famosa 5ª Avenida. Foi surpreendente ver chegar carros e mais carros, enormes e chiques a valer! Começaram a perfilar na rua onde nos encontrávamos. Espantados com aquelas máquinas, imunes à erosão do tempo, apercebemo-nos de que fámos viajar de Chevrolet, Buick, ... enfim, um cenário irreal! Mas não, lá entrámos, e elas, ruidosas, e poluentes, rompiam, buzonavam, causando momentos de delírio.

À noite assistimos a um espectáculo cubano sem qualidade e muito caro!

No dia seguinte, partimos para Trinidad, a 250 km de distância de Havana, passando por Cienfuegos, cidade situada na baía de Jágua, na costa sul do Mar das Caraíbas. Com 166 mil habitantes, aproximadamente, é conhecida por «Pérola do Sul». A sua história relaciona-se com os povos aborígenes, os taínos, os quais lhe chamaram «cacicazg» de Jágua, topónimo a significar beleza; com Cristóvão Colombo, que, na sua segunda viagem ao Novo Mundo, em 1494, ‘descobriu’ a baía de Cienfuegos, a terceira maior de Cuba (88 km de extensão); e com Sebastião de Ocampo, quando, em 1508, circum-navegou a Ilha. Maravilhado, construiu, por lá, uma habitação. A Cidade também não ficou imune às incursões dos piratas, nos séculos XVI e XVII, factos que levaram os Espanhóis a defenderem a baía, erigindo o castelo de Jágua, edificação militar importante de Cuba. (cont.)

Maria Nadalete da C. Lopes.



Situação política actual



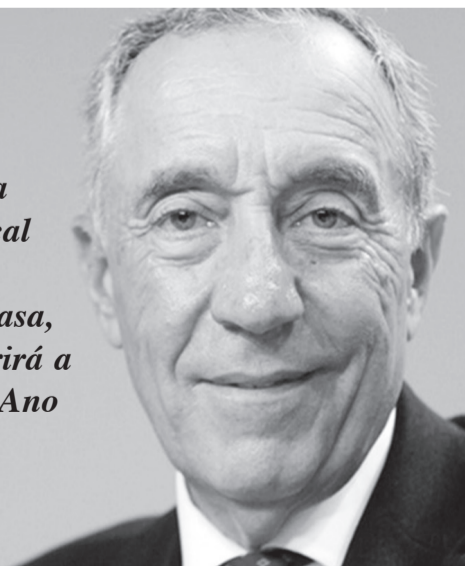
Os contínuos sinais dados pelos partidos da esquerda fazem-nos crer ser pouco provável um acordo igual ao de 2015 que deu origem à "Geringonça", após as próximas eleições de 2019. Já com grande parte do programa cumprido, a devolução de rendimentos, a reversão das medidas do anterior governo e a saída do austero Passos Coelho que deu origem a um acordo inédito do PS, PCP, BE e Verdes para a viabilização parlamentar de um governo do PS minoritário, os dados políticos dos últimos tempos vão ficando claros. Gerônimo de Sousa do PCP ainda há poucos dias disse que pós 2019 não haverá acordo comunista nos moldes de 2015 e Costa se não ganhar com maioria ficará com um executivo minoritário de vida curta. O Bloco caminha igual. Catarina Martins disse esta semana ao Expresso: "O PS é permeável aos grandes interesses económicos e isso vê-se na medida da energia, (taxa sobre as renováveis), na recusa de mudar a legislação laboral e também na

forma como continua a proteger o sector privado da saúde, num momento em que era necessário olhar mais pelo SNS". Também no próximo ano será eleito o novo líder do PSD, ou Rio ou Santana. Perante isto o que sobra ao PS? Tentar uma maioria absoluta nas urnas em 2019. É certo que Costa e o PS estiveram em alta nestes últimos dois anos, mas os tropeços dos incêndios do verão, com mais de 100 mortos, as armas roubadas em Trancos, as dezenas de mortes no hospital S. Francisco Xavier (legionella), o mal estar dos professores, dos enfermeiros, funcionários públicos e forças de segurança e por último o escândalo da Fundação Raríssimas e a isenção do IVA dos partidos políticos tiraram-lhe a popularidade e se António Costa não ganhar novo folgo pode chegar a 2019 ou antes e morrer na praia...

Feliz Ano Novo 2018. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Dezembro 2017
Abílio Francisco Conde

«O Presidente, depois de operado a uma hérnia umbilical encravada já recupera em casa, de onde proferirá a Mensagem de Ano Novo 2018».



MONGÓLIA, UM PAÍS DE NÓMADAS - III

Para norte a descobrir um lago imenso

Na imensidão da Mongólia percorrer distâncias enormes, centenas de quilómetros, é a regra para conseguir uma mudança de cenário ao encontro das suas belezas naturais. Este país contem em si um grande valor histórico como herdeiro do espantoso Império Mongol, tendo sido habitado por importantes tribos nómadas das quais se destacam na memória dos povos os hunos e os turcos.

As províncias chamam-se "Aimag"...

Para tomar consciência da enorme extensão da Mongólia é bom olhar para o mapa e perceber a divisão em províncias ou "Aimag". O objectivo da nossa próxima etapa será o "Aimag" Khovsgol, localizado bem a Norte. O grande lago Khovsgol ao centro é o que iremos visitar a seguir. A área do "Aimag" é de 100,628 km² maior do que Portugal que ocupa 92000 km² incluindo Açores e Madeira. Estes números dão uma ideia das distâncias!

O "Aimag" mais importante embora o mais pequeno em área é o da capital, Ulaambaatar.

As cidades são raras e as pequenas vilas muito afastadas entre si. Após o desaparecimento da URSS aumentaram as relações económicas com a China, onde se situa a chamada Mongólia Interior, esta como província chinesa. Maioritariamente possui o mesmo tipo étnico de população.

As atividades primárias são a base da economia nacional, com destaque para a criação de gado, em enormes rebanhos a percorrer estepes. Existem ainda receitas provenientes da exploração das minas de ouro e cobre, além de algum urânio. Continuam a existir grandes dificuldades e a economia é frágil.

A língua oficial é o mongol mas continua escrita em caracteres cirílicos, adoptados durante o longo domínio russo. É reconhecida também a língua cazaque, embora os mongóis sejam cerca de 90% e os cazaques 4%, além de chineses, russos e outros.

As práticas religiosas nas estatísticas registam como praticantes do budismo-que era a religião dominante no início do século XX-cerca de 25% da população, mantendo-se crenças tradicionais, por exemplo xamanismo, em 32% e sem religião cerca de 30%. De referir que algumas estatísticas atribuem 5% ao islamismo e ao cristianismo 1,5%.

Tugrik, a moeda em molhos de notas.

Tantas notas, tantas, tantas todos os dias em todos os bolsos!



Sede da Prefeitura católica localizada em Ulaambaatar, abrange todo o território da Mongólia, ligada directamente à Santa Sé, para um número muito reduzido de católicos.

Qual a equivalência? Se pensarmos que um euro vale 2880 tugriks na cotação actual, imaginem a complicação dos cálculos para comparar os preços! E a quantidade de notas que obtínhamos nas conversões de moeda? Nem imaginam! Se uma bica das nossas fosse 60 cêntimos valeria 1728 Tugriks! Um trabalho só a contar notas.

Um voo para Norte

Regressados de Karakorum a Ulaambaatar, e dadas as distâncias, conseguiu-se lugar num voo interno da companhia mongol Hunnu Air. Um avião a hélice que levantou com cerca de hora e meia de atraso sem grandes explicações. Constatamos ao entrar que tinham estado a desmontar dois bancos no interior do avião para improvisar um espaço que, no regresso, permitisse um transporte em maca. Economia e rentabilidade de meios.

O voo levou hora e meia a percorrer para Norte os 750 km¹ até ao aeroporto de Moron, capital do "Aimag" Khovsgol. Neste voo não podíamos levar a bagagem normal apenas um reduzido volume na cabine e o resto da bagagem ficou nas carrinhas: os motoristas seguiram para Norte nessa mesma noite levando as nossas bagagens. Um percurso bem longo para eles enquanto nós ficamos a dormir em Ulaambaatar.

No dia seguinte depois do voo, à saída do aeroporto de Moron, ao fim da manhã seguinte que confortável surpresa: encontrar os motoristas com as carrinhas e as bagagens à saída do aeroporto!

Faltavam ainda percorrer 100 km por estrada, até chegarmos ao Lago Khovsgol, o nosso destino final e o ponto mais importante desta província.

Almoçamos pelo caminho, não muito distante da cidade de Moron, num restaurante de nome Edelweiss, a flor nacional de Mongólia. Uma flor branca de montanha, que na Suíça se tornou uma espécie protegida.

Lago Khovsgol

O registo na nossa memória da distância percorrida desvaneceu-se por encanto quando chegámos ao destino: à nossa frente desdobrava-se um lago enorme, sem fim à vista, enquadrado ao longe por montanhas com os cumes cobertos de gelo e envolvido ao perto por florestas, à beira de água, a evidenciar o Outono nas folhas das árvores de todas as cores e que a água do lago reflectia em espelho na superfície do lago. Uma paisagem lindíssima, fascinante.

A nossa instalação de alojamento era numa espécie de pequeno aldeamento de "ghers" preparados na verdade para turistas no Verão, mas já com o sossego de fim de época, e onde podíamos dispor não só de duche, mas ainda de sauna!

Acima de tudo fascinou-nos contemplar e percorrer as margens deste lago lindíssimo de uma beleza quase surreal: ao pôr do Sol, ao nascer do Sol, a qualquer hora, o olhar ficava preso, magnetizado. Contemplar o lago, as florestas em sinfonia de cores douradas de Outono, o céu enorme de um azul ímpar a gerar nuvens brancas em leve movimento para onde o olhar era atraído, fascinado.

Inesquecível e difícil de descrever. Seguem algumas fotos como

Um lago de água doce que merece um destaque especial pela sua importância, o seu tamanho, a sua beleza, sendo tradicionalmente considerado sagrado, numa terra que sofre de condições áridas por vezes severas, e onde muitos dos lagos são salgados. Situado bem a Norte da Mongólia e já perto da fronteira com a Rússia, a 1645 m de altitude, não é na verdade, um lago qualquer: é o segundo maior lago de água doce em volume em toda a Ásia, logo a seguir ao Lago Baikal, e detém quase 70% da água doce da Mongólia e 0,4% de toda a água fresca no mundo. Com 136 km de comprimento e uma profundidade máxima de 262 m tem pouca variedade de peixes.

¹ Para comparação: Lisboa- Madrid são 625 km.

MONGÓLIA, UM PAÍS DE NÓMADAS - III



Brasão e Bandeira da Mongólia. O cavalo como símbolo central

Continuação da pág. anterior

No inverno a sua superfície congela e a espessura de gelo é então suficientemente forte para sustentar veículos pesados mas que, agora, estão proibidos de atravessar.

A beleza do enquadramento deixa-nos sem palavras: rodeado de montanhas com mais de 3000m no horizonte longínquo, com a água a reflectir montanhas, céu de um azul sem fim, nuvens espantosamente brancas, que nunca vi como na Mongólia, e junto de nós, espelhadas na água e á nossa volta, florestas de árvores em pleno outono, a desdobram-se em tons de amarelos e avermelhados, misturados com verdes... uma beleza incrível. Uma paisagem fascinante a qualquer hora do dia mas que nos fez madrugar para as fotos ao nascer do sol e ficar perdidos ainda com a luz do fim do dia.

Os mais afoitos, digo antes afoitas, mergulharam nas águas bem frias do lago tão grande que até gerava pequenas ondas a quebrar nas suas margens.

O lago é tradicionalmente considerado sagrado numa terra que sofre de condições áridas e onde a maioria dos lagos são salgados.

Aquecer o ambiente em "ghers" de feltro

Segunda quinzena de Setembro. Outono na Mongólia. As noites já eram tão frias nestas altitudes à volta dos 1500m que, ao nascer do Sol, a temperatura fora do "gher" registava valores muito próximos de zero ou mesmo negativos.

E perceber como nos protegia o "gher", uma casa desmontável onde passávamos a noite? Baseia-se numa leve estrutura de madeira na forma de um cilindro encimado por um cone. As "paredes" são camadas de um espesso tecido de feltro de pelo de camelo ou de iaque ou de lã.

No centro do espaço está uma salamandra em ferro, com a sua chaminé metálica na vertical a atravessar o tecto cónico destes engenhosos abrigos. São alimentadas a lenha bem seca e constituem o recurso tradicional: são acesas ao cair da noite e reabastecidas quando nos deitamos. A questão é que a madeira seca arde muito depressa porque a tiragem é ótima e liberta imenso calor, mas ao fim de duas horas pede reabastecimento e a meio da noite apaga-se. Por isso bem podíamos ter um saco cama bem quente com mantas por cima, e camisolas enfiadas a prevenir o frio da madrugada que, às vezes, no exterior, às sete da manhã, ia a



O Lago ao longe entre tons de Outono e um rio corre em baixo no vale



Os cavalos mongóis ao fim do dia nos quais montamos para subir o monte e ver uma paisagem fantástica



Lago Khovsgol no Outono mongol



Quando saíamos de manhã a temperatura rondava os 0 graus...



Os nossos ghers junto ao Lago Khovsgol ao nascer do sol. O fumo das salamandras vê-se a sair pela chaminé central de um deles.



Os reflexos na água do Lago



A sentir o Outono em todo o seu esplendor ao subir a cavalo para observar uma paisagem incrível



Cores de Outono a N da Mongólia



Um gher mostruário de tapetes mongóis



Sketch de refeição servida no gher



Ao acender a salamandra a nossa mongol fica com o rosto iluminado

zero graus ou menos antes do nascer do sol...

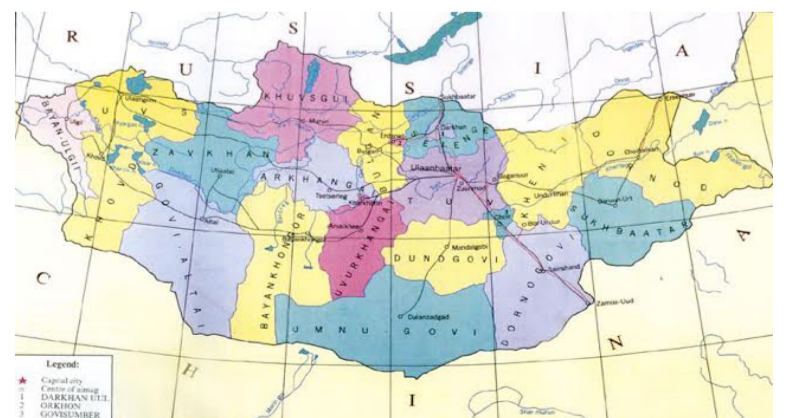
Montar cavalos mongóis

Inesquecível também nesta zona do lago, a subida de uma longa encosta, montando cavalos mongóis, pelo meio das florestas douradas. Chegamos ao alto, desemos dos cavalos num ponto de observação belíssimo, uma paisagem muito extensa e quase à hora do pôr do sol. Florestas douradas, um rio no fundo do vale, as cadeias de enormes montanhas nevadas no

horizonte. A Natureza em estado puro, quase sem respirar, entre o silêncio e a imensidão, conduzem a uma contemplação sempre inacabada!

E a viagem continua no próximo capítulo.. Rumo ao Sul, para as dunas gigantes do extensíssimo Deserto de Gobi, passando por uma visita ao vale dos dinossauros, e o percurso pelas belezas naturais do Parque protegido da Paisagem Cultural do Vale de Orkhon, Património classificado pela Unesco.

M. J. Lobo, Dez 2017



Mapa das distritos administrativos da Mongólia. No Aimag mais a N, a rosa, o enorme lago Khovsgol e a Sul três Aimag indicam o deserto de Gobi (Govi)